



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**  
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

**MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS**  
**Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica**

**MARIA LUÍSA DA COSTA AGUIAR**

***Do Ignoto Deo à Sarça Ardente:***  
**um Deus que se dá a conhecer**

**Contributo para a Unidade Letiva “As Religiões” do**  
**Programa da disciplina de Educação Moral e Religiosa**  
**Católica para o sétimo ano de escolaridade**

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada**  
**sob orientação de:**  
**Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Isabel Pereira Varanda**

**Braga**  
**2018**

Aos meus pais...

“creia ou não creia, não posso viver sem Deus.  
Deus é a minha força, o meu refúgio, a minha companhia.  
E nada sei sobre Deus, - nem mesmo se existe!”

José Régio

## AGRADECIMENTOS

Neste momento, não posso deixar de agradecer a todos os que contribuíram, direta ou indiretamente, para que a realização deste meu trabalho de dissertação se tornasse possível.

Agradeço particularmente:

À minha orientadora, Professora Doutora Maria Isabel Pereira Varanda, pela sua permanente disponibilidade, pela atenta orientação e estímulo;

À professora cooperante, Dra. Eugénia Sofia Serra Monteiro Sousa, pelo acolhimento humano e presença constante;

Às companheiras de estágio e colegas de curso, pelo caminho feito e pelo ultrapassar de mais uma etapa;

Aos alunos da turma B do sétimo ano da Escola EB 2/3 de Nogueira, agradeço o carinho com que me acolheram;

À Doutora Isabel Cadete Novais, pela partilha de saber a que jamais se escusou, permitindo-me ver outras perspetivas de análise e de crítica;

A todos os meus amigos, pela compreensão e interesse que manifestaram durante o tempo que este trabalho me ocupou;

Ao José, pelo seu amor e alegria contagiante;

Aos meus pais.

Ao pai, pela presença silenciosa, mas atenta;

À mãe, pelo colo, quando o desânimo surge, quando a fé esmorece, quando as lágrimas escorrem.

Para eles.

Ao meu Anjinho, esteja ele onde estiver, agradeço a proteção e a vida.

## RESUMO

Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa constitui uma das Metas Curriculares do Programa da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica. Nesse sentido, no decorrer deste trabalho, procuraremos refletir sobre a dimensão religiosa do ser humano e sobre função da religião na vida das pessoas. Para tal, depois de caracterizar a atual sociedade, sugerimos fazer caminho com aqueles a quem Deus se revelou, nomeadamente, Abraão e Moisés, sem esquecer o expoente máximo da Revelação, Jesus Cristo. De seguida, José Régio apresenta-nos a relação inquietante, conflituosa, perturbadora que tinha com Deus, para sempre gravada nas páginas da sua vasta obra literária.

Por fim, importa refletir sobre o Programa de EMRC e do contributo desta disciplina para a formação integral da pessoa humana. A partir do enquadramento criado, apresenta-se no final uma proposta de lecionação para a Unidade Letiva 2 “As Religiões” para o sétimo ano de escolaridade.

**PALAVRAS-CHAVE:** sociedade; *ignoto deo*; sarça ardente; José Régio; religiões; EMRC.

## ABSTRACT

Understanding what religious phenomenon and religious experience are is one of the Curriculum Goals of the Catholic Moral and Religious Education (EMRC) Program. In this way, in the course of this work, we will try to reflect on the religious dimension of the human being and on the function of religion in people's lives. For this, after characterizing the present society, we suggest to make way with those to whom God revealed Himself, namely Abraham and Moses, not forgetting the ultimate exponent of the Revelation, Jesus Christ. Then, José Régio, presents us with the disturbing, conflicting, disconcerting relationship he had with God, forever engraved on the pages of his vast literary work.

Finally, it is important to reflect on the EMRC Program and the contribution of this subject to the integral education of the human person. From the framework created, we present at the end a teaching proposal for teaching unit 2 "The Religions" for the seventh year of schooling.

**KEYWORDS:** society; *ignoto deo* (unknown God); burning bush; José Régio; religions; EMRC.

## ABREVIATURAS, ACRÓNIMOS, SIGLAS E TERMOS LATINOS

<b>AAS</b>	Acta Apostolicae Sedis
<b>Act</b>	Actos dos Apóstolos (Livro da Bíblia)
<b>AESAS</b>	Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio
<b>Bar</b>	Livro de Baruc (Livro da Bíblia)
<b>CD</b>	Compact disc
<b>Cf.</b>	Confer /Conferir
<b>Coord.</b>	Coordenado por
<b>Cor</b>	Carta aos Coríntios (Livro da Bíblia)
<b>Ct.</b>	Cota
<b>Des.</b>	Desenho
<b><i>Deus caritas est</i></b>	Deus é amor
<b>Dir.</b>	Dirigido por
<b>DUDH</b>	Declaração Universal dos Direitos Humanos
<b>Dt</b>	Deuteronómio (Livro da Bíblia)
<b>EB</b>	Ensino Básico
<b>Ed.</b>	Edição
<b>EE</b>	Encarregado de Educação
<b>Ef</b>	Carta aos Efésios (Livro da Bíblia)
<b><i>Emojis</i></b>	junção de imagem e letra, transmitindo uma palavra ou frase
<b>EMRC</b>	Educação Moral e Religiosa Católica
<b>Est.</b>	Estância ou estrofe
<b>Et al</b>	E outros
<b>Ex</b>	Êxodo (Livro da Bíblia)
<b>Fig.</b>	Figura
<b>Gn</b>	Génese (Livro da Bíblia)
<b>Heb</b>	Carta aos Hebreus (Livro da Bíblia)
<b><i>Ibidem</i></b>	No mesmo lugar, na mesma obra
<b><i>Ignoto deo</i></b>	Deus desconhecido
<b><i>In statu nascendi</i></b>	Estudo da origem
<b>JI</b>	Jardim de Infância
<b>JMJ</b>	Jornadas Mundiais da Juventude
<b>Jo</b>	Evangelho de São João (Livro da Bíblia)

<b>LBSE</b>	Lei de Bases do Sistema Educativo
<b>Lc</b>	Evangelho de São Lucas (Livro da Bíblia)
<b>Mc</b>	Evangelho de São Marcos (Livro da Bíblia)
<b>Mt</b>	Evangelho de São Mateus (Livro da Bíblia)
<b><i>Ne varietur</i></b>	Para não variar; que tem uma forma de redação definitiva
<b>N.º</b>	Número
<b><i>Online</i></b>	Em linha; que tem ligação direta a uma rede informática para ligar computadores a nível mundial
<b>Org.</b>	Organizado por
<b>Pág.</b>	Página
<b>PES</b>	Prática de Ensino Supervisionada
<b><i>Primus inter pares</i></b>	o primeiro entre iguais
<b>Q.</b>	Questão
<b>Rm</b>	Carta aos Romanos (Livro da Bíblia)
<b>s.d.</b>	Sem data
<b>SNEC</b>	Secretariado Nacional de Educação Cristã
<b><i>Stickers</i></b>	Etiquetas
<b>UL</b>	Unidade Letiva
<b>v.</b>	Versículo
<b>vs.</b>	Verso
<b>www</b>	World Wide Web

## INTRODUÇÃO

*Do Ignoto Deo à Sarça Ardente: um Deus que se dá a conhecer* é o título do presente Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada e em torno do qual decorrerá a nossa reflexão.

Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa constitui uma das Metas Curriculares do Programa da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC). As Metas estabelecem o que se pretende que os alunos aprendam. Deste modo vamos construindo o nosso itinerário de reflexão, tentando responder a duas questões iniciais que se circunscrevem à dimensão religiosa do ser humano e à função da religião na vida das pessoas.

Desde que o Homem tem consciência da sua relação com os outros e com o espaço em que habita, que o papel do sagrado é fundamental na sua vida de todos os dias. Essa relação com o sagrado é a religião. Através dela, o ser humano, ao longo dos tempos, tem procurado respostas para as grandes questões existenciais: Quem sou? De onde venho? Para onde vou?

O ser humano é um ser religioso (*animal religious*), que sempre se questionou sobre a sua existência, sobre o sentido da vida e sobre o que está para lá do visível, procurando encontrar respostas para todas as suas interrogações. A procura do Transcendente, do Sagrado, de Deus, é uma questão humana de carácter universal.

Desta procura nasce a religião.

As religiões, na sua diversidade e pluralidade, estão na origem de diferentes concepções da vida e do mundo. Tanto as religiões politeístas (crença em vários deuses) como as monoteístas (que admitem a existência de um só Deus) acompanham a história da humanidade desde as mais remotas épocas, sendo um fenómeno comum a todas as culturas primitivas e constituindo a resposta da pessoa à interpelação do Absoluto.

O conceito de religião é um conceito amplamente debatido e espelha a manifestação da relação com Deus, apresentando a experiência do ser humano com o Transcendente. Com frequência, pensamos a religião como uma determinada forma de comunicação com o Transcendente, abarcando crenças, usos, tradições e ritos, servindo como forma de identificação de sociais específicos, mas também simbolizando as experiências individuais. No entanto, o termo religião não tem para todos o mesmo significado. Alguns consideram a religião como um ato de fé num Deus; outros como a ação de participar nos ritos; outros, ainda, identificam a religião com modos de conduta.



As tentativas de definição desse conceito não se esgotam nas hipóteses apresentadas. Na realidade, a palavra religião, que deriva do termo latino *religare* (que significa ligar, manter junto), transmite, desde o seu étimo, a ideia de uma relação íntima e duradoura com o divino.

As religiões são uma manifestação tipicamente humana, abordando diretamente as grandes questões que o ser humano coloca sobre si, sobre o mundo, sobre Deus. O ser humano é um ser religioso, e nem mesmo a crise que atualmente afeta a religião constitui um argumento contra a relevância do fenómeno religioso. A dimensão religiosa impõe-se como uma constante do ser humano, mesmo que não seja cultivada por todos os indivíduos.

Conhecer as várias religiões, nas suas características próprias e nos seus costumes, é conhecer o modo como o humano e o divino se relacionam. Nesse sentido, qual é a relação do Homem de hoje com a Transcendência? É Deus uma mera necessidade do ser humano? Tem Deus necessidade da pessoa humana?

Desde os séculos XVIII e XIX se tem vindo a verificar um declínio da religião, surgindo a palavra crise como a que melhor caracteriza o momento que se vive presentemente. A sociedade atual encontra-se em crise? Em que se manifesta essa crise? Quais os principais sintomas da mutação cultural a que se assiste?

A crise civilizacional, que a Europa multicultural e multirreligiosa está a viver, afeta todas as dimensões da vida. Assim, importa caracterizar esta sociedade e as crises que a atravessam. Para isso, teremos como base os documentos do Magistério da Igreja, a obra *A Era Secular* de Charles Taylor, entre outros textos que serão oportunamente referenciados. Depois de perceber a sociedade que temos, importa então refletir se haverá possibilidade de Deus nesta sociedade. Com Tomás Halík caminharemos ao encontro desse Deus, inicialmente, desconhecido (*ignoto deo*), mas sempre demasiado próximo.

A Sagrada Escritura dá-nos conta da proximidade de Deus com a humanidade. Nela se narram acontecimentos fundantes da identidade do Povo de Deus, com o qual o Senhor estabeleceu uma aliança especial e a partir da qual quis fazer acontecer o seu projeto.

Deus, até então ignoto, revela-se a Abraão e toda a história da humanidade se transformará por causa deste encontro com o Deus único. Os descendentes de Abraão, que professaram a fé num só Deus, originaram as três religiões monoteístas: o Judaísmo, o Cristianismo e o Islão. Todas acreditam num Deus único e reconhecem em Abraão o primeiro crente.

Com Moisés, o mesmo Deus único, liberta o seu Povo da escravidão do Egito e caminha com ele até à Terra Prometida, ouvindo os seus clamores e estando atento às suas necessidades. É o primeiro Profeta a contemplar Deus face a face, por meio de uma sarça ardente.

Jesus Cristo apresenta-nos Deus como Pai; como um Deus que é Amor (*Deus caritas est*). Um Deus inequivocamente bom e cheio de misericórdia. É em Jesus Cristo que o projeto de Deus se realiza e manifesta mais plenamente.

Deste modo, ao longo do primeiro capítulo, partimos da ideia de necessidade de Deus por parte do ser humano, porém também Deus precisa do Homem, levando a revelar-se, gradualmente, dando-se a conhecer e estabelecendo uma aliança com o seu Povo.

Na prossecução do nosso itinerário, no segundo capítulo deste Relatório, sugerimos uma abordagem à obra literária do escritor José Régio, um dos grandes nomes da literatura portuguesa do século XX. Na impossibilidade de abordar a totalidade dos seus escritos, seleccionámos, dois poemas: “IGNOTO DEO” e “Sarça ardente”.

Ao longo da sua vida, José Régio refletiu dolorosamente sobre o sentido da vida e sobre a existência divina. O conflito interior com que se debatia, deu origem a diversas obras: *Poemas de Deus e do Diabo*, *Biografia*, *As Encruzilhadas de Deus*, *A Chaga do Lado*, *Jogo da Cabra Cega*, *Jacob e o Anjo*, *Páginas do Diário Íntimo*, *Confissão dum Homem Religioso*, entre outras.

Ao falarmos de José Régio, não podemos deixar de referir o seu gosto pelo colecionismo, nomeadamente no que concerne a peças de arte sacra; ao prazer que tinha em dar longos passeios; o alívio que sentia ao desenhar. E dos desenhos também nos ocuparemos.

A terceira e última parte deste trabalho, destina-se à reflexão do Programa da disciplina de EMRC e ao seu contributo para a formação integral da pessoa humana. Pretendendo ser a disciplina de EMRC um contributo efetivo para a formação integral da pessoa do aluno, é nosso desejo colaborar, partilhando uma planificação para o sétimo ano de escolaridade, subordinada à Unidade Letiva 2 – “As Religiões”. A planificação foi pensada para um conjunto de sete aulas, com objetivos bem delineados, respeitando as orientações do Programa para este ano de escolaridade e para esta temática. De salientar que tivemos o cuidado de, na abordagem dos conteúdos, partir sempre da realidade concreta, da experiência dos alunos; assim como de selecionar um conjunto de estratégias e de recursos pedagógico-didáticos, de modo a envolver o aluno

no processo de ensino-aprendizagem, de forma a tornar aquela aprendizagem, uma aprendizagem significativa.

Ao longo da lecionação, os alunos serão provocados, de modo a que reflitam, criticamente, sobre as questões fundamentais da existência humana; sobre as várias manifestações religiosas, nomeadamente as tradições religiosas orientais e as religiões abraâmicas; e sobre a possibilidade de construir um verdadeiro diálogo inter-religioso.

Através de um conjunto de recursos pedagógico-didáticos, pretende-se levar os alunos a construir a sua própria aprendizagem. Alterando-se assim o paradigma do método expositivo, uma vez que alguns conteúdos permitem diversificar os recursos, dando oportunidade à criatividade. Nesse sentido, e porque a poesia joga com a linguagem, abre as portas à imaginação, os alunos serão desafiados a manifestar a sua dimensão religiosa através de uma expressão de Arte.

Apresentado o percurso, acrescentamos que este trabalho pretende ser um contributo para refletir na dimensão religiosa do ser humano, mostrando que as dúvidas constantes, as indagações permanentes, sempre fizeram parte do universo humano. Por isso, a descoberta que se convida a realizar desde Abraão, em que o próprio Deus ainda era um desconhecido, passando por Moisés, Jesus Cristo, e cada um de nós. A experiência dos alunos é fundamental. Por isso, se utiliza uma linguagem simples, acessível e abrangente, numa perspetiva de tolerância, de diálogo e de aproximação.

Uma última nota sobre a bibliografia que seleccionámos para nos apoiar na realização deste trabalho. Não fazemos referência a todos os documentos consultados. Apenas aos de conteúdo mais significativo e que servem os nossos intentos. No entanto, importa referir que se encontram conceitos, ideias e fundamentos completamente errados, num número considerável de obras, algumas bem recentes, acerca das religiões, nomeadamente, sobre as religiões politeístas. Houve, ainda, o cuidado de apresentar a bibliografia específica de e sobre José Régio, num item próprio.

Termino, referindo que do ponto de vista metodológico, o presente Relatório segue a norma Chicago 16.<sup>a</sup> edição A.

## CAPITULO I – A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Na sociedade hodierna, cuja alteração cultural anuncia uma crise de civilização<sup>1</sup>, o ser humano é visto como “um peregrino que caminha entre os meandros das diferentes propostas que compõem o campo religioso, não tendo problemas em passar de uma para a outra.”<sup>2</sup>

Deste modo, importa caracterizar a atual sociedade, tendo como vislumbre uma tentativa de caracterização dos jovens de hoje. De entre a vasta bibliografia consultada, apoiar-nos-emos, essencialmente, num primeiro momento, na obra de Charles Taylor, *A Era Secular*, nos documentos do Magistério da Igreja, cuja seleção será oportunamente fundamentada, e na experiência de Tomás Halík. De seguida, percorreremos as Sagradas Escrituras, fazendo caminho com Abraão e Moisés, dois grandes profetas a quem o Deus (então) desconhecido, se deu a conhecer de uma forma gradual, encurtando distâncias e tornando-se, inevitavelmente, demasiado próximo.

### 1. Crise de Sociedade, Crise de Civilização?

“Em termos gerais podemos dizer que no dealbar do século XXI, (...), no espaço da cultura ocidental (...), se manifesta uma tendência para o declínio da religião.”<sup>3</sup> A Europa multicultural e multirreligiosa não pode escapar à crise civilizacional que afeta todas as dimensões da vida em todo o planeta.<sup>4</sup> Assim, a questão colocada no título pretende ser uma provocação. Uma provocação que se espera que conduza a uma reflexão séria sobre o assunto, com o apontar de ações concretas para colmatar as possíveis lacunas.

---

<sup>1</sup> Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, Nota Pastoral - *Crise de Sociedade, Crise de Civilização* (Lisboa: Secretariado Geral do Episcopado, 2001).

<sup>2</sup> João Martinho Rodrigues Amorim, “Deus e Sociedade: do presente para o futuro”, *Cenáculo* 209, 2.<sup>a</sup> série, vol. 56 (2017): 14.

<sup>3</sup> Jorge Coutinho, *Caminhos da razão no horizonte de Deus. Sobre as razões de crer* (Coimbra: Edições Tenacitas, 2010), 35.

<sup>4</sup> Paul Valadier, filósofo jesuíta, reflete na sua obra *Faiblesse du Politique, Force du Religieux* (Paris: Ed. Seuil, 2007), que a religião é muito mais e está muito melhor do que aquilo que alguns ignorantes dizem sobre ela; e que as Igrejas não têm de se calar, mas devem encontrar um modo de falar que permita fazer ouvir o que consideram importante.

Urge alertar as consciências e urge (re)pensar o rumo da atual sociedade, bem como o papel que a religião desempenha e, ainda, se Deus tem lugar nesta mesma “casa comum.”<sup>5</sup>

### 1. 1. A fé em Deus já não é axiomática

O Santo João Paulo II introduz a Carta Encíclica *Fides et Ratio* sobre as relações entre Fé e Razão, dada em 14 de setembro de 1998, com a seguinte afirmação: “A fé e a razão (*fides et ratio*) constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade.”<sup>6</sup> É uma síntese do seu conteúdo central: a questão da verdade, que é a questão fundamental da vida e da história da humanidade.

Embora esta Encíclica seja dirigida aos Bispos e, através deles, aos teólogos e filósofos, a sua mensagem interessa, sem dúvida a todas as pessoas, pois consiste num convite a pensar na verdade. Apresenta-se, assim, como uma chamada de atenção para a situação de crise<sup>7</sup> no pensamento e na cultura atuais.

Mas de que crise estamos a falar?

Maria Clara Lucchetti Bingemer, referindo que “o tempo em que vivemos passa por várias crises”<sup>8</sup>, e indica três das mais profundas crises que a sociedade contemporânea atravessa e que, portanto, a caracterizam: a crise ética<sup>9</sup>, a crise cultural e a crise religiosa. A primeira, a crise ética, já não se apresenta de acordo com o seu significado etimológico, o que conflui numa crise cultural da sociedade que acredita que “é possível construir um mundo de acordo com as próprias preferências”<sup>10</sup>, imergindo na diversidade e pluralidade, sem respeito pela diferença. Tudo é passageiro e aparente. Estas duas crises convergem, inevitavelmente, na terceira crise referida: a crise religiosa. Esta é verificável por uma sede de transcendência e espiritualidade, pois o ser humano, como já fora referido, é “como um ‘peregrino’ que caminha por entre os

---

<sup>5</sup> Expressão utilizada na Carta Encíclica *Laudato si* do Santo Padre Francisco. Cf. Papa Francisco, Carta Encíclica *Laudato si*, sobre o cuidado da Casa Comum, dado em Roma, no dia 24 de maio de 2015 (Braga: Editorial A.O., 2015).

<sup>6</sup> Papa João Paulo II, Carta Encíclica *Fides et Ratio*, sobre as relações entre fé e razão, dado em Roma, no dia 14 de setembro de 1998 (Braga: Editorial A. O., 1998), 5.

<sup>7</sup> Etimologicamente, o substantivo crise vem do latim *crisis*, *-is*, significando “momento de decisão, de mudança súbita”; e do grego *krísis*, *-eos*, como “acção ou faculdade de distinguir, decisão”, “momento decisivo, difícil”. Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar, *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Tomo VI (Lisboa: Temas e Debates, 2003), 2507.

<sup>8</sup> Maria Clara Lucchetti Bingemer, “Deus Mistérios de Graça e Vulnerabilidade”, *Cenáculo* 209, 2.<sup>a</sup> série, vol. 56 (2017): 21.

<sup>9</sup> A palavra ética tem origem na Grécia Antiga. Vem do adjetivo grego *ethikos*, que significa “ético, relativo à moral”; relacionado com o que pertence ao *ethos*, “modo de ser, carácter, costume.” Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar, *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Tomo IX (Lisboa: Temas e Debates, 2003), 3650.

<sup>10</sup> Maria Clara Lucchetti Bingemer, “Deus Mistérios de Graça e Vulnerabilidade”, *Cenáculo*, 22.

meandros das diferentes propostas que compõem o campo religioso.”<sup>11</sup> Porém, a autora acrescenta, que “Deus continua a ser um conceito basilar de todos os sistemas religiosos e não deixa de sê-lo nesta época onde a religião sofre radicais reconfigurações.”<sup>12</sup>

Neste sentido, vem Juan Martín Velasco, quando refere que as sociedades modernas parecem querer relegar a religião para a esfera do privado, da consciência pessoal.<sup>13</sup> E na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, Paulo VI diz que “a ruptura entre evangelho e cultura é sem dúvida alguma o drama do nosso tempo como o foi também em outras épocas.”<sup>14</sup> Mesmo tendo em consideração a distância temporal que nos separa deste documento do Magistério da Igreja, o drama continua atual.

De facto, as alterações ao nível cultural que se têm vindo a verificar, levam-nos a crer de que se está perante uma crise de civilização anunciada. A Conferência Episcopal Portuguesa, em Nota Pastoral,<sup>15</sup> apresenta os sintomas desta mutação cultural: o exercício da liberdade sem limites, o fenómeno da corrupção, a crescente marginalização social, a falta de confiança no sistema judicial, a toxicodependência e delinquência juvenil, a falta de apoio e proteção à família, a fragmentação e enfraquecimento do poder político, a globalização.<sup>16</sup> Desta forma, no início do século XX, os Bispos portugueses, mostravam-se extremamente preocupados com a sociedade de então, apelando à urgência de se “repensar Portugal”. Contudo, apesar da passagem do tempo, as preocupações e os apelos continuam atuais.

Por seu turno, Isabel Varanda, no seu artigo “Questões sociais do nosso tempo”, faz uma análise do mundo atual, o qual “tem pouco de admirável”, recorrendo a excertos da obra *Admirável Mundo Novo*.<sup>17</sup> A autora ressalta alguns aspetos, que vêm de encontro às preocupações levantadas pelos Bispos na Nota Pastoral supra citada, como o desenvolvimento das tecnologias da comunicação e do chamado mundo virtual, a prevalência do ter em detrimento do ser, o culto do ego e a valorização da imagem, o individualismo exacerbado, a insatisfação do ser humano. A sociedade está em

---

<sup>11</sup> Maria Clara Lucchetti Bingemer, “Deus Mistérios de Graça e Vulnerabilidade”, *Cenáculo*, 23.

<sup>12</sup> *Ibidem*, 23.

<sup>13</sup> Cf. Juan Martín Velasco, *El malestar religioso de nuestra cultura* (Madrid: San Pablo, 3.ª edición, 1993), 32: “...las sociedades modernas parecen querer relegar la religión al orden privado de la conciencia personal.”

<sup>14</sup> Papa Paulo VI, Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, sobre a evangelização no mundo contemporâneo (Roma, 8 de dezembro de 1975), 20. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_p-vi\\_exh\\_19751208\\_evangelii-nuntiandi.pdf](http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.pdf).

<sup>15</sup> Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, Nota Pastoral – *Crise de Sociedade, Crise de Civilização* (Lisboa: Secretariado Geral do Episcopado, 2001).

<sup>16</sup> Cf. *Ibidem*, 4-5.

<sup>17</sup> *Admirável Mundo Novo* é uma obra de Aldous Huxley, editada em 1932.

sobressalto permanente. O ser humano deve, segundo Elias Wiesel,<sup>18</sup> citado por Isabel Varanda, “procurar saber... o seu papel na sociedade, o seu lugar na história. Tem de se interrogar em cada dia: onde me situo relativamente a Deus e ao outro?”<sup>19</sup>

Atentando na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Ecclesia in Europa* do Santo Padre João Paulo II, que data de 28 de junho de 2003, podemos verificar que este documento do Magistério da Igreja é “um dos mais representativos dos últimos tempos”<sup>20</sup>, o qual “dedica alguns parágrafos do primeiro capítulo a um diagnóstico do mundo ocidental europeu, onde a dimensão social também é abordada”<sup>21</sup> e cuja palavra-chave é esperança. Curiosamente, o plano pastoral para o triénio 2017/2020, para a Diocese de Braga, assenta nesta virtude teologal, pois “nenhum ser humano pode viver sem perspectivas de futuro, sem esperança.”<sup>22</sup> E são apresentados alguns dos profetas que conhecemos a partir da Sagrada Escritura, como exemplos de pessoas que esperaram contra toda a esperança.<sup>23</sup> E como está escrito na Encíclica *Spe Salvi*, esta esperança “só pode ser Deus, que abraça o universo e nos pode propor e dar aquilo que, sozinhos, não podemos conseguir.”<sup>24</sup>

“Na raiz da crise da esperança, está a tentativa de fazer prevalecer uma antropologia sem Deus e sem Cristo. Esta forma de pensar levou a considerar o homem como ‘o centro absoluto da realidade, fazendo-o ocupar astuciosamente o lugar de Deus e esquecendo que não é o homem que cria Deus, mas é Deus que cria o homem. O ter esquecido Deus levou a abandonar o homem’, pelo que ‘não admira que, neste contexto, se tenha aberto amplo espaço ao livre desenvolvimento do niilismo no campo filosófico, do relativismo no campo gnoseológico e moral, do pragmatismo e também do hedonismo cínico na configuração da vida quotidiana’. A cultura europeia dá a impressão de uma ‘apostasia silenciosa’<sup>25</sup> por parte do homem saciado, que vive como se Deus não existisse.”<sup>26</sup>

<sup>18</sup> Elias (ou Elie) Wiesel (1928-2016) foi um escritor judeu, sobrevivente dos campos de concentração Nazi, que recebeu o Prémio Nobel da Paz em 1986, pelo conjunto da sua obra, um memorial do Holocausto, e pela defesa dos grupos vítimas de perseguições.

<sup>19</sup> E. Wiesel, *Paroles d'étranger* (Paris: Seuil, 1982), 182 citado por Isabel Varanda, “Questões sociais do nosso tempo”, *THEOLOGICA*, 2.ª série, 40, 1 (2005): 85-86.

<sup>20</sup> Isabel Varanda, “Questões sociais do nosso tempo”, *THEOLOGICA*, 71.

<sup>21</sup> *Ibidem*, 71.

<sup>22</sup> Diocese de Braga, Programa Pastoral *Despertar Esperança* (Ano Pastoral 2017/ 2018), 5.

<sup>23</sup> A expressão “contra toda a esperança” é a expressão paulina sobre Abraão, o qual acreditou na felicidade que lhe fora prometida por Deus.

<sup>24</sup> Papa Bento XVI, Carta Encíclica *Spe Salvi*, sobre a esperança cristã (Roma, 30/11/2007), 31. Disponível em:

[http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf\\_ben-xvi\\_enc\\_20071130\\_spe-salvi.pdf](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20071130_spe-salvi.pdf).

Sobre este tema, aconselha-se a leitura da *Mensagem do Papa Bento XVI para a XXIV Jornada Mundial da Juventude* (Vaticano, 22 de fevereiro de 2009). Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/youth/documents/hf\\_ben-xvi\\_mes\\_20090222\\_youth.pdf](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/youth/documents/hf_ben-xvi_mes_20090222_youth.pdf).

<sup>25</sup> Apostasia, do grego *apostasia*, -as, significa renúncia ou abandono de uma crença religiosa.

<sup>26</sup> João Paulo II, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Ecclesia in Europa* sobre Jesus Cristo, vivo na sua Igreja, fonte de esperança para a Europa (Roma, 28 de junho de 2003), 9. Disponível em:

Voltando à Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Ecclesia in Europa*.

Numa Europa cada vez mais descristianizada, é lançado um desafio, para que cada um seja capaz de ver os sinais de esperança para a Igreja na Europa, que tentam ofuscar. Urge trazê-los das sombras onde repousam,<sup>27</sup> para a luz de Jesus Cristo Ressuscitado, pois “o homem [ser humano] não pode viver sem esperança: a sua vida perderia o sentido, tornando-se insuportável.”<sup>28</sup>

Poderemos, de algum modo, afirmar que Deus é uma necessidade? Ou um desejo? Falar de Deus é necessário, mas falar de um Deus concreto, um Deus que existe, um Deus que entrou e permanece na história. Porém, falar de Deus exige uma certa familiaridade.<sup>29</sup> Basta tomar os profetas do Antigo Testamento como exemplo. Aprendemos que falar de Deus nasce de uma, antes de mais, disponibilidade para o encontro e para a escuta total do Outro, que se nos revela e se dá a conhecer através do seu amor.

Nesse sentido, podemos afirmar que “A fé em Deus já não é axiomática.”<sup>30</sup> Entende-se axiomática, como algo que é inquestionável, incontestável. Com esta afirmação de Charles Taylor,<sup>31</sup> que nomeia o título, somos automaticamente confrontados com algo que incomoda e inquieta, uma vez que falar de fé não é um tema consensual e, de Deus, tão pouco. Múltiplas são as interrogações que o ser humano levanta. A religião pretende responder aos anseios e às questões fundamentais do ser humano: Quem sou? De onde venho? Para onde vou? De uma forma ou de outra, as pessoas, questionando-se sobre si mesmas, levantam questões sobre a existência de um ser superior, a quem as religiões, em geral, chamam Deus.

O processo de secularização<sup>32</sup> é um processo que teve início na Modernidade e que encontra as suas raízes na concepção de um Deus criador que exige que o ser humano seja autónomo e livre, no sentido de se tornar protagonista da sua vida. O ser

---

[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_jp-ii\\_exh\\_20030628\\_ecclesia-in-europa.pdf](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_20030628_ecclesia-in-europa.pdf)

<sup>27</sup> Cf. José Luís Larrabe, “La Exhortación Apostólica *Ecclesia in Europa*. Análisis y dimensión pastoral”, *Studium* – Revista Cuatrimestral de Filosofía y Teología, vol. XLIV, fasc. 3 (2004): 383-404.

<sup>28</sup> II Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a Europa, *Mensagem final*, 1: *L'Osservatore Romano* (ed. Port. de 30/X/1999), 566 citado em João Paulo II, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Ecclesia in Europa* sobre Jesus Cristo, vivo na sua Igreja, fonte de esperança para a Europa (Roma, 28 de junho de 2003).

<sup>29</sup> Cf. João Martinho Rodrigues Amorim, “Deus e Sociedade: do presente para o futuro”, *Cenáculo* 209, 2.<sup>a</sup> série, vol. 56, (2017): 11-17.

<sup>30</sup> Charles Taylor, *A Era Secular* (Lisboa: Instituto Piaget, 2012), 15.

<sup>31</sup> Charles Taylor é um filósofo contemporâneo, nascido em 5 de novembro de 1931, na cidade de Montreal, no Canadá.

<sup>32</sup> A secularização é o processo pelo qual a religião deixa de ser o elemento agregador e identificador da pertença social. Do ponto de vista político-religioso, consiste na separação das instituições religiosas e do Estado (laicidade). Lavada ao extremo, consiste em relegar o religioso para o domínio do privado e do individual, negando a sua relevância social e pública (secularismo e laicismo).



humano é chamado a intervir no mundo, sendo que este compromisso estimulou a racionalidade, provocou a evolução científica e impôs a dessacralização do poder. Acabou por incitar a rutura decisiva entre o religioso e o profano e a progressiva atenuação da importância sociocultural do religioso. A sociedade atual já não tem como eixo agregador a religião. Esta foi relevada em detrimento da ciência, da tecnologia, da economia.<sup>33</sup>

O termo Modernidade designa, genericamente, um conjunto de transformações ocorridas, de um modo mais intenso, nos séculos XVII, XVIII e XIX, com origem na Europa, mas com um impacto progressivo devido aos movimentos de expansão europeia. Conheceu ainda a tentativa de substituir uma mundividência que tinha Deus no centro por uma narrativa sobre a emancipação humana.

No entanto, segundo Thomas Luckmann, um dos nomes mais importantes da sociologia da religião, refere que “o religioso nunca se foi embora, só mudou a sua face”, o que significa que o ser humano continua a sentir o desejo (a necessidade) do sagrado. Podendo considerar esta afirmação como verdadeira, então poderíamos considerar válido a declaração de que “o mundo atual é tudo menos secularizado.”<sup>34</sup>

“O que significa dizer que vivemos numa era secular?”<sup>35</sup> Charles Taylor inicia a sua obra *A Era Secular* com esta interrogação. Uma interpelação pertinente, que nos levanta outras questões igualmente inquietantes, cuja resposta não é assim tão clara nem fácil de apresentar.

O autor começa por apontar três direções possíveis: uma primeira, a tradicional, em que a religião é retirada do espaço público, com a separação clara entre a Igreja e o Estado; uma segunda aceção, em que “a secularidade consiste na queda da fé e prática religiosa, no desviar das pessoas de Deus e no deixar de ir à igreja”<sup>36</sup>, verificando-se um distanciamento da prática religiosa de forma convicta; e uma terceira que se centra

---

<sup>33</sup> João Duque reflete sobre a questão de Deus no contexto cultural contemporâneo no seu artigo “Pós-modernidade e Religião. A questão da violência” in João Duque, *Dizer Deus na Pós-modernidade* (Lisboa: Alcalá, 2003). O autor começa por referir que este texto assenta, essencialmente, em dois pontos fundamentais: primeiro, apresenta-se como uma espécie de releitura do fenómeno da secularização, tendo como base Gianni Vattimo; e, segundo, surge como um debate contemporâneo entre monoteísmo e politeísmo, e a influência da religião na questão da violência. Neste ponto, o autor fundamenta a sua opinião em René Girard e Paul Ricoeur. Sugere-se, do mesmo autor, a leitura de “Religião na pós-modernidade”, in *Dizer Deus na Pós-modernidade* (Lisboa: Alcalá, 2003), 163-206.

<sup>34</sup> Esta é uma afirmação do sociólogo Peter Berger que se baseia nas formas que o religioso e o sagrado adotam em diferentes situações da vida moderna, aquilo a que Musil chama de “religiosidade profana”, que se manifesta em mitologias escondidas e ritualismos vários.

<sup>35</sup> Charles Taylor, *A Era Secular*, 13.

<sup>36</sup> *Ibidem*, 14.

nas “condições da fé”<sup>37</sup> e a compreensão da mesma. E é de acordo com este terceiro sentido que o autor se propõe examinar a nossa sociedade enquanto secular, ou seja, o autor pretende “definir e delinear” a mudança “que nos leva de uma sociedade em que é virtualmente impossível não acreditar em Deus a uma sociedade em que a fé, mesmo para o mais sólido dos crentes, é uma possibilidade humana entre outras.”<sup>38</sup>

O ser humano atual procura segurança e respostas concretas num mundo em permanente mudança e em rápida transformação, para o qual as respostas tradicionais parecem desajustadas. O que contribui para uma “nova configuração da experiência que impele a e é definida pela crença”<sup>39</sup>, podendo assistir-se a um contraste entre as condições de crença em 1500 e em 2000. Em 1500 era “virtualmente impossível não acreditar em Deus”, mas em 2000, “muitos de nós o acham não só fácil como inescapável”<sup>40</sup>, conduzindo o ser humano na procura de outras manifestações deste Deus. Este desencantamento do mundo<sup>41</sup> conduziu a uma realidade distinta daquela que o mundo medieval assumia como verdadeira. Vivia-se num mundo encantado, no qual Deus era necessário para a existência da própria sociedade e no qual o vínculo social era entrelaçado com o sagrado. A modernidade estabeleceu uma nova forma de ver e de pensar.

Charles Taylor apresenta uma análise sistémica da secularidade, permitindo um novo olhar e compreensão quer da modernidade quer do ser humano moderno, bem como de todo o processo que ainda decorre e está em constante movimento e transformação.

No capítulo catorze de *A Era Secular*, o autor discorre sobre a religião nos dias de hoje, sobretudo em relação aos mais jovens, que “seguem, por assim dizer, os seus próprios instintos espirituais”<sup>42</sup>, mas sem saber, com certezas, o que procuram. Concluindo que, e citando Wade Clark Roof, muitos “procuram a experiência mais direta do sagrado, um maior mediatismo, espontaneidade e profundidade espiritual.”<sup>43</sup> É neste contexto que se assiste à proliferação dos designados Novos Movimentos

---

<sup>37</sup> Charles Taylor, *A Era Secular*, 15.

<sup>38</sup> *Ibidem*, 15.

<sup>39</sup> *Ibidem*, 32.

<sup>40</sup> *Ibidem*, 39.

<sup>41</sup> Max Weber aponta a Reforma Protestante e o processo de desencantamento do mundo como os principais impulsionadores da secularização.

<sup>42</sup> Charles Taylor, *A Era Secular*, 532.

<sup>43</sup> Wade Clark Roof, *Spiritual Marketplace* (Princeton: Princeton University Press, 1999), 186 citado por Charles Taylor, *A Era Secular*, 532.

Religiosos.<sup>44</sup> Estamos numa época em que se busca mais espiritualidade e menos religião. Mas será Deus necessário ao mundo e ao ser humano? Há possibilidade de Deus nesta sociedade?

### *1. 2. A Igreja no mundo atual: Há possibilidade de Deus nesta sociedade?*

“Não é fácil reconhecer e encontrar a autêntica felicidade do mundo em que vivemos, em que o homem [ser humano] é muitas vezes refém de correntes de pensamento que o levam, não obstante ele se julgue ‘livre’, a perder-se nos erros ou nas ilusões de ideologias aberrantes. É urgente ‘libertar a liberdade’<sup>45</sup>, iluminar a escuridão em que a humanidade está a andar às cegas.”<sup>46</sup>

Ao encontro desta preocupação do Papa Emérito Bento XVI, vem Papa Francisco quando apela aos jovens para que não tenham medo “de escutar o Espírito que vos sugere escolhas ousadas.”<sup>47</sup> Foi com estas palavras que iniciou a sua Carta aos Jovens para a apresentação do Documento Preparatório do Sínodo dos Bispos sobre as vocações, a ser realizado em outubro de 2018 sobre o tema “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”. Palavras que nos recordam das inúmeras vezes que o Santo João Paulo II pediu aos jovens - “Não tenhais medo!”-, aquando das Jornadas Mundiais da Juventude. Por que será que a palavra “medo” está tão presente nos discursos dos Santos Padres quando se dirigem aos jovens?

A sociedade atual está em constante mudança e evolução contínua, sobretudo ao nível digital, transformando, cada vez mais, esta “aldeia global” numa espécie de “rua global”. O desenvolvimento tecnológico e digital é algo de positivo, mas torna-nos, ainda que inconscientemente, escravos de uma vida para a qual não fomos criados. Então, onde há espaço para a liberdade e o livre arbítrio? Onde há espaço e tempo para a construção de relações humanas, para o diálogo, para o acolhimento, para os abraços e

---

<sup>44</sup> A expressão “Novos Movimentos Religiosos” (NMR) substitui o termo “seitas”, de conotação negativa, dado que se relaciona com uma oposição à Igreja tradicional. Contudo, existem, atualmente, muitos NMR que não estão em dissidência com qualquer Igreja ou organização religiosa.

<sup>45</sup> Cf. Papa João Paulo II, Carta Encíclica *Veritatis Splendor*, sobre algumas questões fundamentais do ensinamento moral da Igreja (Roma, 6 de agosto de 1993), 86. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_06081993\\_veritatis-splendor.pdf](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_06081993_veritatis-splendor.pdf).

<sup>46</sup> Papa Bento XVI, *Mensagem do Papa Bento XVI para a XXI Jornada Mundial da Juventude, Vaticano*, 22 de fevereiro de 2006. Disponível em: [https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/youth/documents/hf\\_ben-xvi\\_mes\\_20060222\\_youth.pdf](https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/youth/documents/hf_ben-xvi_mes_20060222_youth.pdf).

<sup>47</sup> Papa Francisco, Carta aos Jovens para a apresentação do Documento Preparatório do Sínodo dos Bispos. Disponível em: <http://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2017/01/13/0022/00051.html#po>.

sorrisos? Tudo se baseia, infelizmente, em cliques, *emojis*, *stickers*, perdendo-se a capacidade de estabelecer verdadeiras relações humanas.

Será a este medo que o Papa Francisco se refere? O facto de os jovens estarem tão presos a um mundo de tal modo individualista e egocêntrico que nem tão pouco estão sensibilizados para outras vozes, outras experiências, outras “escolhas ousadas”, porque ser ousado dá medo, dá trabalho, implica sair da zona de conforto e partir ao desconhecido, ao completamente novo e diferente. E inevitavelmente surge o medo, que aterroriza e petrifica.

No entanto, quando falamos de jovens, ou de juventude, de que estamos a falar?

A juventude pode ser definida como um estado a que o jovem se vincula a partir de uma idade. Estado que se manifesta num modelo de comportamento e numa estrutura de valores. Contudo, encontram-se referências ao termo juventude como um estado incompleto, isto é, como transição de um estado a outro. Como rapidamente se percebe, o conceito não tem conteúdo em si mesmo, senão em referência à relação com outro.

Mas também se pode definir a juventude como geração, na qual os jovens constituem um grupo numa fase da vida. Nesse sentido, o Documento Preparatório esclarece, na primeira parte – “Os jovens no mundo de hoje” – que o termo “jovens” indica as pessoas de aproximadamente 16-29 anos de idade e acrescenta que a juventude “é uma fase da vida que cada geração volta a interpretar de modo singular e irrepetível”<sup>48</sup>, pois também a pessoa humana é um ser único e irrepetível, dotado de liberdade e responsabilidade.

A dificuldade de definir a juventude surge do facto de que são os jovens os que imprimem as maiores marcas ou símbolos geracionais, isto mediante as suas condutas, inconformismos com a ordem vigente, manifestações culturais e exposição dos problemas sociais. Por isso, os jovens, por definição, não estão neutralizados ou imobilizados, eles reivindicam e exigem o direito a participar ativamente na história que os envolve, saindo dos seus próprios grupos.

Os jovens, em todas as sociedades de todos os tempos, foram e continuam a ser uma mais-valia para a sociedade. A sua contribuição intelectual e o seu poder de mobilização faz dos jovens veículos de perspectivas inovadoras.

Os jovens são fruto da geração e da sociedade que os envolve. É inevitável. A religião, por sua vez, não se pode separar da sociedade. Apesar de o individualismo que

---

<sup>48</sup> Cf. Sínodo dos Bispos, Documento Preparatório *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional* (Vaticano, 13 de janeiro de 2017). Disponível em: [http://www.vatican.va/roman\\_curia/synod/documents/rc\\_synod\\_doc\\_20170113\\_documento-preparatorio-xv\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20170113_documento-preparatorio-xv_po.html).

pode caracterizar a sociedade moderna, os jovens não deixaram de manter uma relação com o transcendente, ou seja, não deixando de se manifestarem pessoas religiosas, os jovens acreditam que Deus é importante para o seu futuro pessoal, o que pode indiciar que o fenómeno religioso não se extinguiu, mas regressou, voltando a ser reafirmado.

As causas deste regresso do religioso (ou o retorno do sagrado) resumem-se essencialmente em uma: a grande desilusão ante o fenómeno da Modernidade. Os jovens têm as suas próprias razões para praticar ou não a religião. Os que praticam advogam como razões primárias da sua prática religiosa a herança familiar, a fé e a paz de consciência. As razões são distintas quando falamos dos não praticantes, que dizem que para ser uma pessoa religiosa não é necessário praticar a religião, alegando que não têm tempo para praticar. Relativamente aos jovens que afirmam não ter religião, os números são residuais.<sup>49</sup>

Neste sentido, recorde-se as palavras que Dom Manuel Linda, citando Debray, disse, em certa ocasião, que, atualmente, se verifica uma enorme falta de cultura religiosa porque se tornou moda ignorar a religião, tornando-se urgente que as entidades competentes repensem os moldes da educação que estão a oferecer às nossas crianças, adolescentes e jovens, e que repensem que tipo de adultos estão a preparar para o presente e o futuro.

Pela pertinência dos conteúdos abordados, importa, pois, refletir sobre este Documento Preparatório. Divide-se em três partes. Num primeiro momento, o Papa convida cada um a pôr-se à escuta da realidade; no segundo, põe em evidência a importância do discernimento à luz da fé para levar a cabo as escolhas de vida que correspondem realmente à vontade de Deus e ao bem da pessoa; a terceira parte concentra a sua atenção sobre a ação pastoral da comunidade eclesial. O Papa convida-nos a olhar o mundo, olharmo-nos a nós e partir em ação concreta.

Para realizar de modo feliz e pleno a sua vida, o Papa Francisco estimula os jovens a “empreender um itinerário de discernimento para descobrir o projeto de Deus” na sua vida e confia-lhes Maria de Nazaré, “uma jovem (...) a quem Deus dirigiu o seu olhar amoroso.”<sup>50</sup>

O primeiro capítulo, intitulado “Os jovens no mundo de hoje”, fornece elementos úteis para contextualizar a situação juvenil na realidade hodierna, tendo

---

<sup>49</sup> Cf. Eduardo Duque, *Os Jovens e a Religião na sociedade actual. Comportamentos, Crenças, Atitudes e Valores no Distrito de Braga* (Braga: Council of Europe/ Secretaria de estado da Juventude/ Instituto Português da Juventude, 2007).

<sup>50</sup> Sínodo dos Bispos, Documento Preparatório *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional* (Vaticano, 13 de janeiro de 2017).

presente que o quadro traçado precisa de ser adaptado às circunstâncias específicas de cada região. Por isso têm-se presentes “alguns resultados das pesquisas no âmbito social úteis para afrontar o tema do discernimento vocacional”, assim como os múltiplos desafios que dizem respeito à cultura “científica”, a insegurança, o desemprego, a corrupção, e também os fenómenos do alcoolismo, do jogo e da toxicodependência.

O segundo capítulo, centro do Documento, tem como título “Fé, discernimento, vocação”. “A fé, enquanto participação no modo de ver de Jesus (...), é a fonte do discernimento vocacional”<sup>51</sup>, através do qual “a pessoa chega a atingir, no diálogo com o Senhor e em escuta da voz do Espírito, as escolhas fundamentais, a partir do seu estado de vida.”<sup>52</sup> Só um correto discernimento permitirá ao jovem encontrar de verdade a sua pessoal, única e irrepetível ‘estrada na vida’. Este percurso inspira-se em três verbos já utilizados na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*<sup>53</sup> 51: **reconhecer** (aquilo que surge no próprio mundo interior), **interpretar** (aquilo que se reconhece), **decidir** (como “autêntico exercício de liberdade humana e de responsabilidade pessoal”).

É claro que o termo *vocação* deve ser entendido em sentido amplo e diz respeito a toda a vasta gama de possibilidades de realização concreta da própria vida na alegria do amor e na plenitude derivante do dom de si a Deus e aos outros. Trata-se de encontrar a forma correta pela qual esta realização plena pode acontecer “por meio de uma série de escolhas, que articulam estado de vida (matrimónio, ministério ordenado, vida consagrada, etc.), profissão, modalidade de empenho social e político, estilo de vida, gestão do tempo e do dinheiro, etc.”<sup>54</sup>

A escolha do sentido da vida acontece no segredo da própria consciência. Aí cada um escuta a voz de Deus e dialoga com Ele até que decide. A ajuda de outras pessoas, embora seja necessário, nunca pode substituir este diálogo íntimo e pessoal.

O terceiro capítulo, intitulado “A ação pastoral”, coloca o acento sobre o significado que tem para a Igreja “o acompanhar os jovens e acolher a alegria do Evangelho” numa altura, como a nossa, “assinalada pela incerteza, pela precariedade,

---

<sup>51</sup> Sínodo dos Bispos, Documento Preparatório *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional* (Vaticano, 13 de janeiro de 2017).

<sup>52</sup> *Ibidem*.

<sup>53</sup> Papa Francisco, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* ao episcopado, ao clero às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual (Roma, 24 de novembro de 2013). Disponível em: [https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20131124\\_evangelii-gaudium.pdf](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.pdf).

<sup>54</sup> Conferência de Imprensa de apresentação do Documento Preparatório *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional* (Vaticano, 13 de janeiro de 2017).

pela insegurança”. A atenção dirige-se aos sujeitos, aos lugares e aos instrumentos deste acompanhamento. Note-se que acompanhar os jovens implica sair de esquemas pré-determinados e abandonar pré-conceitos, e deixar-se iluminar pela ação de três verbos, que nos Evangelhos descrevem o modo de Jesus se encontrar com as pessoas do seu tempo: *sair*, *ver* e *chamar*. Esta mensagem, que não está assim tão desatualizada, implica disponibilidade para estar com os jovens, saber estar com eles e saber acolher, despertando neles o desejo e a curiosidade por conhecer a pessoa de Jesus e a sua mensagem.

Recuperando o tema do terceiro capítulo, o *sujeito* da ação pastoral são os próprios jovens, seja como protagonistas, seja como recetores. A Igreja pede-lhes “para ajudá-la a identificar as modalidades mais eficazes hoje para anunciar a Boa Notícia.”<sup>55</sup> Existem pessoas de referência: em primeiro lugar os pais, depois os pastores, os consagrados, os professores e outras figuras educativas. Estas pessoas devem ser “idóneas, com uma clara identidade humana, uma sólida pertença eclesial, uma visível qualidade espiritual, uma vigorosa paixão educativa e uma profunda capacidade de discernimento.”<sup>56</sup> Depois a atenção sobre o papel e a responsabilidade de toda a comunidade dos crentes.

Os *lugares* de ação pastoral são a vida quotidiana, as atividades para os jovens, as Jornadas Mundiais da Juventude (JMJ), os encontros diocesanos, as paróquias, os oratórios, as universidades, as escolas católicas, o voluntariado, as atividades sociais, os centros de espiritualidade, as experiências missionárias, as peregrinações, a piedade popular. Não falta uma imersão no mundo digital, que abre caminho para oportunidades inéditas, mas também para novos perigos.

Os *instrumentos* são as linguagens (privilegiando as mais expressivas para os jovens), a educação, a oração, o silêncio, a contemplação.

Na realização deste percurso, desta caminhada, cada jovem é convidado a ter Maria como modelo: modelo no estilo da escuta, na coragem da fé, na profundidade do discernimento e na dedicação ao serviço.

No final do Documento Preparatório, temos o questionário *online* é “uma forma de ir ao encontro dos jovens”. É preciso entrar em contacto com eles. Escutá-los. Depois é importante que se faça um bom trabalho de síntese, tornando-se um valioso contributo (subsídio) para todas as comunidades.

---

<sup>55</sup> Sínodo dos Bispos, Documento Preparatório *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional* (Vaticano, 13 de janeiro de 2017).

<sup>56</sup> *Ibidem*.

Através da leitura do Documento Preparatório, pudemos constatar que a **procura do sentido da vida** é uma preocupação constante.

Preocupação que se verifica, de imediato, na abertura do Documento, com a expressão do projeto de Deus para o ser humano: “Eu disse-vos estas coisas para que a minha alegria esteja em vós, e a vossa alegria seja completa” (Jo 15, 11).<sup>57</sup>

A Igreja preocupa-se com o sentido da vida dos seus jovens, tal como Jesus se preocupou com o jovem João, o discípulo amado, que serve como inspiração de acompanhamento e cuidado.<sup>58</sup> No entanto, a palavra *sentido* é polissémica.<sup>59</sup> Digo que estou sentido se me sinto magoado, ofendido ou pesaroso; fico particularmente atento se alguém me pede que tome sentido ao que diz; sei, por uma questão de bom senso, que há coisas que fazem sentido; falo de sentido quando me refiro à faculdade de sentir, apreciar ou receber sensações através dos órgãos sensoriais, dos sentidos. Sentido pode ainda ser significação, intenção, fim ou orientação. Não devemos ignorar ou relativizar estes ou outros sentidos do *sentido*, enquanto buscamos um sentido para a vida. “Curiosamente, buscar um sentido para a vida é uma expressão que implica vários sentidos.”<sup>60</sup>

Uma reflexão sobre a vida apresentar-nos-ia ilimitada, na medida em que se trata de um conceito complexo que pode referir-se a processos inerentes aos seres vivos, à noção de tempo aplicado a tudo o que acontece entre o princípio e o fim histórico de um organismo, à condição ou à razão pela qual vive um ser humano.

O humano é um ser estruturalmente marcado pela pergunta e pelo ato de perguntar. Nesta sua capacidade de questionar reside muito do progresso e da evolução da humanidade e da própria consciência e conhecimento que a pessoa tem de si própria.

Ao dizer sentido, dizemos algo mais do que meros objetivos a alcançar com esta ou aquela atividade. Trata-se de algo pelo qual valha a pena viver, pelo qual nos possamos entregar dando até a própria vida, pelo qual consigamos ser felizes.

A vida humana não deve apenas ser sentida, mas exige um sentido. Por isso, a velha máxima “Conhece-te a ti mesmo” não é apenas uma dimensão moral. O agir humano nunca é um acaso, pelo contrário, é intencional: procura um sentido. E Deus

---

<sup>57</sup> Cf. Sínodo dos Bispos, Documento Preparatório *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional* (Vaticano, 13 de janeiro de 2017), introdução.

<sup>58</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>59</sup> Cf. António Cordeiro et al, *Um Sentido para a Vida*. Manual do Aluno – EMRC – Ensino Secundário (Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2015), 7.

<sup>60</sup> *Ibidem*, 7.



surge (ou poderá surgir) como um horizonte de sentido.<sup>61</sup> Como poderemos caracterizar a vivência religiosa do nosso tempo? São muitos os especialistas que se referem a uma revolução espiritual, momento de viragem e de abandono da religião institucional, mas não da espiritualidade. O religioso deixou de se enquadrar num sistema global unificado para se fragmentar em diferentes crenças.

Para o cristão o sentido da vida, para além de todos os caminhos que é chamado a percorrer sobre esta terra e sob este céu, define-se no horizonte da vida eterna, que implica essa transformação em Deus e que resulta da consciência de que “sabemos que a tenda que nos serve de habitação aqui na terra, isto é, o nosso corpo se desfaz. Mas Deus preparou-nos no céu uma outra habitação, não uma casa como as que os homens fazem, mas uma habitação eterna” (2 Cor 5, 1).

A fé, para o cristão, “é a fonte do discernimento vocacional”<sup>62</sup>, é o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte, um rumo decisivo. Acreditar em Deus e viver em Jesus Cristo é a opção fundamental da vida de um cristão. O (re)conhecimento de Deus faz olhar o presente com esperança e o futuro com confiança, sobretudo nos momentos de sofrimento, interrogação ou obscuridade. Muitas pessoas descobrem o sentido da vida perante situações de limite. Descobrem que a existência só faz sentido numa atitude de gratuidade e entrega. Esta gratuidade que é dom é geradora de alegria, de responsabilidade e de dinamismo oblato. A este dar-se e ser para os outros chamamos vocação, isto é, o “processo com que a pessoa, em diálogo com o Senhor e à escuta da voz do Espírito, chega a fazer as opções fundamentais, a começar por aquela sobre o estado de vida.”<sup>63</sup>

É para esta descoberta do sentido da vida que aponta todo o Documento Preparatório, apresentando um caminho: a vocação comum, a que todos somos chamados. A vocação a ser pessoa, a vocação a relacionarmo-nos com o mundo e a vocação a relacionarmo-nos com os outros.

Porém, há modos de viver que não permitem o desenvolvimento integral da pessoa, reduzindo-a a uma máquina ou objeto. A profissão é o modo prático e concreto pelo qual a pessoa se relaciona com o mundo. Contudo, o trabalho não é a totalidade da vida da pessoa. Deus dá ao ser humano poder sobre todas as coisas, animais e plantas, mas nunca sobre o seu semelhante, o humano. A relação com os outros exprime-se na

---

<sup>61</sup> Expressão utilizada e devidamente trabalhada, por Jorge Coutinho, na sua obra *Caminhos da razão no horizonte de Deus. Sobre as razões de crer* (Coimbra: Edições Tenacitas, 2010).

<sup>62</sup> Sínodo dos Bispos, Documento Preparatório *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional* (Vaticano, 13 de janeiro de 2017), II capítulo.

<sup>63</sup> *Ibidem*.

reciprocidade e no amor e faz-se no ambiente fraterno de uma comunidade. Toda a vida é vocação e serviço ao outro. É a maneira como respondemos às aspirações mais profundas e aos sonhos de felicidade.

A vocação está sempre voltada para o futuro e vai-se realizando no presente, em cada momento da vida, sendo imprescindível que haja o tão necessário discernimento (capacidade de escolha) ao longo de todo o processo de escolha. Neste sentido, o Santo Padre pede a todos os jovens que sejam coerentes com os seus princípios, mesmo nas situações mais triviais do dia-a-dia. Agir em coerência implica agir verdadeiramente como ser humano, respeitando a dignidade da própria pessoa e a dos outros. Deste modo, recordo o diálogo do Papa Francisco com um Grupo de Jovens da Bélgica, quando uma jovem lhe pergunta: “Eu vejo Deus nos outros. Onde vê Vossa Santidade Deus?”<sup>64</sup>

### *1.3. Um Deus desconhecido, mas demasiado próximo*

Ficamos com uma questão pendente: onde vemos Deus? Como falar de Deus àquelas jovens e àqueles jovens que tudo questionam, de tudo duvidam e que afirmam que não creem em Deus ou porque não o veem ou, simplesmente, porque lhes é completamente desconhecido. Quando abordado por uma jovem belga sobre isto mesmo, o Papa Francisco disse-lhe: “...interrogo-me duplamente: onde está Deus, onde está o homem [ser humano]?”<sup>65</sup> Deus é e está, sempre, tão próximo, mesmo que seja para nós um simples desconhecido.

Não obstante esta ausente presença ou ausência presente do divino, é natural que nos sintamos oprimidos “pelo silêncio de Deus e pela sensação do afastamento divino.”<sup>66</sup> Nada remete tanto para Deus como a experiência da sua ausência. Só assim apreendemos o sentido da busca religiosa.

Tomás Halík apresenta os três aspetos da nossa paciência para com Deus - a *fé*, a *esperança* e o *amor* (caridade). A paciência surge destacada, uma vez que sem ela nada é validado. A confiança e a fidelidade provam-se pela paciência. O amor sem paciência não é verdadeiro amor. Aliás, como aclara o autor, “se a nossa relação com Deus se baseasse apenas na convicção de que Ele existe (...) não corresponderia àquilo que eu

---

<sup>64</sup> *Diálogo do Papa Francisco com um Grupo de Jovens da Bélgica*, 31 de março de 2014. Disponível em: [https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/march/documents/papa-francesco\\_20140331\\_intervista-giovani-belgio.pdf](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/march/documents/papa-francesco_20140331_intervista-giovani-belgio.pdf).

<sup>65</sup> *Diálogo do Papa Francisco com um Grupo de Jovens da Bélgica*, 31 de março de 2014.

<sup>66</sup> Tomás Halík, *Paciência com Deus* (Prior Velho: Paulinas Editora, 4.ª edição, 2016), 15.

tenho em mente quando falo de fé.”<sup>67</sup> E mais à frente, na sua reflexão, diz que “a fé é um raio de luz mediante o qual o próprio Deus penetra nos espaços sombrios da vida humana.”<sup>68</sup> Uma imagem que tão bela, que interessa guardar, para oportunamente aprofundar.

Tomás Halík, servindo-se da história evangélica de Zaqueu, do Evangelho de São Lucas, capítulo 19, versículos 1 a 10, traça, ao longo dos doze capítulos do livro, uma espécie de itinerário de fé. Ou melhor, uma espécie de caminho de paciência que a pessoa tem de percorrer até fazer-se lugar de encontro de Deus. A acrescentar a esta experiência, o leitor é confrontado com as histórias e experiências pessoais do próprio autor.

Não obstante a pertinência do livro no seu todo, não posso deixar de salientar e a chamar a atenção para o capítulo sete, “Um Deus Desconhecido, mas demasiado próximo”, dado que este tema nos ajudará a fazer caminho com Abraão e Moisés de sobremaneira, mas também a folhear José Régio, um dos grandes nomes da literatura portuguesa do século XX.

Escutamos muitas vezes a expressão nietzschiana<sup>69</sup> de que “Deus morreu.”<sup>70</sup> Não poderia estar mais em desacordo. Deus está sempre próximo, o ser humano é que nem sempre está com paciência para Deus. E deveremos entender a paciência no sentido que Tomás Halík apresenta. Como uma disponibilidade para o encontro, para a escuta, para a presença, para os outros e para o Outro, mas antes de mais, paciência para si próprio. Deus tornou-se estranho e desconhecido. Contudo, se relembrarmos o discurso de Paulo no Areópago de Atenas (Act 17, 22-34)<sup>71</sup>, vemos que ele faz a apresentação desse “deus desconhecido”, “aquele que venerais sem o conhecer é Esse que eu vos anuncio” (Act 17, 2). Apresenta o rosto desse Deus desconhecido, mas demasiado próximo; um Deus que não é possível representar a não ser envolto em mistério, com reflexo na história de Jesus de Nazaré.

---

<sup>67</sup> Tomás Halík, *Paciência com Deus*, 19.

<sup>68</sup> *Ibidem*, 19.

<sup>69</sup> Expressão inspirada e relativa ao filósofo Friedrich Nietzsche (1844-1900).

<sup>70</sup> A afirmação de Friedrich Nietzsche “Deus morreu” não é simplesmente uma convicção pessoal ou o enunciar de um princípio provocatório. O pensamento de Nietzsche pode ser entendido como um apagar daquele horizonte integrador, horizonte de sentido a que o cristianismo havia dado corpo, progressivamente esvaziado pela crença nas categorias da razão iluminista e pela afirmação da técnica como a grande educadora da humanidade.

<sup>71</sup> O discurso de Paulo no Areópago é característico da sua pregação aos pagãos. Depois de um exórdio em que se refere a um Deus desconhecido, venerado pelos atenienses (v. 22 e 23), Paulo sugere que esse é o Deus Criador por ele anunciado.

“Não será a situação em que, para uma grande percentagem de europeus, Deus é um deus desconhecido e estranho, uma chamada a um ‘novo areópago’?”<sup>72</sup> Com esta interrogação vamos de encontro a Charles Taylor, pois, atualmente a ausência de Deus “tornou-se tão axiomática (...) que a sua causa e efeito têm de ser demonstrados de forma dramática.”<sup>73</sup>

Onde vemos Deus? “Nós não o conseguimos ver porque Ele está demasiado próximo. (...) Ele é a própria proximidade.” Teremos a oportunidade de explorar esta proximidade de Deus no próximo capítulo, ao fazer a experiência de encontro com Moisés.

Antes de avançarmos, importa guardar na mente e no coração uma expressão de Adel Bestavros, em epígrafe na obra de Tomás Halík, que diz: “Paciência com os outros é Amor; Paciência consigo mesmo é Esperança; Paciência com Deus é Fé.”<sup>74</sup>

## **2. Do *ignoto deo* à sarça ardente nas Escrituras**

A Revelação de Deus a Abraão acontece através da palavra (“O Senhor disse a Abraão: ‘Deixa a tua terra, a tua família e a casa do teu pai, e vai para a terra que Eu te indicar. Farei de ti um grande povo,...’”) (Gn 12, 1-2).

Deus chamou Abraão e com ele contraiu uma aliança<sup>75</sup> (“Naquele dia, o Senhor concluiu uma aliança com Abraão”) (Gn 15, 18), para fazer dele um grande povo. Deus toma a iniciativa com Abraão; toma a iniciativa com Moisés; toma a iniciativa com cada um de nós. É o modo como o *ignoto deo* se dá a conhecer e se faz presente na vida do humano.

### **2.1. Um Deus que se dá a conhecer (de Abraão) a Moisés**

“Aprouve a Deus, na sua bondade e sabedoria, revelar-se a Si mesmo e dar a conhecer o mistério da sua vontade (cfr. Ef. 1,9), (...). Em virtude desta revelação, Deus invisível (cfr. Col. 1,15; 1 Tim. 1,17), na riqueza do seu amor fala aos homens como amigos (cfr. Ex. 33, 11; Jo. 15,1415) e convive com eles (cfr. Bar. 3,38), para os convidar e admitir à comunhão com Ele. Esta ‘economia’ da revelação realiza-se por meio de acções e palavras

---

<sup>72</sup> Tomás Halík, *Paciência com Deus*, 170.

<sup>73</sup> *Ibidem*, 172.

<sup>74</sup> *Ibidem*, Epígrafe.

<sup>75</sup> “A aliança bíblica (...) começa quando eu perdido nas tergiversações deste mundo, pensando em mim e neste mundo, tentando decifrar o meu enigma e o enigma deste mundo, sou encontrado pelo Deus Outro diferente de qualquer outro, e caio maravilhado com o rosto por terra ou entre mãos (Gen 17, 17.” In António Couto, *Pentateuco. Caminho da Vida agraciada* (Lisboa: UCP, 2003), 160.

intimamente relacionadas entre si, de tal maneira que as obras, realizadas por Deus na história da salvação, manifestam e confirmam a doutrina e as realidades significadas pelas palavras; e as palavras, por sua vez, declaram as obras e esclarecem o mistério nelas contido. Porém, a verdade profunda tanto a respeito de Deus como a respeito da salvação dos homens, manifesta-se-nos, por esta revelação, em Cristo, que é, simultaneamente, o mediador e a plenitude de toda a revelação.”<sup>76</sup>

Procedendo à leitura da Constituição Dogmática *Dei Verbum*, sobre a Revelação Divina, documento provindo do Concílio Vaticano II (1962-1965), tomamos conhecimento das etapas da Revelação Divina. Abraão foi um dos escolhidos. O então *ignoto deo* deu-se a conhecer, gradualmente, escolhendo um grupo de homens e mulheres para o ajudar a levar a cabo o seu plano de salvação.

A expressão latina *ignoto deo* significa literalmente “deus desconhecido”, podendo aplicar-se a este Deus, desconhecido e sem nome. Com Abraão<sup>77</sup>, considerado o “Pai dos Crentes”<sup>78</sup>, estabelece uma aliança, que se manteve ao longo dos séculos. Com Moisés, revela-se na sarça ardente, apresentando-se e dialogando com o Profeta face a face. Ocupemo-nos de Moisés e do diálogo que travou com o *ignoto deo*.

O Livro do Êxodo<sup>79</sup> é o segundo livro da Bíblia, livro sagrado do Cristianismo, que narra a saída do Povo Hebreu do Egipto. Interessante que etimologicamente, esta palavra pode significar emigração ou saída de um povo inteiro, ou de grande quantidade de pessoas; mas na linguagem do teatro, pode referir-se ao episódio final da tragédia, como que aludindo que o tempo da escravidão estava a chegar ao fim, que a libertação estava próxima.

Na opinião de João Alberto Sousa Correia, o Livro do Êxodo é o “de leitura mais fascinante”<sup>80</sup>, pela variedade de formas literárias que o compõem, cuja unidade é garantida pela figura de Moisés.

É com este Profeta que se inicia a segunda etapa da revelação de Deus, com o acontecimento (evento, que vem de fora) do Êxodo. O Êxodo, continuação da história iniciada com Abraão e agora alargada a muitos, é a saída de Israel do Egipto, e em

---

<sup>76</sup> Papa Paulo VI, Constituição Dogmática *Dei Verbum*, sobre a Revelação Divina (Roma, 18 de novembro de 1965), 2. Disponível em:

[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651118\\_dei-verbum\\_po.html#](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html#).

<sup>77</sup> Cf. V. Hamp afirma a posição de Abraão como “o receptor eleito das revelações e promessas divinas (...) como exemplo da fé e da obediência incondicional, como ideal da perfeição religiosa e humana.” In Gianni Ambrosio (coord.), *Christos*. Enciclopédia do Cristianismo (Lisboa: Edições Verbo, 2004), 47-50.

<sup>78</sup> Abraão é apresentado como o homem que caminha na fé.

<sup>79</sup> Do grego *éxodos*, do latim *exōdu-*, saída.

<sup>80</sup> João Alberto Sousa Correia, *Os Livros da Bíblia*, Volume I: Antigo Testamento (Braga: Empresa do Diário do Minho, Lda, 2009), 17.

sentido mais lato, a longa peregrinação de quarenta anos pelo deserto para a terra prometida.<sup>81</sup> O acontecimento do Êxodo apresenta o seu autor e Israel fez a experiência de um encontro com Deus.

“Moisés estava a apascentar o rebanho de Jetro, seu sogro, sacerdote de Madian. Conduziu o rebanho para além do deserto, e chegou à montanha de Deus, ao Horeb. O anjo do Senhor apareceu-lhe numa chama de fogo, no meio da sarça. Ele olhou e viu, e eis que a sarça ardia no fogo mas não era devorada. Moisés disse: ‘Vou adentrar-me para ver esta grande visão: por que razão não se consome a sarça?’

O Senhor viu que ele se adentrava para ver; e Deus chamou-o do meio da sarça: ‘Moisés! Moisés!’ Ele disse: ‘Eis-me aqui!’ Ele disse: ‘Não te aproximes daqui; tira as tuas sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é uma terra santa’.” (Ex 3,1-5)

O profeta Moisés apascentava o rebanho do seu sogro Jetro nas encostas do Monte Sinai, quando viu uma sarça<sup>82</sup> que ardia, mas que não era consumida pelo fogo. Confuso pela invulgar visão, começou a aproximar-se quando ouviu uma voz a ordenar-lhe que retirasse as sandálias dos pés, pois caminhava em solo sagrado.

Aquela voz apresentou-se; deu-se a conhecer, pois viu acolhimento e aceitação por parte de Moisés. Posto isto, Deus confiou-lhe a missão de liderar o seu povo, que se encontrava oprimido na terra do Egipto como escravo, para a terra de Canaã da Galileia.

Recuperando a passagem de Tomás Halík quando dizia que “a fé é um raio de luz mediante o qual o próprio Deus penetra nos espaços sombrios da vida humana”<sup>83</sup>, poderemos melhor compreender este cenário apresentado no Livro Êxodo com o chamamento de Moisés.

Deus poderia ter escolhido qualquer forma para se manifestar, mas escolheu uma sarça ardente, arbusto identificável também como acácia. Ele próprio se apresenta como o “raio de luz” que não se extingue. No entanto, apresenta-se necessário esclarecer que a acácia já era considerada uma espécie sagrada para muitos dos povos do Médio Oriente. É uma árvore de grande veneração, cuja madeira era utilizada para o fabrico de objetos utilizados nos ritos religiosos. É uma madeira que não apodrece, sendo símbolo de longevidade e imortalidade.

Deus manifesta-se a Moisés através de uma sarça ardente, pois é uma árvore temida pelos seus espinhos, sementes e flores, remetendo para o próprio Deus que deve

---

<sup>81</sup> Cf. Livro do Êxodo 3, 7-10.

<sup>82</sup> Sarça é um sinónimo botânico para plantas com espinhos. A espécie que está relacionada com a passagem bíblica trata-se de uma acácia brava. No caso, uma acácia com espinhos, também conhecida como “Shittah”. O termo hebraico é *seneh*.

<sup>83</sup> Tomás Halík, *Paciência com Deus*, 19.

ser temido; é uma árvore solitária, pois sufoca as plantas ao seu redor, uma clara referência de que o Povo não deve ter outros deuses; e é uma árvore autossuficiente, realçando que Deus é o que é e tudo pode. No que respeita às chamas, estas estão ligadas ao sol. Desde a Antiguidade que o Deus Sol era representado como o Deus Maior. Portanto, o facto de a sarça arder como o sol ao ponto de ofuscar a vista de Moisés, está relacionado com o poder do astro rei e, por extensão, do próprio Deus.

Aparece duas vezes no Antigo Testamento, ambas referindo-se à missão e ao chamamento de Moisés: Ex 3, 2-4 e Dt 33, 16.

A sarça queimava, porém não era consumida pelo fogo. O fogo é frequentemente utilizado nas Escrituras como símbolo para indicar a presença de Deus, autossuficiente, cuja chama é viva por si mesma, símbolo da santidade inacessível de Deus.

Aquando da contemplação deste fenómeno, Moisés foi chamado por Deus para liderar o seu povo, libertando-o da escravidão do Egipto. Por este motivo, alguns estudiosos entendem que a sarça ardente seja uma referência ao povo de Israel, um povo perseguido, mas não consumido. Uma forma de demonstrar que Deus escolhe os mais frágeis para se manifestar. O próprio Moisés era como o frágil arbusto, tinha as suas limitações, mas o Senhor lhe daria o poder de salvar o seu povo.<sup>84</sup>

“Disse o Senhor a Moisés: Por que clamas a mim? Dize aos filhos de Israel que marchem. E tu, levanta o teu bordão, estende a mão sobre o mar e divide-o, para que os filhos de Israel passem pelo meio do mar em seco.” (Ex 14, 15-16)

No diálogo entre eles o Senhor encoraja Moisés a retornar ao Egipto, pois já havia morrido quem o queria matar; além de dar sinais a Moisés (com o cajado que se transformava em cobra, e a mão ora leprosa ora curada) que estaria com ele. O motivo maior desse chamamento seria a compaixão de Deus, ao ouvir o clamor do seu povo escravizado e a aliança feita com Abraão, o que mostra que Deus não quer realizar o seu plano de salvação sem a colaboração humana.

A opressão faz *Jahvé* dizer a Moisés<sup>85</sup>: “... diz aos filhos de Israel: Eu sou o Senhor, far-vos-ei sair (...) hei-de libertar-vos”. O povo, e cada um, de escravo

---

<sup>84</sup> “O Deus vivo é o Deus presente e activo (...) É sempre o Deus que fez alguma coisa (...) Este Deus conhecêmo-lo através (...) deste plano de salvação.” In Yves Congar e Jean Puyo, *Une vie pour la vérité* - Jean Puyo interroge le Père Congar (Paris: Centurion, 1975), 171-173.

<sup>85</sup> “Ouvi o gemido dos filhos de Israel, que os egípcios reduziram à escravidão e recordei-me da minha aliança. Por isso, diz aos filhos de Israel: ‘Eu sou o Senhor, e far-vos-ei sair do peso dos carregamentos do Egipto, hei-de libertar-vos da sua servidão e resgatar-vos (...) Tomar-vos-ei para mim como povo e Eu serei para vós Deus, e reconheceréis que Eu sou o Senhor, vosso Deus, que vos fez sair’ (...) Moisés

anónimo, torna-se parceiro na relação com Deus, e de escravizado torna-se sujeito “de cabeça erguida” numa história com aquele “que vos fez sair da terra do Egipto, para que não continuasses a ser escravos (...) andásseis de cabeça erguida” (Lev 26,13; 25, 38). Deus, na história, de um povo escravizado faz um povo livre, “de cabeça erguida”, de homens solidários, um povo que reencontra a sua identidade como povo de Deus (Dt 32, 5-10). O Êxodo é “um momento solar”<sup>86</sup>, um acontecimento tão grandioso que a Bíblia apenas o pode descrever como puro milagre, realizado apenas por Deus. O Êxodo marca o nascimento do povo de Deus<sup>87</sup>, como pai, criador que o formou e constituiu (Dt 32, 6-10), porque o ama (Dt 7, 7-8), para ser um povo particular entre todos os povos (Dt 7, 6), povo resgatado (Ex 15,16), o povo da sua herança (Dt 4, 20). A eleição é caso único na história das religiões, a aliança entre um Deus único e um só povo (Dt 4, 7).

A revelação do nome de Deus, ponto alto da revelação veterotestamentária, com a vocação de Moisés é o começo da história do povo de Deus. O texto (Ex 3,13-15) descreve a vocação de Moisés e a hesitação deste ao exigir um conhecimento como prova de autoridade para falar ao povo. Moisés foi autorizado a dizer: “ ‘Eu sou aquele que sou’... ‘Eu sou’ enviou-me a vós’... O Senhor, Deus de vossos pais, Deus de Abraão, Deus de Isaac e Deus de Jacob...” (Ex 3, 13-15). O nome nesta “tautologia, intraduzível, designa Deus, que se comunica e reserva, inominável. E, imediatamente, remete para a nominação narrativa significada pelos nomes de Abraão, de Isaac, de Jacob.”<sup>88</sup> O nome de Deus, como linguagem em situação de “trânsito”, sugere um

---

falou assim aos filhos de Israel, mas eles não o escutaram, por causa da angústia e da pesada servidão” (Ex 6, 5-7. 9; 2, 24).

<sup>86</sup> “pois os povos existem em função de certo momento solar que confere sentido e euforiza magicamente a memória do que são.” In Eduardo Lourenço, *Nós e a Europa ou as duas razões* (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988) 10.

<sup>87</sup> “Encontrou-o numa terra deserta, numa desordem de gritos selvagens; protegeu-o e velou por ele, guardou-o como a menina dos seus olhos.” (Dt 32, 10); “Não é Ele o teu pai, o teu criador? Foi Ele que te formou e te constituiu.” (Dt 32, 6); “Tu és um povo consagrado ao Senhor, teu Deus (...) escolheu-te para seres para Ele um povo particular entre todos os povos que há sobre a face da terra” (Dt 7, 6).

<sup>88</sup> Paul Ricoeur, *Entre filosofia e teologia II: nomear Deus* (São Paulo: Loyola, 1996), 195-196.

O referente “Deus” não é apenas o indicador da pertença mútua das formas originárias do discurso da fé, ele também é o seu inacabamento. Ele é Aquele que se comunica sob as modalidades múltiplas e Aquele que se reserva. Sob esse ponto de vista, o episódio da sarça ardente (Ex 3,13-15) tem uma significação central. A tradição nomeou muito justamente este episódio de “revelação do nome divino”. Ora esse nome é precisamente inominável. Na medida em que conhecer o nome do Deus era ter poder sobre ele, o nome confiado a Moisés é o do Ser que o ser humano não pode realmente nomear, isto é, manter à mercê da sua linguagem. E ainda, Paul Ricoeur, “L’Herméneutique de l’idée de Révélation”, in P. Ricoeur e AA, *La révélation* (2. ed., Bruxelles: Publications des Facultés Universitaires Saint-Louis, 1984), 33-34. “O que se revela é também o que se reserva. A propósito o episódio da sarça ardente (...) tem uma significação nuclear (...) Assim, a revelação histórica – significada pelos nomes de Abraão (...) - encosta-se ao segredo do nome, na medida em que o Deus escondido se anuncia como o sentido dos acontecimentos fundadores.”



mistério a descobrir, inominável, “obscuro quê, vocábulo interdito”<sup>89</sup>, “não manipulável, nem prisioneiro de nenhum tipo de conhecimento ou de sabedoria.”<sup>90</sup> Ao libertar da ideia de Deus, que não é uma coisa, o nome, que “transforma-se” em fundamento da existência, quer dizer “‘o meu nome não tem nome’.”<sup>91</sup>

“chamo-lhe Deus porque não sei como chamar  
ao meu ser e não ser  
de noite junto ao mar  
quando regulo a amostra e sua fluorescência  
pescando robalos  
ou talvez Deus  
e sua ausência”<sup>92</sup>

A interpretação de *Jahvé* pelo verbo “ser”, que destaca o nome como nome, realizando a volta do excessivamente conhecido (que o nome parece indicar) ao desconhecido, ao oculto, dissolve o nome no mistério, equiparando ser conhecido e não ser, ocultamento e revelação de Deus. O nome *Jahvé* torna-se sigla para o perene *ignoto deo* e o ser inominável de Deus, onde se oculta-se a permanência da infinita distância, que protege o segredo do “para si” de Deus: o humano não o pode nomear no sentido de apreender, ter poder sobre.<sup>93</sup> *Jahvé* não é nome que define, mas nome que significa a libertação.

Após a passagem das dez pragas, finalmente o Faraó consentiu a libertação do povo. O ápice dessa trajetória ocorre diante do Mar Vermelho, quando o Senhor ordena a Moisés para que toque com o cajado no mar, para que seja aberto um caminho e o povo possa passar em segurança. Liberto, o povo faz uma travessia de quarenta anos pelos Deserto, na expectativa de alcançar a Terra Prometida.

O Profeta cumpre o seu papel, resgatando o povo escravizado, conduzindo-o até os limites de Canaã, a Terra Prometida. No Monte de Horeb, identificado na Bíblia

---

<sup>89</sup> “O que fica afinal do outro lado/ se acaso o universo for finito? Espaço nenhum. País inomeado./ Obscuro quê: vocábulo interdito./ Dizer ao invés o nunca nomeado/ nome que nem sequer pode ser dito./ (...) Mas cuidado com advérbios e com verbos/ os cérebros espreitam e os soberbos/ adjetivos que guardam o indizível.” In Manuel Alegre, *Sonetos do Obscuro Quê* (Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993), 80.

<sup>90</sup> José Tolentino Mendonça, *As Estratégias do Desejo. Corpo e identidades um discurso bíblico* (Lisboa: Cotovia, 2003, 2.ªed. acrescida), 39.

<sup>91</sup> Erich Fromm, *A Arte de Amar* (Cascais: Pergaminho, 2002), 74.

“O incidente mais marcante desta mudança reside na história bíblica da revelação de Deus a Moisés. Quando Moisés Lhe diz que os Hebreus não vão acreditar que foi Deus que o enviou, a não ser que ele lhes possa dizer o nome de Deus (como poderiam os idólatras compreender um Deus sem nome, já que é da essência de um ídolo ter um nome?), Deus cede. Ele diz a Moisés que o seu nome é “Eu sou Aquele que É”; “O meu nome é Eu Sou”. O “Ser” significa que Deus não é finito, não é uma pessoa nem uma coisa. A tradução mais adequada desta frase seria: “Diz-lhes que ‘o meu nome não tem nome.’”

<sup>92</sup> Manuel Alegre, “Quarto Poema do Pescador”, *Senhora das Tempestades* (Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998), 49.

<sup>93</sup> Cf. Paul Ricoeur, *Entre filosofia e teologia II: nomear Deus*, 195-196.

como o Monte do Senhor, no mesmo lugar em que recebeu a primeira revelação, ele tem uma nova visão e recebe os Dez Mandamentos. Esta jornada, do ponto de vista cristão, prenuncia a vinda de outro profeta, o Messias prometido, Jesus Cristo, que libertará o povo não apenas do jugo material, mas da submissão aos pecados.

Deus está em todos os lugares, mas não se manifesta em todos os lugares, mas onde se clama, se chama, se fala, onde se dá a oportunidade. Deus é um cavalheiro. Não pode entrar num coração que não lhe dá oportunidade para entrar. Só assim deixará de ser um *ignoto deo*, passando a ser uma luz permanente na vida cada um.

## 2.2. *Um Deus que se manifesta em Jesus Cristo*

Na opinião de Dom António Couto, o Novo Testamento “reserva-nos ainda uma novidade sensacional (...) mesmo a mais sensacional novidade da história do pensamento humano e das religiões (...) [que] consiste na revelação feita por Jesus de Nazaré de que Deus (...) é Pai.”<sup>94</sup>

Jesus Cristo<sup>95</sup>, aquele que foi ungido, é, de facto, aquele que dá a conhecer o Pai, como *Abbá* (paizinho), o rico de misericórdia e compaixão pelos seus filhos, e que, por isso, se faz próximo.<sup>96</sup>

“Muitas vezes e de muitos modos, falou Deus aos nossos pais, nos tempos antigos, por meio dos profetas. Nestes dias, que são os últimos, Deus falou-nos por meio do Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, e por meio de quem fez o mundo.” (Heb 1, 1-2)

Este exórdio da Carta aos Hebreus traz uma novidade: introduz a figura de Jesus, Filho de Deus, a sua ação na criação, a redenção e a glorificação. Este escrito estabelece uma relação entre o Antigo e o Novo Testamento numa perspetiva cristológica.

Em Jesus Cristo, Verbo Encarnado do Pai, assume a carne e a linguagem humanas, torna-se palavra de salvação, para chamar o ser humano à vida que não acaba. O Filho está presente entre nós e fala, prega, ensina, diz o que viu e sentiu no seio do Pai, com termos humanos para podermos compreender e assimilar.

---

<sup>94</sup> António Couto, “Deus-Pai no Antigo Testamento, nos escritos judaicos e no Novo Testamento”, in *Como uma Dádiva. Caminhos de Antropologia Bíblica* (Lisboa: UCE, 2002), 135.

<sup>95</sup> O termo Cristo significa, etimologicamente, aquele que foi ungido. É a transposição grega do termo hebraico Messias (*meshiah*) que designa no Antigo Testamento o Ungido de Deus, o Messias esperado pelo povo de Israel.

<sup>96</sup> “(...) estar próximo quer dizer antes de mais (...) que a soberania de Deus se transfere para o horizonte da história humana e da experiência.” Cf. Karl Rahner, *Curso Fundamental da Fé. Introdução ao conceito de Cristianismo* (São Paulo: Edições Paulinas, 1989), 384.

Cristo é o cume e a plenitude de toda a Revelação, revelando Deus e o ser humano a si mesmo. Assim, segundo Karl Rahner, “o que nos permite crer em um Deus Trino como plenitude do Amor é o fato de que ele se manifestou assim, desta maneira, na história.”<sup>97</sup>

“Depois, começou a percorrer toda a Galileia, ensinado nas sinagogas, proclamando o Evangelho do Reino e curando entre o povo todas as doenças e enfermidades.” (Mt 4, 23)

A ação reveladora de Cristo é expressa através dos vocábulos pregar e ensinar: pregar, indica a proclamação de forma global da Boa Nova do Reino; e, ensinar, significa instruir.<sup>98</sup>

Jesus é o revelador que proclama a Boa Nova e ensina com autoridade (Mc 1, 22; Mt 7, 29). A sua identidade passa pelo que disse e fez. Prega e convida os outros a segui-lo, a participar da sua missão: “Estabeleceu doze para estarem com Ele e para os enviar a pregar” (Mc 3, 14).

São Paulo usa o binómio mistério-evangelho para falar da Revelação, por exemplo, na Carta aos Romanos: o mistério escondido é revelado aos gentios pelo Evangelho para os conduzir à fé.

Segundo Adolphe Gesché, Jesus Cristo está no centro, mas não é o centro, na medida em que Jesus Cristo é o mediador, entre Deus e o ser humano, da Revelação e não o termo dessa mesma Revelação. Embora, seja a pedra angular, a sua pessoa não constitui o núcleo fundamental da sua missão.<sup>99</sup> Ideia que Ives Congar consolida quando diz que “Cristo, o Verbo feito homem, foi primeiro (para os apóstolos) a revelação de Deus.” Jesus fez-se presente no meio de nós para anunciar, dar a conhecer o Pai: “Eu e o Pai somos Um” (Jo 10, 30); “Mostrei-vos muitas obras da parte do Pai” (Jo 10, 32); “...e assim vireis a saber e ficareis a compreender que o Pai está em mim e Eu no Pai.” (Jo 10, 38).

Na obra *JesuCristo*, Adolphe Gesché levanta uma questão: é possível pensar numa relação entre Deus e o Homem? O Cristianismo é essa aventura emocional e espiritual de procurar Deus em Jesus Cristo, definido em Calcedónia como “verdadeiro Deus e verdadeiro homem”. É nos pequenos gestos do quotidiano que encontramos a plena presença de Deus. Quando Jesus chora, visita, cura, assiste, perdoa, toca, é a

---

<sup>97</sup> Maria Clara Lucchetti Bingemer, “Um Deus para ser amado. Algumas reflexões sobre a doutrina trinitária em Karl Rahner”, *Persp. Teol.* 36 (2004): 130.

<sup>98</sup> Sugere-se a leitura de Carlos Mesters, *Com Jesus na Contramão* (Lisboa: Ed. Paulinas, 1996).

<sup>99</sup> Cf. Adolphe Gesché, *JesuCristo* (Salamanca: Ediciones Sígueme, 2013), 23-24.

forma que ele tem de dizer que o Pai está ali. Deus não está ausente da História. É um Deus que se revela e se vela. É uma procura incessante. É um itinerário, um caminho de ininterrupta procura.<sup>100</sup>

Através dos Evangelhos, ficamos a conhecer o rosto de Deus, revelado em Jesus Cristo, pelos seus gestos e ações e pelas suas palavras. Porém, uma questão se impõe: qual o rosto de Deus que a Igreja dá a conhecer? Não é nossa pretensão apresentar uma resposta, contudo, a Carta Encíclica *Ecclesiam Suam*, sobre os caminhos da Igreja, de 6 de agosto de 1964, do Papa Paulo VI, apresenta no terceiro capítulo (n. 58-119) a Revelação como diálogo. Descreve a dupla atitude e duplo movimento da Igreja: fidelidade e atualização (*aggiornamento*). A Igreja, atenta aos sinais dos tempos, deve “inserir a mensagem cristã no círculo do pensamento, palavra, cultura, dos hábitos e tendências da humanidade, como ela vive hoje e se agita sobre a face da terra.”<sup>101</sup> No mundo e, dele, distinta, “a Igreja deve entrar em diálogo com o mundo em que vive.”<sup>102</sup> Só assim, poderá revelar o rosto do Pai e dar a conhecer este Deus, para tantos, ainda ignoto.

---

<sup>100</sup> Nesse sentido, podemos apontar como exemplo a conversão de Saulo (depois São Paulo) presente no capítulo nove dos Actos dos Apóstolos.

<sup>101</sup> Paulo VI, Carta Encíclica *Ecclesiam Suam*, sobre os caminhos da Igreja (Roma, 6 de agosto de 1964), 68. Disponível em:

[http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-vi\\_enc\\_06081964\\_ecclesiam.pdf](http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_06081964_ecclesiam.pdf).

<sup>102</sup> *Ibidem*, 65.

## CAPITULO II – DO “IGNOTO DEO” À “SARÇA ARDENTE” DE JOSÉ RÉGIO

Na continuidade da reflexão a que se propõe este trabalho de dissertação, o presente capítulo irá ocupar-se, essencialmente, na reflexão de dois poemas do escritor vila-condense José Régio, o “IGNOTO DEO”, um soneto que faz parte do livro de poesia *Biografia*, editado em 1929; e “Sarça ardente”, um longo poema que integra o livro de poesia *As Encruzilhadas de Deus*, de 1936.

Deste modo, trilharemos caminho sob olhar do poeta que nasceu “do amor que há entre Deus e o Diabo”<sup>103</sup>, pretendendo demonstrar a postura do escritor para com o Transcendente. Os dois poemas selecionados, redigidos em momentos diferentes da sua vida, demonstram as interrogações que o ser humano coloca perante o sentido da vida e Deus, caminhando, dessa forma, ao encontro do percurso de Abraão e Moisés.

Com José Régio, através dos poemas criteriosamente selecionados no seio da sua vasta obra literária, faremos o percurso de busca e de interrogação permanente do ser humano; e de Abraão e Moisés, desde de um Deus que não conhecemos, o *ignoto deo*, até o contacto com ele, face a face, contemplando o fogo (a verdadeira luz) que não se extingue.

A opção por este autor prende-se, primeiramente, pela pertinência dos seus textos e pela inquietante e incessante procura por um Deus desconhecido que ele empreendeu ao longo da sua vida; depois, por um gosto pessoal e por se tratar de um artista de Vila do Conde, pois devemos valorizar o que é nosso.

De facto, poderíamos ter optado por outro nome das letras do universo literário português, por outros poemas igualmente válidos e de interessante conteúdo, que valesse a leitura e a análise. Contudo, foi sobre José Régio que recaiu a escolha, uma vez que, ao longo dos anos, foi sempre um escritor, algo voltado ao esquecimento.

José Régio foi, realmente, um homem plural e um artista singular, pois, de facto, Régio foi um ser cuja dimensão ultrapassou em muito a sua pequena estatura; e a sua obra não se limitou a ficar impressa no papel.

Feita esta justificação inicial, num primeiro momento, daremos a conhecer este Homem e Artista de Vila do Conde; de seguida, faremos uma contextualização dos supracitados poemas e respetivas obras; posteriormente, a análise de conteúdo e articulação; por fim, a génese textual e alguns desenhos que acompanham os textos.

---

<sup>103</sup> José Régio, “Cântico Negro”, in *Poesia I* (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2001), 82.

## 1. José Régio: as facetas de um homem plural

Na literatura e cultura portuguesas, Régio ocupa reconhecidamente um lugar cimeiro: para Fernando Pessoa é o primeiro entre iguais (*primus inter pares*); para António Sérgio e Rodrigues Lapa, um clássico da nossa poesia; para Manuel Bandeira e Vergílio Ferreira, o maior dos vates pátrios da sua geração;<sup>104</sup> para Eugénio Lisboa, “é uma das maiores figuras da nossa história literária. Um dos seus poucos incontestáveis gigantes.”<sup>105</sup>

Na realidade, José Régio é um dos grandes solitários da literatura portuguesa do século XX. Em literatura e arte, ser solitário significa ser criador dos fundamentos teóricos e dos métodos expressivos da sua obra; significa, também, que se permanece imune a modismos estéticos nacionais e internacionais; significa que se cria a sua própria mónada estética, mas, diferente da de Leibniz, com muitas portas e janelas; significa, no fundo, que se desenvolve um universo literário singular.<sup>106</sup>

Vejamos como se apresenta:

### Dados auto-biográficos

Nasci em Vila do Conde, a 17 de Setembro de 1901, e recebi o nome de José Maria dos Reis Pereira. Posto dizer que mamei entre dois séculos, o que me parece confirmado pelas minhas coisas literárias. Meu pai — José Maria — era sobrevivente, como seu pai. Minha mãe — Maria da Conceição — tratava os filhos e da casa. Dançar, era trabalho mais que suficiente para encher a vida. Suma *the blax*. Os meus antepassados do lado de minha mãe eram gente do mar. Os do lado de meu pai, assim como meus ou tios velhos enfiados com quem me eriei, gente muito religiosa. Falava, por isto, em criança, eu era dizia que queria ser marinheiro, era padre. Fui os estudos liceais em Vila do Conde e no Porto. Ainda conheci, por esta altura, matricular-me numa Escola de Belas Artes, porque tinha algum jeito para o desenho e um vivo gosto pela pintura. Deixei, por se me tivesse revelado mais firme a vocação literária. Meu irmão Filipe é que se deu ao vício na pintura e no desenho, além de vir, depois, a publicar livros de versos em o pseudónimo de Paul Dias. Fui em Coimbra a licenciatura em Letras e o estágio para professor efectivo. Também em Coimbra, que coincide no a minha segunda terra, me matei nas empresas da “premeça”. Lá garbhei amigos, vivi uns anos à meu gosto, e principiava a publicar livros. Depois, fui professor no Porto durante uns meses. Do Porto passei para Porto Alegre, onde me afixei. Em Porto Alegre, que me considero a minha terceira terra, vivo há uns trinta anos, entregue

à minha profissão de professor, à minha produção literária e à minha mania das antiguidades. Eis porque me queixo de contínua falta de tempo. Vivo no em casa, mas não me sinto desacompanhado. Tenho publicado livros de poesia, de romances, de novela, de teatro, de ensaios e de autopsia. Também tenho feito um certo formalismo, que gosto de fazer porque me põe em contacto imediato com leitores de várias classes. As minhas aventuras têm sido sobretudo interiores, — ou são tão particularmente ou banais que não podem vir a público. Não pertenço a nenhuma ordem religiosa; mas creio que me seria impossível viver sem o sentimento de a ideia de Deus, que sempre me têm sustentado. Tenho os espíritos dos da Natureza e os do Arte. Não posso aceitar qualquer doutrina que simultaneamente não dignifique a totalidade humana e não procure remediar as injustiças sociais que ainda afligem o mundo. Nunca, até hoje, falei em público. Ainda há pouco, sentia-me incluído ao tentar chegar aos meus. Agora ainda o digo bastante mal, mas ed os vou dizendo: A proximidade da realidade que nos perdes muitas imbricções e até preconceitos. Deves continuar a sustentar-me, e me deixes morrer em paz quando chegar a minha hora. A falar verdade, ainda não tenho pressa.

Vila do Conde  
Setembro de 58

José Régio

**Figura 1:** José Régio, "Dados auto-biográficos" (Vila do Conde, setembro de 1958).

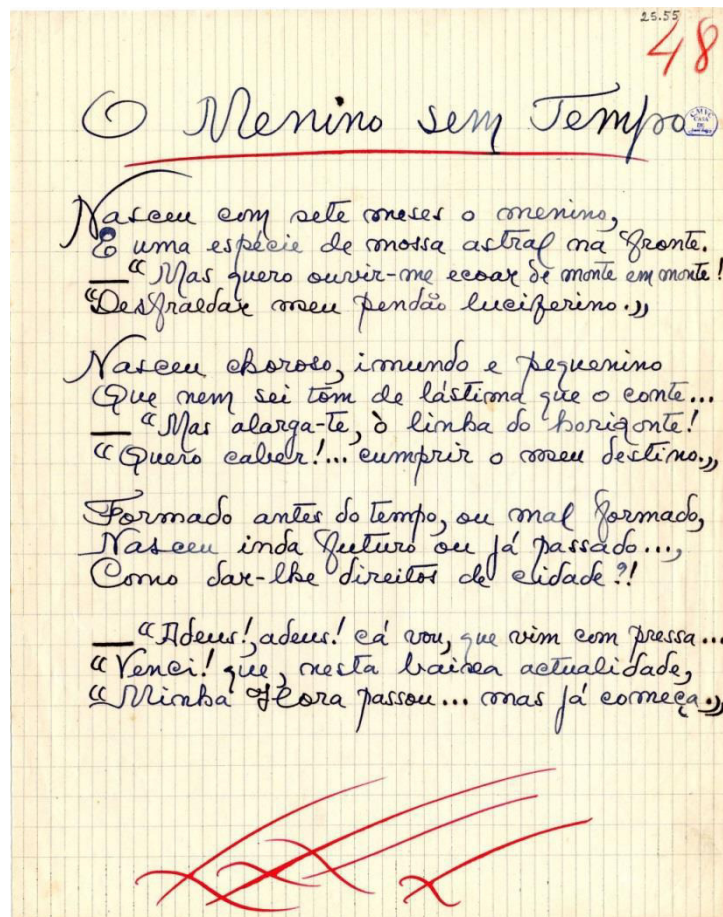
<sup>104</sup> Cf. João Francisco Marques, *Raízes e Percursos de José Régio (1901-1969)* (Vila do Conde: Centro de Estudos Regionais, 2001).

<sup>105</sup> Eugénio Lisboa, “O Mundo de Régio”, in Isabel Cadete Novais, *José Régio: Itinerário Fotobiográfico* (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda/ Câmara Municipal de Vila do Conde, 2002), 10.

<sup>106</sup> Cf. Miguel Real, “Régio – O Grande Solitário” (Prefácio), in Isabel Cadete Novais, *José Régio: Percursos e Discursos de uma Vida. Itinerário Fotobiográfico* (Vila do Conde: Centro de Estudos Regionais, 2017), 3.



Nesta sua autobiografia, redigida para acompanhar o CD (compact disc)<sup>107</sup> com alguns dos seus poemas, ditos<sup>108</sup> por si próprio, o poeta que nasceu “entre dois séculos”, fala de si e dos seus ascendentes, dando a conhecer ao leitor as suas raízes, nunca negadas. E confirma: “Deus continua a sustentar-me,...”



**Figura 2:** José Maria dos Reis Pereira com cinco meses de idade (à esquerda)<sup>109</sup>  
**Figura 3:** Autógrafo do Poeta, com o poema “O Menino sem Tempo” (à direita)

José Régio, pseudónimo literário de José Maria dos Reis Pereira, nasceu em Vila do Conde em 17 de setembro de 1901 e aí faleceu a 22 de dezembro de 1969. O ambiente familiar das raízes de Régio era o da média burguesia de uma profunda religiosidade católica.

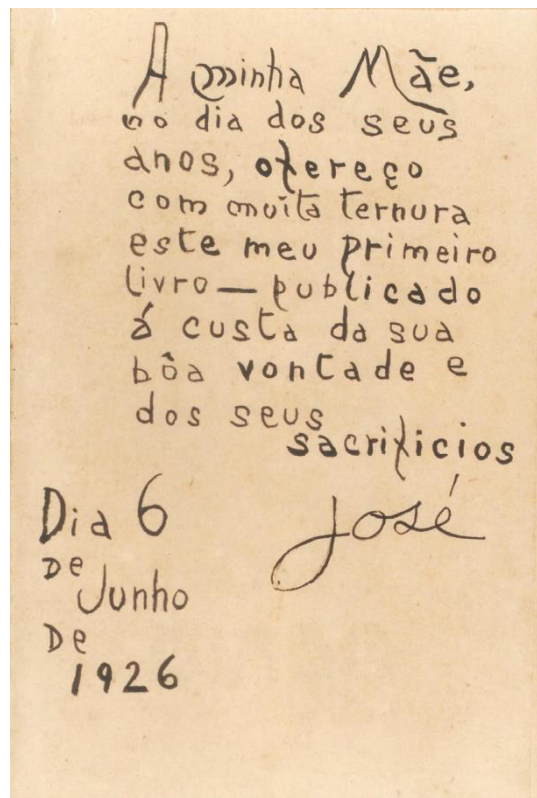
A casa onde nasceu José Régio, a Velha Casa do romance com o mesmo nome, fica situada numa das mais movimentadas avenidas da “Vila do Conde espriada/ Entre pinhais, rio e mar...”<sup>110</sup>

<sup>107</sup> CD *José Régio por José Régio*, uma edição da Câmara Municipal de Vila do Conde e da Câmara Municipal de Portalegre, no âmbito das comemorações dos 25 Anos da Morte de José Régio, 1994.

<sup>108</sup> José Régio empregava a expressão “dizer poemas” e não “declamar poesia”, pois não considerava ser um declamador no sentido pleno da palavra.

<sup>109</sup> No verso da foto pode ler-se: “Maria da Conceição R. Pereira/ José Maria Pereira/ Offerecem o retrato do seu filhinho aos seus pais. V. do C. 20/2/1902”.

A sensibilidade artística e outras características do seu temperamento herdou-as da mãe, Maria da Conceição Reis Pereira (1876-1946)<sup>111</sup>, que o ajudou com as suas economias a custear a publicação do seu primeiro livro de versos, *Poemas de Deus e do Diabo* (1925).



**Figura 4:** Capa da 1.ª edição de *Poemas de Deus e do Diabo* (à esquerda)  
**Figura 5:** Dedicatória à Mãe, no livro a ela oferecido por ocasião do seu aniversário (à direita)

Do pai, José Maria Pereira Sobrinho (1876-1957), herdou o gosto pelo teatro, ele que “foi sempre muito amante do teatro”<sup>112</sup> e que sonhara seguir a carreira do palco. Não o fizera, pois não tinha o consentimento de seu pai, um homem “severamente religioso.”<sup>113</sup> O gosto pelo romance começa também nos tempos da infância, quando, na missa, colocando-se estrategicamente atrás da madrinha Libânia, “lia o Rocambole

<sup>110</sup> José Régio, “Romance de Vila do Conde”, in *Poesia I* (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2001), 351.

<sup>111</sup> Na obra *Confissão dum Homem Religioso*, publicada postumamente, José Régio traça um retrato impressionante de sua mãe: “Além de apaixonadamente dedicada aos filhos, ao marido e à casa, nossa mãe era quase doentamente apreensiva. *Aprensiva* era um dos qualificativos com que ela mesma se caracterizava, no significado de preocupada e receosa. (...) Este era um dos aspectos um pouco mórbidos da sua sensibilidade, que mais tarde reconheci como invulgar. (...) A morte do primeiro fruto do casal — uma rapariga morta aos três ou quatro anos de idade — não fizera senão exacerbar a sua propensão a prever catástrofes.” José Régio, *Confissão dum Homem Religioso* (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2001), 37-38.

<sup>112</sup> José Régio, *Confissão dum Homem Religioso* (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2001), 40.

<sup>113</sup> *Ibidem*, 40.



numa edição de não sei quantos pequenos volumes. Comecei a ler muito novo”<sup>114</sup>  
Quanto à poesia, refere Régio, que com doze ou treze anos escrevera o primeiro caderno de versos.

De corretas e agradáveis proporções físicas, Régio era de baixa estatura, franzino, frágil e hipersensível, de temperamento apreensivo e receoso, de feitio afável, mas complicado. Quando o seu avô paterno morreu, Régio declarou aos pais que não voltaria a comungar nem a confessar-se. Sucedeu, assim, que aos catorze anos perdera a fé, descrente das “crenças que docilmente se aceitam.”<sup>115</sup> Ou seria que a fé entrou em hibernação e, no fundo, ganhou consistência esse estado de alma religioso que definiu como o “crer não crendo”?<sup>116</sup>

Desde novo lhe era difícil pensar que Deus existisse, como se não existisse.<sup>117</sup>  
Esta oscilação terá expressão poética em vários textos seus, como, por exemplo, nestes dois excertos de dois poemas de *As Encruzilhadas de Deus*:

Como olhar-me, se eu grito que não creio  
Nos próprios gritos com que chamo Deus?  
Todavia, Deus sabe que em meu seio  
Uma flecha de fogo aponta os céus...

(“Poema de Amor sem Fé nem Esperança”)

Senhor meu Deus em que não creio!  
Nu a teus pés, abro o meu seio:  
Procurei fugir de mim,  
Mas sei que sou meu exclusivo fim.

(“Poema do Silêncio”)

Quanto a Cristo, atraiu-o sempre o enigma da sua personalidade: Jesus, homem e Deus, em coabitação racionalmente inverosímil de duas naturezas, a humana e a divina, que rejeitava, ficando-se apenas pela admiração do mortal Nazareno, sem dúvida o maior homem que houve no mundo.

A importância do peso da pessoa humana de Jesus Cristo, alimentada pela leitura dos Evangelhos, seria decisiva na perda da fé na sua divindade, como pode ler-se no capítulo III, “O Mistério de Jesus”, de *A Confissão dum Homem Religioso*, que é a reprodução do prefácio da obra *Cristo. Tal como os pintores e poetas portugueses o*

---

<sup>114</sup> José Régio, *Confissão dum Homem Religioso*, 47.

<sup>115</sup> José Régio, *Confissão dum Homem Religioso* (Porto: Editora Brasília, 1971), 61.

<sup>116</sup> José Régio, *Confissão dum Homem Religioso*, 137.

<sup>117</sup> Cf. *Ibidem*, 117-137.

*viram, sentiram e entenderam*, intitulado “Multiplicidade de Jesus”, redigido aos 51 anos.

Ainda muito novo, deixa-se impregnar pela magia dos romances de Camilo Castelo Branco, pela leitura de *Da Imitação de Cristo* de Renan (de que ele mais tarde viria a empreender uma tradução que não chegou a completar), pelos Evangelhos.

“Com a minha ida para Coimbra se iniciava uma nova fase da minha vida; e principiava, digamos, a minha *carreira literária*.”<sup>118</sup>



**Figura 6:** À mesa de trabalho no seu quarto de Coimbra. Reis Pereira com Branquinho da Fonseca e Edmundo de Bettencourt (à esquerda).

**Figura 7:** Caloiro em Coimbra, maio de 1921 (à direita).

José Maria dos Reis Pereira licencia-se em Filologia Românica na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, com a tese *As Correntes e as Individualidades na Moderna Poesia Portuguesa* em 1925. Será contudo a partir da sua estadia nesta cidade que se verificará a grande mudança na sua vida: participou em várias tertúlias, colaborou em diversas revistas entre as quais a *Bizâncio*, publicou o seu primeiro livro de poesia *Poemas de Deus e do Diabo*, criou a revista *presença*<sup>119</sup>, uma folha de arte e crítica, em 1927, e contactou com algumas das mais importantes figuras das cultura e literatura portuguesas da época.

<sup>118</sup> José Régio, *Confissão dum Homem Religioso*, 74.

<sup>119</sup> Em 10 de março de 1927, saiu, em Coimbra, o primeiro número da revista *presença*, designada também como *fôlha de arte e crítica*. Fundada por José Régio, João Gaspar Simões e Branquinho da Fonseca, deu continuidade à revolução modernista iniciada pela revista *Orpheu* de Fernando Pessoa, Almada Negreiros e Mário de Sá-Carneiro.

No artigo “Literatura viva”, publicado no primeiro número, José Régio refere quais os objetivos daquela publicação, acrescentando que “Literatura viva é aquela em que o artista insuflou a sua própria vida, e que por isso mesmo passa a viver de vida própria.” In *presença*, n.º 1 (Coimbra, 27 de março de 1927).

“O quarto do Reis Pereira passou a ser um dos locais de reunião do nosso grupo e aí, diante da paisagem florentina...se iam criando as cenas do *Jogo da Cabra Cega*.”<sup>120</sup>

Era, mas palavras de Eugénio Lisboa, “um estudante muito particular: sério, profundo, mas irregular e algo alheio.”<sup>121</sup> Características que foram sendo alteradas com a maturidade, passando a exercer uma verdadeira influência junto do grupo de amigos.

O convívio com os seus semelhantes contribuía para o aprofundamento dos seus conhecimentos do humano e da arte. E assim, se reconhecia como “um elo vivo numa cadeia de humanidade angustiada, palpitante, roída pela fome de Absolut.”<sup>122</sup>

Mora-me um Poeta  
Que tento esconder,  
A ver  
Se poderei ser  
Como toda a gente.

(“Fantasia sobre um velho tema” in *As Encruzilhadas de Deus*, 1936)

Findada a sua passagem por Coimbra, rumo a Portalegre, após uma breve passagem pelo Liceu Alexandre Herculano no Porto, onde efetiva no Liceu Mouzinho da Silveira<sup>123</sup>, em 1929, e onde ficará até se aposentar em 1962.

Na cidade alentejana, instala-se na Pensão 21, onde aluga um quarto, depois outro, até ocupar a totalidade do espaço. A antiga pensão é hoje a Casa-Museu de José Régio em Portalegre.



**Figura 8:** Pensão 21 (à esquerda).

**Figura 9:** Atual Casa-Museu José Régio em Portalegre (à direita).

<sup>120</sup> Alberto Martins de Carvalho, “O meu amigo Reis Pereira”, in J. Silva Couto (org.), *In Memoriam de José Régio* (Porto: Brasília Editora, 1.ª ed., 1970), 31.

<sup>121</sup> Eugénio Lisboa, *José Régio: a obra e o homem* (Viseu: Editora Arcádia, 1976, 1.ª edição), 56.

<sup>122</sup> *Ibidem*, 67-68.

<sup>123</sup> Atualmente dá lugar à Escola Superior da Educação de Portalegre.

Alentejo, ai solidão,  
Solidão, ai Alentejo,  
Pátria que à força escolhi!  
Quando cheguei, quis-te mal,  
Alentejo-ai-solidão...  
Julguei eu que te quis mal.  
Chegava do vendaval,  
Tão cego que te nem vi!  
(...)  
Nos teus ermos escondido  
Vim achar o meu tesouro.

(José Régio, “Fado Alentejano”, in *Fado*, 1941)

Para além da sua atividade como professor no Liceu, ocupa o seu tempo na sua produção literária, nos encontros e tertúlias com os amigos e na procura de antiguidades, que tanto apreciava colecionar. De realçar o gosto particular por peças de arte sacra, cuja aquisição o levava, por vezes, a contrair dívidas, revelando-se um verdadeiro ginasta financeiro.

O próprio Fernando Pessoa, em carta enviada a João Gaspar Simões, em 3 de dezembro de 1931, confessa: “E quem lhe diz que a história definitiva da literatura não levará José Régio tão alto, ou mais alto, que Tolstoi ou o André Gide, ou quem v. citasse? Não me custa nada admitir essa possibilidade, sobretudo em quem, sendo tão jovem como o Régio, já tanto conseguiu adentro da sua sensibilidade.”<sup>124</sup>

Em 1962<sup>125</sup>, ano em que se aposenta do ensino, entra na última fase da sua vida e regressa à sua terra natal, Vila do Conde. Passa a residir na casa que herdara do pai, onde veio a falecer nas vésperas do Natal, a 22 de dezembro de 1969, após um período de doença. Atualmente, Casa de José Régio, podemos visitar e apreciar o seu acervo, composto por peças que foi recolhendo ao longo da vida.



**Figura 10:** Casa de José Régio, em Vila do Conde (foto atual).

<sup>124</sup> Carta de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões, de 3 de dezembro de 1931.

<sup>125</sup> Em 30 de janeiro de 1962, reforma-se, passando a viver sobretudo em Vila do Conde, embora sem deixar de ir, periodicamente, a Portalegre.

De facto, “nos últimos anos da sua vida, o notável poeta d’*As Encruzilhadas de Deus* conseguiu reunir em Vila do Conde, na casa onde nascera, e que lhe pertencia, uma importante colecção de obras de arte, de ampla gama cronológica e dos géneros mais variados. Destacam-se do conjunto, as peças relativas à arte popular antiga – matéria em que José Régio foi, como colecionador, pioneiro no nosso país, e um admirador apaixonado.”<sup>126</sup>

“Até à morte, o seu trabalho nunca mais afrouxará. É, no fundo, a grande arma contra o tédio e o desespero.”<sup>127</sup>



**Figura11:** Régio, no seu gabinete de trabalho, em Portalegre (Anos 40).

Descobrir na complexidade da obra de José Régio a sua faceta religiosa é um desafio permanentemente colocado e sempre inacabado. Permite-nos descobrir um pouco mais do homem, do criador, das suas inquietações, do seu percurso de vida. Percorrer a *Confissão dum Homem Religioso*, *Mas Deus é Grande*, *As Encruzilhadas de Deus*, *Poemas de Deus e do Diabo*, *A Chaga do Lado* e tantas outras das suas obras é fundamental para percebermos o “menino adolescente que aceitava verdades familiares e tradicionais”, e o “homem esmagado entre Deus e o Diabo”, mas também o homem que afirma: “...E nos silêncios do meu verso,/ Fala tu! Voz Suprema do Universo.”<sup>128</sup>

<sup>126</sup> João Francisco Marques, “José Régio e a Paixão pelas Antiguidades – A Sensibilidade de um Artista e um Místico”, *Boletim Estudos Regianos* 6-7 (Vila do Conde: CER – Centro de Estudos Regianos, 2000), 48.

<sup>127</sup> Eugénio Lisboa, *José Régio: a obra e o homem*, 97.

<sup>128</sup> José Régio, “Sarça ardente” in *As Encruzilhadas de Deus* (Vila do Conde: CER – Centro de Estudos Regianos, Edição Fac-similada, 2006).

“O Conflito (...) é entre duas partes do homem, a sua parte divina e a sua parte demoníaca. Deus e o Diabo seriam dois Deuses se ambos fossem realidades absolutas. Deus é para mim uma realidade absoluta. O Diabo é uma espécie de aparência que tem muito de poder sobre o homem, (...) é um mito que representa as forças do Mal, tudo aquilo que se possa opor a Deus, à Santidade...”<sup>129</sup>

No início de 1966, escrevia José Régio no seu *Diário*: “creia ou não creia, não posso viver sem Deus. Deus é a minha força, o meu refúgio, a minha companhia. E nada sei sobre Deus, - nem mesmo se existe!”<sup>130</sup> No plano do pensamento apresenta-se-lhe “como impossível e inaceitável a hipótese da existência de ‘um Deus pessoal em quem se pudesse confiar’”,<sup>131</sup> todavia persistia em acreditar em tudo isso que a sua razão recusava, não podendo, por isso, deixar de se lembrar e de falar de Deus como de uma entidade a quem o seu destino se achava indissolúvel e radicalmente ligado e para a união com a qual a tendência ou impulso místico da sua alma o impelia.

Régio nunca deixou de refletir sobre Deus e a religião, em confronto com a figura de Jesus, cuja divindade, contudo, recusava. E tenta-se a escrever o poema “IGNOTO DEO”. Ora, que ideia ou intuição de Deus estava subjacente a esta crença sempre ameaçada pela dúvida ou pela descrença? Que Deus era esse a que expressamente se referem os títulos de três - *Poemas de Deus e do Diabo*, *As Encruzilhas de Deus*, *Mas Deus é Grande* - das suas mais significativas recolhas poéticas e com que a sua humanidade se confrontava?<sup>132</sup>

“Na realidade, José Régio nunca teve que escolher entre uma realidade concebida como imanente e outra à qual só a transcendência confere existência e sentido. Toda a sua vida foi, consciente, difícil e quase jubilosamente, até à provocação de si mesmo e dos outros, um *homem religioso*.”<sup>133</sup>

O facto de Régio ser constantemente arrastado por dúvidas, com os consequentes períodos de frieza ou indiferença para com a religião, condu-lo a um labirinto onde o poeta trava inúmeras batalhas tentando encontrar uma resposta. É neste momento que a fé dá com mais frequência lugar à razão. Mas a razão não atinge o que está para além dela e, apesar de o poeta ter ouvido e sentido as solicitações de Deus,

---

<sup>129</sup> José Régio, Excerto da entrevista dada à RTP, em 1968.

<sup>130</sup> José Régio, *Páginas do Diário Íntimo* (Lisboa: Círculo de Leitores, 1994), 394.

<sup>131</sup> António Braz Teixeira, “A ideia de Deus e a religião em José Régio”, *Revista Estudos Regianos* 12-13 (Vila do Conde: CER - Centro de Estudos Regianos, junho-dezembro 2004), 45.

<sup>132</sup> Cf. António Braz Teixeira, “A ideia de Deus e a religião em José Régio”, 45-52.

<sup>133</sup> Eduardo Lourenço, “As confissões incompletas ou a religião de RÉGIO”, *Revista Estudos Regianos* 22-23 (Vila do Conde: CER - Centro de Estudos Regianos, janeiro 2016-dezembro 2017), 45.



continuou-se “... Em confusões, em dúvida, em descrença...”. Realmente é este o período que poderá ser considerado o mais crítico da religiosidade de Régio. Contudo, mesmo aqui, ele nunca nega abertamente a existência de Deus. Mas em que Deus acreditava José Régio?

## 2. “desisti de saber qual é teu nome”

“Do seu conflito interior deixou Régio longo espectro na obra poética, de fundo vinco confessional e autobiográfico.”<sup>134</sup> Desde os *Poemas de Deus e do Diabo*, passando por tantas outras composições poéticas, até à *Confissão dum Homem Religioso*, o leitor depara-se com a (quase obsessiva) temática religiosa.

Como místico, que se julgava e assumia, carecia da presença de um Deus com “uma personalidade, uma existência concreta, uma transcendência viva.”<sup>135</sup>

“‘Preciso de Deus! Nasci para Deus!’ gritava às vezes comigo ‘mas não alcanço a graça...’ E ao mesmo tempo que me parecia inegável tal necessidade de Deus – não era tão premente que a ausência de Deus [o silêncio de Deus] me não deixasse ir suportando a vida com relativa facilidade, às vezes com grata satisfação.”<sup>136</sup>

O poeta precisa de Deus. Em *Confissão dum Homem Religioso* ele interroga-se: “Mas que Deus? Quem era esse Deus? O que era esse Deus?”<sup>137</sup> Para responder logo de seguida: “...um Deus com realidade concreta e personalidade definida embora indefinível pelos humanos.”<sup>138</sup> E confirma que “Deus está muito próximo de nós. De mim.”<sup>139</sup>

Era de facto um problema que o perseguia (“Deus voltava a perseguir-me”) e sobre o qual reflete, essencialmente, no capítulo “Os graus de Deus” na obra póstuma *Confissão dum Homem Religioso*, a qual nos abtemos de analisar, mas cuja leitura aconselhamos, e na sua obra poética. É através da sua poesia que melhor contactamos com este sentimento de Deus que alimentava José Régio, que no final da vida declara:

---

<sup>134</sup> João Francisco Marques, “Para uma reflexão sobre Régio, homem religioso”, Revista *Estudos Regianos* 8-9 (Vila do Conde: CER - Centro de Estudos Regianos, junho-dezembro 2001), 75.

<sup>135</sup> José Régio, *Confissão dum Homem Religioso*, 121.

<sup>136</sup> *Ibidem*, 119.

<sup>137</sup> *Ibidem*, 121.

<sup>138</sup> *Ibidem*, 122.

<sup>139</sup> *Ibidem*, 122.

“Os que falam da Religião como da alienação suprema – não podem compreender de quantas alienações ela nos liberta.”<sup>140</sup>

### 2.1. Contextualização literária de *Biografia*: um livro de sonetos de José Régio

*Biografia*, livro de sonetos publicado no ano de 1929, em Coimbra, apresenta, na capa, um desenho do irmão Julio.<sup>141</sup>



**Figura 12:** Capa da 1.ª edição de *Biografia*, de 1929.

O título contém em si mesmo, segundo Diana Pimentel, uma aporia, ou seja, “a da presença de si a si mesmo, a da presença do sujeito face à imagem de si.”<sup>142</sup> Uma obra aberta que vai sendo completada ao longo da vida, como se verificou com a inclusão de composições no decorrer das edições, que foram saindo durante a vida do autor.

Apesar da extensão, não significa que a intenção de José Régio fosse a de reunir, em *Biografia*, todos os seus sonetos. Muitas das suas composições, aliás, chegaram até nós através de publicações avulsas em periódicos e outras colaborações. Além disso,

<sup>140</sup> José Régio, *Confissão dum Homem Religioso*, 234.

<sup>141</sup> Júlio Maria dos Reis Pereira (1902-1981), irmão de José Régio, exercia a profissão de engenheiro civil, tendo sido também um conhecido pintor, assinando os seus quadros como “Julio” (sem acento gráfico), e poeta, usando o pseudónimo literário de “Saúl Dias”. Por isso, muitos são os que se referem a ele como “Julio/Saúl Dias”.

<sup>142</sup> Diana Pimentel, “Biografia: ausente de si”, *Boletim Estudos Regianos* 2 (Vila do Conde: CER - Centro de Estudos Regianos, junho 1998), 70.



não podemos deixar de referir que, raras vezes, encontramos alguns dos poemas de *Biografia* publicados em outros volumes de poesia.

Os sonetos que compõem *Biografia* foram redigidos no decorrer dos anos 20, período em que se encontrava em Coimbra. Esta foi sem dúvida, em termos de criação artística, uma época áurea para o poeta. Com este livro, Régio quer demarcar-se dos demais pela diferença da concepção gráfica e estética, pela abordagem dos temas, pela irreverência e extravagância.

## 2.2. “IGNOTO DEO”: soneto da busca

O poema “IGNOTO DEO” foi incluído na terceira edição de *Biografia*, em 1952, edição revista e aumentada, com seis ilustrações de Julio.

### IGNOTO DEO

Desisti de saber qual é Teu nome,  
Se tens ou não tens nome que Te demos,  
Ou que rosto é que toma, se algum tome,  
Teu sopro tão além de quanto vemos.

Desisti de Te amar, por mais que a fome  
Do Teu amor nos seja o mais que temos,  
E empenhei-me em domar, nem que os não dome,  
Meus, por Ti, passionais e vãos extremos.

Chamar-Te amante ou pai..., grotesco engano  
Que por demais tresanda a gosto humano!  
Grotesco engano o dar-te forma. E enfim,

Desisti de Te achar no quer que seja,  
De Te dar nome, rosto, culto, ou igreja...  
— Tu é que não desistirás de mim!

José Régio, *Biografia* (3.<sup>a</sup> ed., 1952).

Estamos perante um soneto (composição poética constituída por catorze versos, distribuídos por duas quadras e dois tercetos) no qual o sujeito poético reconhece as suas limitações perante esse Outro do qual desistiu de saber o nome (“Desisti de saber qual é Teu nome”). Assim, o leitor compreende a expressão que nomeia o soneto: *ignoto deo*. Expressão latina que significa, literalmente, *deus desconhecido*.

Um *deus desconhecido* com o qual ele se debate e se confronta; um *deus desconhecido* do qual necessita, mas que desejaria rejeitar; um *deus desconhecido* sem o qual não pode viver e cuja presença é (quase) insuportável; um *deus desconhecido*, que o sujeito poético sabe e sente sempre presente, pois esse *ignoto deo* não desistirá dele (“— Tu é que não desistirás de mim!”).

### 3. “Sei que existes na voz com que te chamo”

Os anos 20 foram frutíferos no que respeita à construção da sua obra literária. O autor de *Poemas de Deus e do Diabo* continuou a explorar os temas de cariz religioso, voltando o sentido da reflexão e do questionamento ora para si ora para o Outro (“Se tens ou não tens nome que Te demos”). É uma busca constante desse Deus, que ele sabe que existe “na voz com que te chamo”.

Podemos aceitar que Régio fez um caminho de descoberta com Deus e consigo próprio. Uma viagem imaginária, interior, espelhada através da sua obra literária. Desde os primeiros textos publicados, redigidos em tenra idade, até aos últimos escritos, publicados postumamente, o leitor dá-se conta da evolução de pensamento, do amadurecimento do escritor. Amadurecimento não apenas em termos físicos, mas sobretudo em termos de ideias e conceitos, que o Poeta deixou a refogar, tomando a liberdade de utilizar um termo culinário, para ficar com mais sabor.

#### 3.1. Contextualização literária de *As Encruzilhadas de Deus* e o “Último Livro” de José Régio

A primeira edição de *As Encruzilhadas de Deus* foi publicada em 1936, pelas Edições Presença-Atlântida, tem na capa um desenho de Julio. Insere-se, juntamente com *Poemas de Deus e do Diabo* (1925) e *Mas Deus é Grande* (1945), na poesia de dimensão religiosa e dramática, contribuindo para a procura de um Deus que José Régio não conhece: o *ignoto deo*.



**Figura 13:** Capa da 1.ª edição de *As Encruzilhadas de Deus*, de 1936.

É desde logo recebido como um grande clássico da poesia portuguesa. “Dele dirá Rodrigues Lapa (26-4-1936)<sup>143</sup> que Régio ‘atinge neste livro, *As Encruzilhadas de Deus*, uma angustiosa e dramática plenitude’ (...), [em] ‘que não faltam no entanto palpitações humaníssimas’.”<sup>144</sup>

O próprio título transmite ao leitor a angustiosa busca pelas encruzilhadas, pelos caminhos cruzados, de um Deus ignoto, do qual pouco se sabe, mas sem o qual o Poeta não sabe viver. Ele tem necessidade de Deus e transmite-o através, não só da sua escrita, como também através do desenho, o qual oportunamente abordaremos.

### 3.2. “*Sarça ardente*”: complexo jogo de encontros e desencontros com Deus

*As Encruzilhadas de Deus* de José Régio, coletânea publicada em 1936, é composta por quatro “livros”. Três deles vêm indicados pelo respetivo ordinal: “Livro Primeiro”, “Livro Segundo” e “Livro Terceiro”. O quarto contraria o padrão, tendo como título “Último Livro” e é totalmente ocupado por um único e longo poema, “*Sarça ardente*”.

A intenção de José Régio parece óbvia: que vejamos o ponto culminante do livro, isto é, “toda a relação do poeta com Aquele de cujas ‘Encruzilhadas’ o livro precisamente se ocupa.”<sup>145</sup> Teríamos aí a súmula de todo o complexo jogo de encontros e desencontros do poeta com Deus a que o título, sugerindo toda a série de hesitações e perturbações, alude.

Este longo poema, que encerra o volume, é o seu ponto culminante, numa viagem dramática que o sujeito poético faz por meio de sobressaltos, desânimos, revoltas, “na nunca totalmente apaziguada relação que com Deus mantém.”<sup>146</sup> Apesar de ser o último livro na coletânea, ocupa nela um lugar de extrema importância, de evidente e claro lugar estratégico.

O poema “*Sarça ardente*”, que a seguir se transcreve, corresponde à versão da primeira edição da obra, respeitando escrupulosamente a grafia e pontuação:<sup>147</sup>

---

<sup>143</sup> Rodrigues Lapa, *O Diabo*, 26-4-1936.

<sup>144</sup> Eugénio Lisboa, *José Régio: a obra e o homem*, 124.

<sup>145</sup> Fernando J. B. Martinho, “Oitava e Sarça: José Régio e Camões”, *Boletim Estudos Regianos* 12-13 (Vila do Conde: CER – Centro de Estudos Regianos, junho-dezembro/ 2004), 186.

<sup>146</sup> *Ibidem*, 186.

<sup>147</sup> José Régio, “*Sarça ardente*”, in *As Encruzilhadas de Deus* (Vila do Conde: CER - Centro de Estudos Regianos, Edição Fac-similada, 2006), 163-177.

## ÚLTIMO LIVRO

### SARÇA ARDENTE

I

...Não porque não viajasse! O mundo é vasto,  
Mas repete-se, e é fácil esgotá-lo...  
Se uma vez viste o céu com olhar casto,  
Que outro céu poderá ultrapassá-lo?  
Certo é, sim, que ante mim girei de rasto,  
Com sempre o mesmo giro e o mesmo embalo;  
Mas não!, não porque não tenha viajado  
Longe do escano em que fiquei sentado!

3

Lá por perdidas praias, onde o vento  
Com as ondas trava intermináveis bulhas,  
E se espoja na areia, e o seu tormento  
Das areias faz látegos de agulhas,  
Fui, quando do negror do firmamento  
Os astros cospem lívidas fagulhas,  
Fui, ao longo rolar do mar chorando  
Sei lá que antigo caso miserando...

5

Entrei profundas grutas tenebrosas  
Onde os anos e os séculos pararam.  
Chão que nunca viu sol nem sonhou rosas,  
Os meus lábios gretados o afluaram.  
Colado o ouvido às pedras alterosas  
E aos terríveis silêncios que pesaram,  
Quis ir tentar sentir arfar teu peito,  
Mãe Terra!, meu primeiro e último leito.

7

Fundos do mar flutuando maravilhas  
Que há milhões de anos crias, mar, ou tragas,  
Submersas bases coralinas de ilhas  
Abrindo em flor à flor das glaucas vagas,  
Bordados de algas e subtis rendilhas,  
Irreais cidades de animais-flores-fragas,  
Leitos de mares, pauis, cascatas, rios,  
Por entre vós passei meus calafrios...

2

Por solidões sem fim vagueei, à hora  
Em que, maga das mágicas, a lua  
Abre nos céus seu irreal alvor de aurora,  
A crueza das formas atenua,  
Nas águas de si própria se enamora,  
No coração dos bosques se insinua,  
E filtra um sol que ao dar-lhe contra a face  
Num sonho de si próprio desmaiase...

4

Desci lôbregos córregos, talhados  
Ao capricho dos ventos inclementes,  
Entre ápices de montes encandeados  
No contínuo bramido das torrentes.  
Meus passos cegos toaram, desvairados,  
Lá por fundões que nunca viram gentes,  
E donde, alçando o olhar aos céus, achava  
Uma língua de noite plúmbea e cava...

6

Cerradas selvas onde eternamente  
Cai noite, a noite cai da ramaria,  
Quer nela esgarce a lua o véu nitente  
Quer filtre o sol longínqua luz, e fria,  
Tremi do vosso verde sangue ardente  
Cachoando, como no primeiro dia,  
Através de covis e labirintos  
Palpantes de seivas e de instintos...!

8

Assim, mãe, mãe de enigmas e de assombros,  
Natureza!, me achei a ti alçado;  
Assim, por entre os cúmulos e escombros  
Dos teus cenários, me perdi, jogado;  
E assim, mãe, me surgiste, o azul aos ombros,  
Ofertando e premindo o seio inchado  
De arágens, néctares, hálitos, eflúvios,  
Himalaias, Atlânticos, Vesúvios...

E em tudo, o que vi eu? Um homem!: eu;  
Eu..., — que alonguei meu metro e tal de altura  
As infinitas amplidões do céu  
E ao ventre a arder da Madre Terra obscura;  
Eu, cujo vulto exíguo recolheu  
Tôda a disformidade ou formosura,  
E em tudo mais não viu do que um destino:  
O dêsse seu tamanho pequenino!

## II

Que o nada do meu nada é que me é tudo!:  
Os prantos que chorei valem o oceano.  
De cada cicatriz, fiz, faço o escudo  
Por trás do qual de nada ver me ufano.  
E os gritos que no peito opresso e mudo  
Trouxe opressos e mudos de ano em ano,  
Nem me deixam, sequer, poder ouvir  
Os pássaros cantar e as fontes rir...

## I3

Eis-me..., tal qual!: Estreito mais que estreito,  
De mim próprio cadáver e ataúde,  
Beijocando e esmurrando o próprio peito  
De olhos em alvo e os dedos no alaúde,  
Devedor apregoando o seu direito  
E os seus vícios entoando por virtude,  
Bicho da terra, vil, e tão pequeno  
Que nem sequer aprende a ser terreno...

## 15

Não sei! Só sei que enquanto assim me via  
Todo enrolado em caracol enfêrmo,  
O Quer Que, Quem Quer Que me conhecia  
Nos míseros limites do meu têrmo  
Só com mos conhecer mos destruía  
E enchia de esperanças o meu ermo...,  
E por tal dom de ver-me pequenino  
Me fazia maior do que o destino!

## 17

Demónios!, meus demónios familiares  
Do cotidiano horror de andar vivendo  
No sonho de transpor ares e mares,  
Tendo o pé preso onde o conservo tendo!,  
E vós, ó aberrações, monstros, esgares,  
Que no meu próprio sangue espio ardendo,  
Que me são, me serão vossas algemas,  
Se Deus me abriu libertações supremas?

Sim, bosques, grutas, montes, céus, estrelas,  
Enormidades de beleza ou horror,  
Mar!, vôos de gaivotas e de velas,  
Mundos sem fim dum simples pé de flor,  
Profunda voz de quantas cousas belas  
Ausculte por ofício de cantor,  
Que me sois vós, e me é toda a beleza,  
Se alguém me ofende ou a digestão me pesa?

## I2

Na voz do mar só me ouço a mim, que choro;  
Nos lamentos do vento, a mim me escuto;  
Sei ver o luto e a dor..., mas que deploro  
Na alheia dor, senão meu próprio luto?  
Se mais me sondo e acuso, mais me adoro  
Por êsse heroísmo pérfido e corrupto;  
E até nas fontes dum meu ser mais belo  
Finco a pata bestial, teimo em não sê-lo...

## I4

Eis-me...!... Mas quando, como, onde, buscando  
No meu regato de Narciso olhar-me  
E ver-me nesse espelho brando andando  
No ofício de cantar e lisonjear-me,  
Viva se ergueu (mas onde?, como?, quando...?)  
Ante o meu repentino horror e alarme,  
Viva se ergueu, em vez da usual quimera,  
Esta tão vera effigie do que eu era?

## 16

Dançai!, ó estrelas, que seguis constantes  
Vertigens matemáticas fixadas!  
Delirai, e fugi por uns instantes  
À trajectória a que ides algemadas!  
Tempo!, detém-te! E vós, criações de dantes,  
Que errais por celestiais, irreais estradas,  
Anjos!, abri-me os pórticos dos céus,  
Que em minha noite é dia... em mim é Deus.

## 18

Ó aguda até à dor, minha alegria,  
Com vômitos de angústia e com tremores!  
Era uma noite espêssa, e estranha, e fria...  
Por que ermas praias e ínvios corredores  
Sobre si rodopiava a ventania  
E as ondas espalhavam seus clamores?  
E o fervor dêsse instante foi tão forte  
Que êsse instante me foi como de morte:

Vai-te (disse ao meu corpo) aonde, fôfo,  
Te façam bom colção, bom travesseiro,  
Fresco fruto em que a seiva se fez môfo,  
Podre ainda verde, por cair primeiro...  
Sejam-te ervas e terra o último estôfo.  
Some-te no teu sono derradeiro...  
Amen! E cresçam rosas, cantem aves,  
Sobre o abismo dum metro que te caves.

Mas para quê mais ilusões de vida?  
Se é vida êste vir vindo sempre à espera  
De não sei que outra cousa apetecida,  
Nem realidade sã nem vã quimera...,  
Se é vida esta subida e esta descida  
Atrás de não sei que outra primavera  
Enquanto as primaveras vão rolando,  
E crescendo o cansaço, e o fim chegando,

Caí farto de mim, Senhor!, exausto,  
Farto de mim, de tudo, exausto, imbele,  
Impotente ante esse excesso do teu fausto  
E sem vida ante a Vida..., como aquê  
Que num supremo olhar e último hausto,  
Próximo já do Norte já não dêle,  
Mais não recolhe que a fugaz visão  
Dum Polo a que só outros chegarão...

Assim falava eu (mas não consigo  
Fazer caber o tumultuar de então  
Nos pálidos e gagos sons que digo  
Ao sarcasmo e à surdez da multidão)  
Assim falava eu, a sós comigo  
(Que sou contradição, mêdo, aflição)  
E aquela Luz, que ao certo eu nem convinha  
Em que fôsse luz tua ou noite minha...,

Sôbre o verme que sou, lento, descia  
O olhar dêsses dois poços de clarões.  
Sua bôca selada se entreabria  
Como as ondas, as rosas, os vulcões...  
E a sua voz, imensa sinfonia  
De palrar de águas e ecos de trovões,  
Disse à pobre minh'alma confundida:  
«Tu me recusas, tu, que achaste a Vida?»

Sei!, sei que ainda alguém to não consente.  
Sei que é medonho e incompreensível..., sei.  
Corre-te ainda um licor dôce e ardente  
Cujo álcool ainda não, não esgotei!  
Cordas que longa, longa, ai!, longamente  
Vibrei outrora..., ainda as não quebrei!  
E o fruto podre em que já o môfo crece  
Dum pé tombou que ainda reverdece...

Se é vida êste jogar a ser jogado  
Nesta ora adoração do próprio umbigo  
Ora ânsia de exceder curvo ou quadrado  
De qualquer ventre ou de qualquer postigo,  
Se é vida o expresso ou contraído brado  
Dêste lutar com todos e comigo,  
Se é vida êste contínuo e fruste parto,  
Vivi, Senhor!, vivi! mas caí farto.

Soou, portanto, a hora de deitar-me.  
Mas antes, - que eu pregõe o meu resgate  
E o teu louvor, meu Deus!, meu Alto Alarme,  
Que antes de me eu deitar me despertaste!  
Meus olhos vis e vesgos de fixar-me,  
Tu mos abriste à Vida!, e mos rasgaste...  
Bendito sejas, Pai, louvado sejas!,  
Em quaisquer livros, ritos, céus, igrejas.

Assim falava, quando uma Figura  
Ante mim se esboçou, se alevantava,  
Que nos astros pousava a fronte pura,  
Os pés na humilde terra que eu pisava.  
Suas asas vibrando em lá que altura  
Faziam êste vento que soprava...  
E os seus abertos olhos mais que humanos  
Eram grandes e fundos como oceanos.

Fôrças da terra e anjos do céu!, valei-me,  
Que eu sou medida, e vi a Vida imensa!  
Pêso que sou, roubai-me ao pêso!, erguei-me  
Sôbre a matéria própria minha, densa!  
Eu ouvi-te, meu Deus! e continuei-me  
Em confusões, em dúvida, em descrença...  
Mas para além do que é em mim limite,  
Não há um só poro meu que te não grite!

Meus gestos continuam de ser curtos,  
A minha língua de esbarrar nos dentes,  
Meus braços de tentar cómicos surtos,  
Meus traços de imitar os dos parentes,  
A minha vida de viver de furtos,  
Meu mundo de caber em continentes,  
E eu de fechar-me neste animalzinho  
Guloso de que o digam coitadinho...

Tu mo disseste..., e pouco mais disseste,  
Se é que disseste mais do que êste pouco.  
Mas êste pouco é tanto que, por êste,  
Já de asas me cobri, de sóis me touco...  
Foi pouco..., e nada há já que me moleste  
Por amor dêsse pouco, e eu vivo louco  
De compreender, amar, saber, ser tudo,  
Pelo pouco que sei de ti, Deus mudo!

Sei o mínimo, só, que no momento  
É preciso que saiba..., e tu me dizes!  
Sei que é por ti que vivo, e me contento  
Dos meus já mortos dias infelizes.  
Sei que me és tôda a luz do pensamento;  
Mas sei que são hesitações, deslizos,  
Tudo o que de ti diga..., — eu que nem sei  
Se dentro em mim ou além mim te achei!

A outros darás tu sabedoria  
Para o saber..., que não a mim, Senhor!  
Eu, de balde ajoelhei na terra fria,  
Perguntando-o ao silêncio de em redor.  
Sofrendo, entanto, de ignorá-lo, cria  
Que sabe mais do que isso o meu amor...  
Se ignorá-lo é expiar minha vaidade,  
Senhor! faça-se em mim tua vontade.

E ah!, não me venham, pois, pintar restrito,  
Das restrições que são nossa pobreza,  
Esse eterno, absoluto, uno, infinito,  
Que é Perfeição, Verdade, Bem, Beleza...  
Sobe, asa em chamas desgarrada..., grito  
Disparado da boca muda e presa...!,  
Vai! que para falar do meu Senhor,  
O amor não tem mais voz que o próprio amor.

Isto, porém, meu Deus!, é a mão de estrume  
Que sou, no meio de outras mãos de tal.  
Isto é miudeza, suor, pó, azedume  
Dêste homenzinho trémulo e mortal.  
É nisto que o teu filho se resume?  
É por isto que vive, e isto é o que val'?'  
Meu Deus! se finalmente sei que não,  
É que tu mo disseste ao coração...

Pois de ti, que sei eu? Só sei que te amo,  
E te recuso, e tu me foges, e ando  
De ti e mim falando em sons que clamo  
Como se fôssem de se andar clamando...  
Sei que existes na voz com que te chamo,  
Como na com que fujo ao teu comando!  
E sei que tudo o que não sei, um dia,  
Nem saberei, sequer, que o não sabia...

Eu que nem sei quais, quantos pergaminhos  
Guardam tua palavra intacta e pura;  
Que papas, santos, anjos, ou anjinhos  
Te me pintam melhor, se tens pintura;  
Se só há um, ou se há dez mil caminhos  
Da terra ao céu rasgando a noite obscura...;  
Ou qual a Igreja, se é que não são tôdas,  
Com que sagraste as sempiternas bodas.

Mas meu amor, sim, sabe mais, perdoa,  
Sabe mais! muito mais que quanto ignoro...  
Sobe, asa em chamas desgarrada..., voa  
Sôbre as mãos timoratas com que imploro!  
Foi-se ela, sôlta, voando e ardendo à toa,  
Chegou lá onde... não!, não onde eu moro,  
Mas sim lá onde o meu amor te sabe  
O cujo simples sonho em mim não cabe...

E não mais, versos meus, palavras mortas,  
Não mais!, que a voz se me enrouquece em vão.  
Cale-me eu ao fragor, Senhor, das Portas  
Do teu imenso Sim que não tem não!  
Não mais eu te erga, em público, as mãos tortas,  
Com reservas a doer no coração...  
Não mais! E nos silêncios do meu verso,  
Fala tu!, fala tu, voz do universo!

O poema “Sarça ardente” é constituído por trinta e oito estrofes. Cada estrofe apresenta oito versos, designando-se por oitavas. A opção pelo uso da oitava deve-se ao facto de “Para um tema de extrema elevação, só uma forma de grande dignidade”<sup>148</sup>. O desejo do autor é o de se igualar a Camões, começando logo pela escolha da forma de apresentação da composição poética. Em “Sarça ardente” são, todavia, notórios os sinais da herança camoniana.

A elevação a Deus como único meio de atingir a plenitude, pois nunca pode o ser humano deixar a sua grosseira criatura.

Antes de avançarmos na reflexão do poema, apresenta-se pertinente atentarmos a alguns aspetos simbólicos, uma vez que, em José Régio, nada era feito ao acaso. Tudo tinha uma justificação e uma razão de ser.

Então:

- **o número 38** – corresponde ao número de estrofes que compõem o poema. Por que será que José Régio optou por trinta e oito oitavas?

Constituído pelos números três e oito.

O três é, “universalmente, um número fundamental. Exprime uma ordem intelectual e espiritual em Deus, nos cosmos ou no homem.”<sup>149</sup> É o número que representa a Trindade. Para os Chineses, o três é o número perfeito, a expressão da totalidade.

O número oito, por sua vez, expressa o equilíbrio cósmico; da manifestação divina. Corresponde ao número das direções cardeais e ao número dos raios da Roda da Lei budista. A tradição cristã faz do oito uma conclusão, uma completude. Já para a matemática, o sinal de infinito corresponde ao número oito deitado.

Parece que tudo se conjuga para uma espécie de solidariedade cósmica entre os elementos, respeitando a sua própria evolução cíclica.

- **a sarça** – na Bíblia a sarça ardente simboliza a presença de Deus, correspondendo esta presença divina ao tesouro que a sarça esconde em si. E é ardente, significa que é poderosa e devastadora, tal como o desejo que ela suscita.<sup>150</sup>

Nos textos litúrgicos da Idade Média, a expressão *sarça ardente* era uma metáfora para designar a Virgem, mãe de Deus, manifestando igualmente a presença divina, o seu amor abrasador e a sua revelação.

---

<sup>148</sup> Fernando J. B. Martinho, “Oitava e Sarça: José Régio e Camões”, 186.

<sup>149</sup> Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, *Dicionário dos Símbolos* (Lisboa: Editorial Teorema, Lda, 1994), 654.

<sup>150</sup> Cf. *Ibidem*, 587.



É através de uma sarça ardente, que arde sem se consumir, que Deus se revela a Moisés<sup>151</sup>, no Monte Horeb.

Depois destes esclarecimentos, concentremos a nossa atenção na “Sarça ardente”.

As estrofes 1 a 8 tratam do contacto do sujeito poético com o mundo, sob a forma de uma viagem imaginária (“...Não porque não viajasse! O mundo é vasto/ (...) / “Por solidões sem fim, vagueei, à hora”<sup>152</sup>) que contempla, na sua movimentação inquieta, o céu, os astros, o mar, a terra, os bosques, a Natureza. Essa ideia de movimento é-nos transmitida através das formas verbais: “viajasse”, “girei”, “vagueei”, “trava”, “desci”, “toaram”, “entrei”, “flutuando”, “passeei”.

Na estrofe 9, o sujeito poético reconhece a condição humana (“E em tudo, o que vi eu? Um homem!: eu;/ Eu..., - que alonguei meu metro e tal de altura”<sup>153</sup>) e a sua pequena estatura. De facto, o poeta José Régio era de baixa estatura, mas também Zaqueu, o pequeno cobrador que ansiava por poder ver Jesus, que passava. Não foi a diminuta estatura que os impediu de chegar “às infinitas amplidões do céu”<sup>154</sup>; o “seu tamanho pequenino”<sup>155</sup>, não os iria impedir de cumprir o seu destino.

Nas estrofes seguintes (estrofes 10, 11, 12), o sujeito poético reconhece que, apesar de “os prantos que chorei”, “de cada cicatriz”, “os gritos” e os “lamentos”, não conseguiu sair de si mesmo. Verifica-se uma total incapacidade de o sujeito se libertar do seu ego. E através de uma linguagem dramática, vai deixando queixas acerca da severidade do Destino.

Dessa viagem mental (imaginária) levada a cabo, o sujeito poético conclui que em toda a parte por onde andou, não se viu senão a si mesmo: na estrofe 13 (“Eis-me..., tal qual!/ (...) / Bicho da terra, vil e tão pequeno/ que nem sequer aprende a ser terreno...”), e na estrofe 14 (“Eis-me ...!... Mas quando, como, onde, buscando/ No meu regato de Narciso olhar-me/ E ver-me nesse espelho brando andando/ No ofício de cantar e lisonjear-me,”). O sujeito constata, auto acusando-se por não conseguir sair de si mesmo, que “no centro do estudo esteve sempre o eu.”<sup>156</sup> E quando se depara neste estado (“Todo enrolado em caracol enfermo”), há um “Quem” sobre quem repousa a esperança de o retirar da solidão, do estado depressivo, em que se encontra (“O Quer

<sup>151</sup> Cf. Hans Biedermann, *Dicionário Ilustrado de Símbolos* (São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1993), 248.

<sup>152</sup> José Régio, “Sarça ardente”, in *As Encruzilhadas de Deus*, est.1 vs. 1 e est. 2 vs. 1.

<sup>153</sup> *Ibidem*, est.9 vs. 1- 2.

<sup>154</sup> *Ibidem*, est.9 vs. 3.

<sup>155</sup> *Ibidem*, est.9 vs. 8

<sup>156</sup> Fernando J. B. Martinho, “Oitava e Sarça: José Régio e Camões”, 189.

Que, Quem Quer Que me conhecia/ (...) / “Enchia de esperanças meu ermo”). E na estância seguinte refere: “Anjos!, abri-me os pórticos dos céus,/Que em minha noite é dia... em mim é Deus.” Há o reconhecimento de que uma vida com Deus é definitivamente diferente, cheio de dia, remetendo para a luz, para uma claridade que não se extingue. Podemos estabelecer aqui um paralelo com o fogo que não se extingue da própria sarça ardente, que dá nome a esta composição poética, e na qual Deus se revelou a Moisés no Monte Horeb.

O sujeito reconhece-se cansado, “exausto”, de viver desta forma (“Se é vida este jogar a ser jogado/ (...) / Se é vida o expresso ou contraído brado/ (...) / Se é vida este contínuo e fruste parto,/ Vivi, Senhor!, vivi! mas caí farto.”). “Assim falava” ele, “quando uma Figura/ Ante mim [dele] se esboçou”. Também o Anjo do Senhor, à semelhança de Moisés no Êxodo (Ex 3,1-6), lhe aparece. E também ele escuta a voz de Deus e lhe responde: “Que eu ouvi-te, meu Deus! e continuei-me/ Em confusões, em dúvida, em descrença.../ Mas para além do que é em mim limite,/ Não há um só poro meu que te não grite!”

Fernando J. B. Martinho considera que, “o poeta parece ter atingido, na aceitação do ‘Sim que não tem não’, um vislumbre daquela verdade a que Deus se refere nas famosas palavras a Santa Catarina de Sena: ‘Tu és aquela que não é, eu sou Aquele que sou.’”<sup>157</sup>

Os últimos versos da estrofe 31 e a estrofe 32 remetem para o *ignoto deo* do qual nada se sabe, mas o qual se deseja “compreender, amar, saber”. E a interrogação mantém-se - “Pois de ti, que sei eu?” – para logo, de seguida, apontar caminhos e respostas: “Só sei que te amo,/ (...) / Sei que existes na voz com que te chamo,/ (...) / Sei que é por ti que vivo e me contento/ (...) / Sei que me és toda a luz do pensamento.” Reconhece, contudo, que não sabe “quantos pergaminhos/ Guardam tua palavra intacta e pura”, todavia, não o impede de ter conhecimento dos Evangelhos, com a alusão à anunciação do Anjo a Maria (“Senhor! faça-se em mim tua vontade”).

Na penúltima estrofe, o sujeito poético aponta algumas das características de Deus: “Esse eterno, absoluto, uno, infinito,/ Que é Perfeição, Verdade, Bem, Beleza...”

O sujeito que alcançou a possível união com Deus, realça antes de mais a capacidade das palavras (“palavras mortas”) para dizerem o que é da ordem do indizível, isto é, da ordem da experiência que não se diz, a que só o silêncio convém, porque a única voz que pode falar é a do Outro cujo entendimento se atingiu. A repetição de “Não mais”, na última estrofe, expressa a ideia de que as palavras são

---

<sup>157</sup> Fernando J. B. Martinho, “Oitava e Sarça: José Régio e Camões”, 191.

incapazes e insuficientes de expressar a imensidão de uma realidade, de uma experiência ilimitada.

Perante a realidade que o ultrapassa, rendido à sua condição de mísero humano, declara “E nos silêncios do meu verso,/ Fala tu!, Voz Suprema do Universo.”

Importa acrescentar que, os recursos expressivos (aliteraões, anáforas, enumeraões, rimas interiores), o léxico e a sintaxe, servem para aproximar a composição ao mais elevado grau de perfeição.

As interrogaões e exclamaões constantes fornecem ritmo e a ideia de movimento ao poema. Um movimento que vai em crescente de dramatismo, pondo em evidência a relação com esse Deus, que atinge no final uma espécie de apaziguamento.

Verifica-se, ao longo de toda a composição poética, a expressão de um *eu* em sofrimento, que se confronta, na sua humana e limitada condição, com Deus – o *ignoto deo*.

Tudo contribui, igualmente, para fornecer o tal desenvolvimento dramático, quase teatral, ao poema, no qual o sujeito começa por experimentar a sua pequenez e, conclui, na estrofe final, com a certeza que a irrupção de Deus lhe traz: “nos silêncios do [seu] verso”, se oiça apenas Deus, a “Voz Suprema do Universo.”

#### **4. *In statu nascendi*: génese textual**

A expressão *in statu nascendi* significa fazer o percurso do texto desde a sua génese até ao momento que foi publicado; no fundo, verificar como nasceu o texto.

“Profundamente consciente das suas responsabilidades como escritor, isto é, como artista, Régio nunca cessou de acreditar que, por detrás de um grande artista, há sempre, escondendo-se ou revelando-se, complicadamente, uma forte personalidade humana. Num dos seus mais belos poemas de grande fôlego, ‘Sarça Ardente’, pergunta-se e responde: ‘E em tudo, o que vi eu? Um homem!’ Esse homem ‘alimenta’ o autor (...) eternamente plural, eternamente aflito, eternamente rico.”<sup>158</sup>

De acordo com a Edição Crítica dos Materiais Genéticos de *Biografia* e *As Encruzilhadas de Deus*, realizada por Isabel Cadete Novais, o acervo documental existente no espólio é constituído por alguns testemunhos genéticos. A aplicação do determinante indefinido (“alguns”) prende-se com o facto de o material genético (constituído por manuscritos e provas tipográficas, essencialmente) estar demasiado

---

<sup>158</sup> Eugénio Lisboa, “O Mundo de Régio”, in Isabel Cadete Novais, *José Régio: Itinerário Fotobiográfico*, 9.

disperso, sendo problemático a reunião do mesmo. Desse modo, temos devidamente identificado o acervo pertencente à Câmara Municipal de Vila do Conde e, também, o espólio que pertencia ao Alberto de Serpa, amigo pessoal de Régio, e que se encontra na Biblioteca Pública Municipal do Porto.

O interesse pelo estudo genético deve-se pelo facto de o poema “Sarça ardente”, publicado em 1936, no livro de poesia *As Encruzilhadas de Deus*, ter recebido um primeiro título de “Ignoto Deo”. Temos conhecimento deste elemento graças aos manuscritos do poeta existentes no seu espólio documental. O que suscitou curiosidade foi o facto de existir um soneto com o mesmo título, mas em maiúsculas, “IGNOTO DEO”. Qual nasceu primeiro? Apenas através do material genético existente, podemos (re)construir o percurso de criação literária.

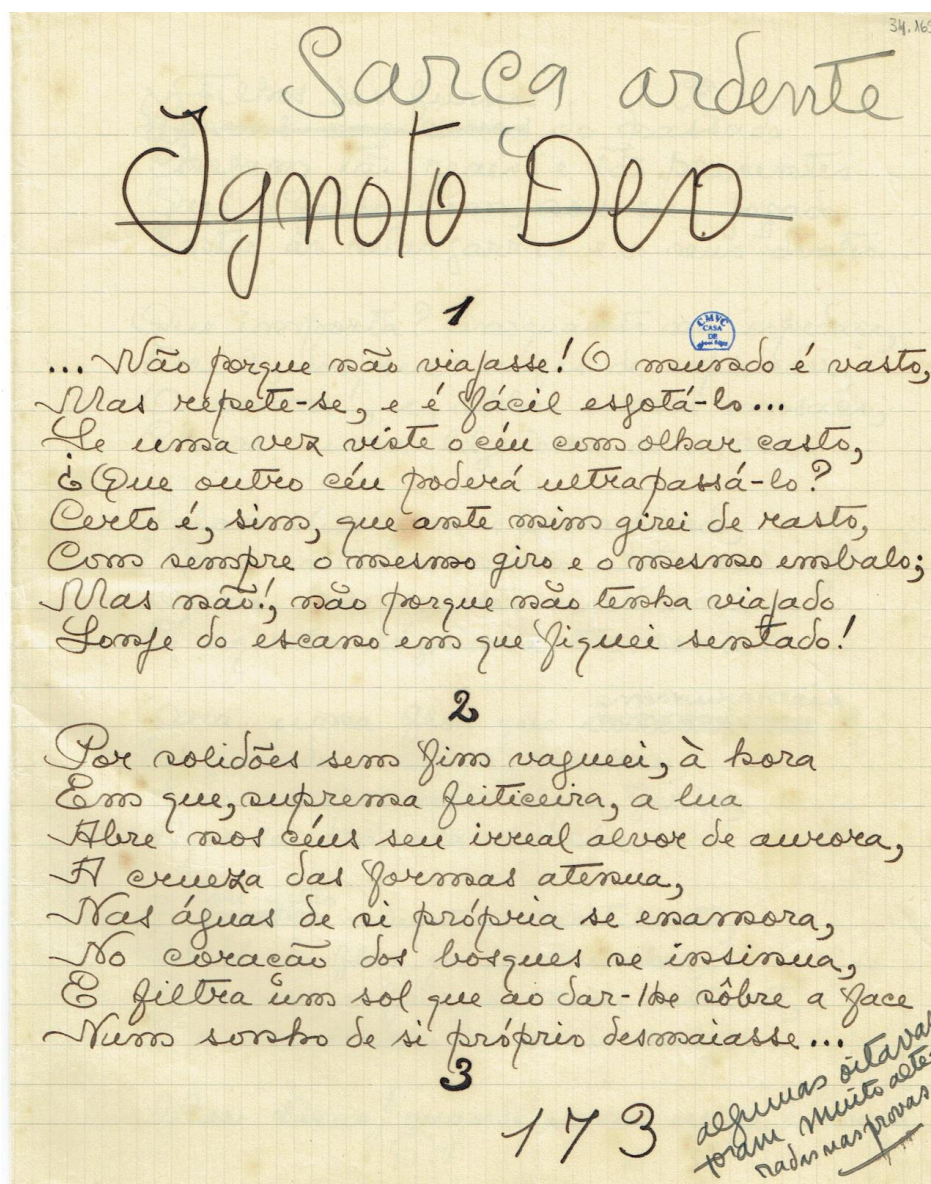


Figura 14: Manuscrito do poema “Sarça ardente” (pág. 1).

Como se pode verificar, o título inicial – “Ignoto Deo” – encontra-se rasurado. Escrito a lápis, surge um novo título – “Sarça ardente”.

Este manuscrito pertence ao espólio da Câmara Municipal de Vila do Conde. Pelas características que apresenta, no original, trata-se de um manuscrito (autógrafo) que se destinava à Tipografia. De salientar que José Régio enviava os manuscritos para a Tipografia, mas guardava sempre cópias (feitas por ele, manualmente), que se foram, infelizmente, dispersando. Assim, este manuscrito já não é o primeiro momento de escrita do poema, mas o único que se conseguiu localizar.

Depois deste manuscrito, seguem-se as correções nas provas tipográficas. Estas eram enviadas pela Tipografia e minuciosamente corrigidas pelo poeta, que fazia várias anotações nas margens das folhas, devolvendo-as. Assim, sucedia até ser dada ordem para impressão.

Considerando o material que temos:

- 1929 – Publica-se a primeira edição de *Biografia*;
- 1935 – Data provável da alteração do título do poema “Ignoto Deo” para “Sarça ardente”;
- 1936 – Sai a primeira edição de *As Encruzilhadas de Deus*, com o poema “Sarça ardente”, embora tenha sido impresso em 1935;
- 1952 – Ano da publicação da terceira edição de *Biografia*, que inclui o soneto “IGNOTO DEO”.

Nos Manuscritos dos Cadernos para uma provável edição do livro *Novos Poemas de Deus e do Diabo*, pertencentes ao espólio da Câmara Municipal de Vila do Conde, que José Régio vinha a preparar desde a juventude, mostra a intenção de publicar um livro com o título *Poema Integral*, constituído por oitavas. Esta informação, que está datada pelo Poeta (“Portalegre, 27 de Outubro de 1932”), ajuda-nos a perceber que o poema “Sarça ardente” (com o título inicial de “Ignoto Deo”) é um projeto da juventude. Desta forma, podemos afirmar que o poema “IGNOTO DEO”, publicado na terceira edição de *Biografia*, é, em termos de criação, posterior.

Do espólio da Câmara Municipal de Vila do Conde, temos um manuscrito, que constitui o autógrafo mais antigo de *As Encruzilhadas de Deus*, constituído por 8 folhas, correspondendo a 16 páginas. Escrita a caneta de aparo, de tinta preta. A página 14 apresenta um desenho que deixa perceber os contornos de uma figura feminina, cujos traços são perceptíveis no verso da folha. A última página, depois da estrofe 38, também contém um desenho de uma mão, que segura uma luz, por baixo surgem a palavra “finis”.



Partilhamos os manuscritos do poema “Sarça ardente”:

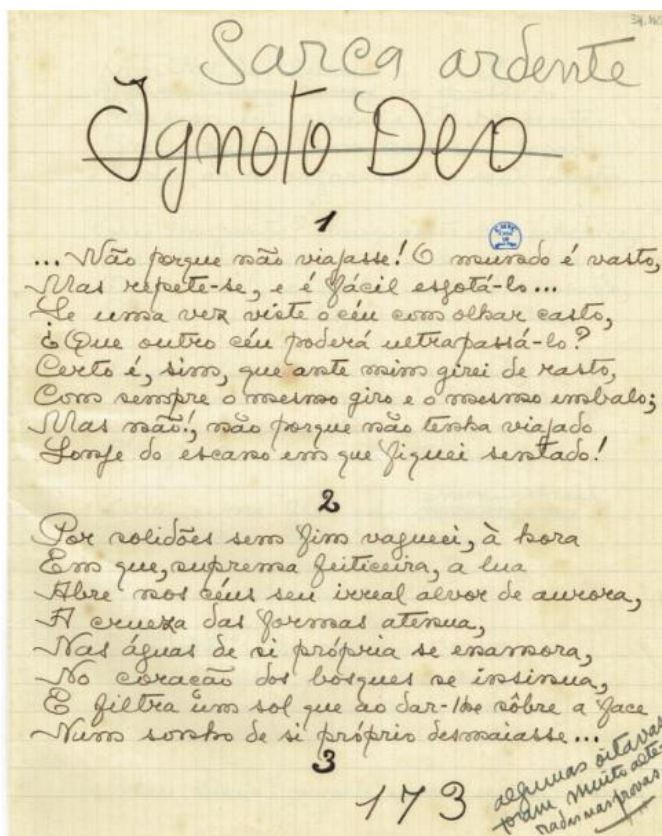


Figura 15 – Manuscrito (pág. 2).

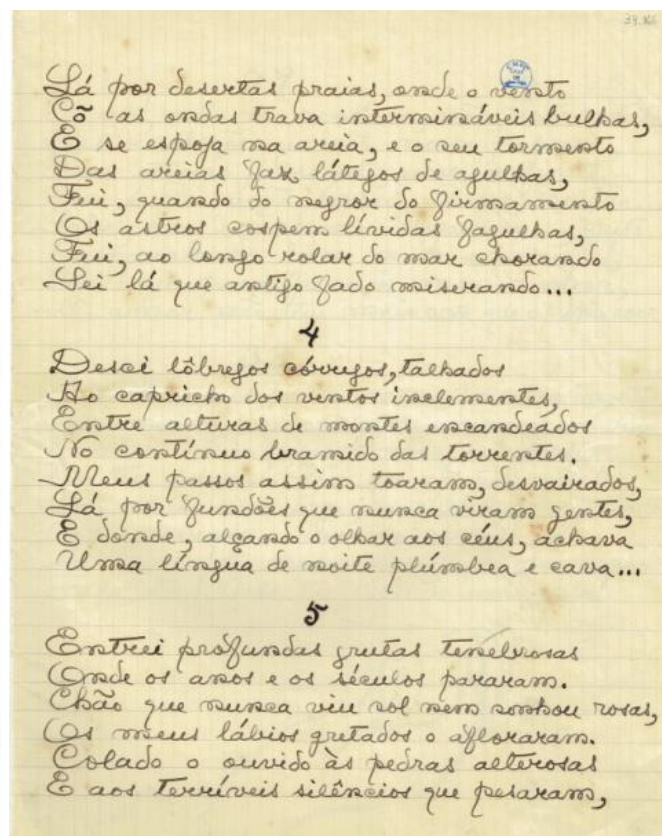


Figura 16 – Manuscrito (pág. 3).

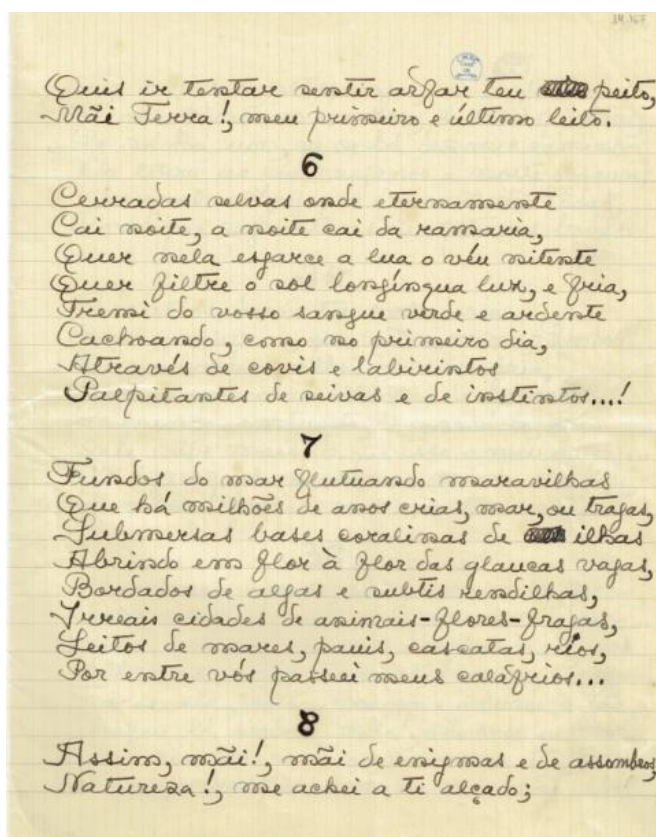


Figura 17 – Manuscrito (pág. 4).

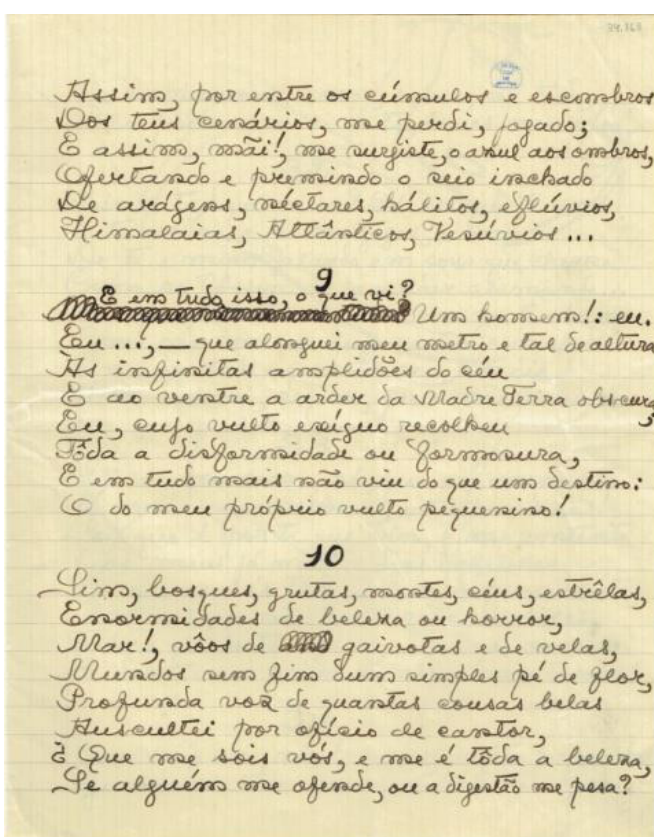


Figura 18 – Manuscrito (pág. 5).



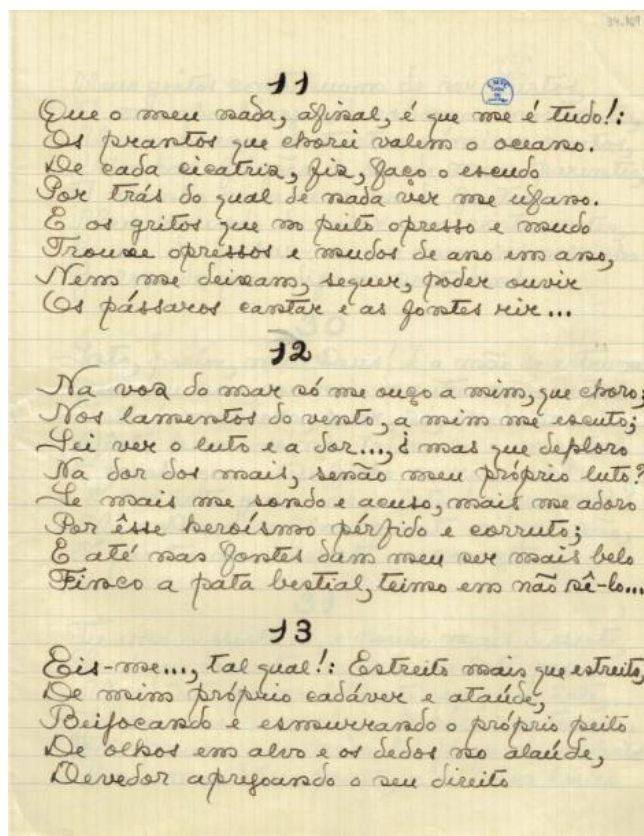


Figura 19 – Manuscrito (pág. 6).

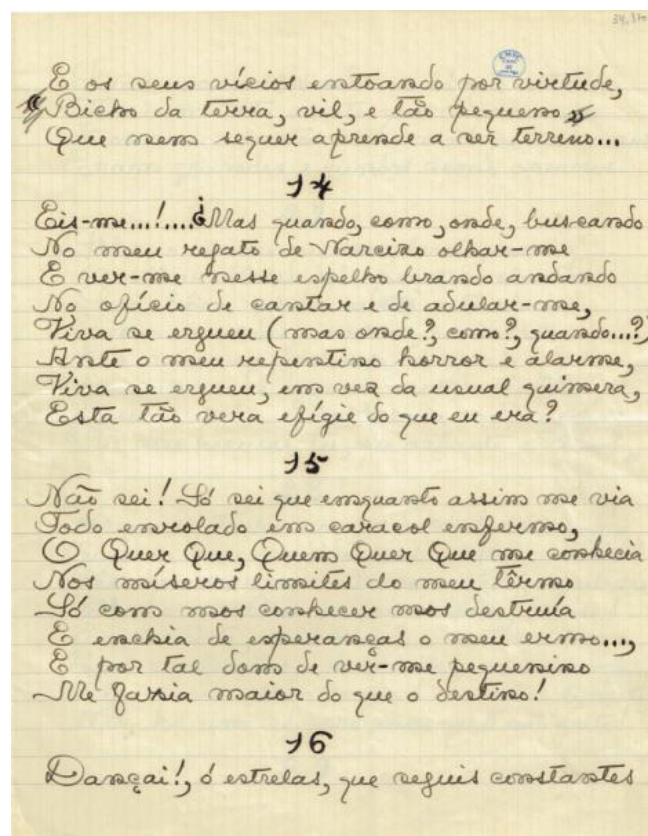


Figura 20 – Manuscrito (pág. 7).

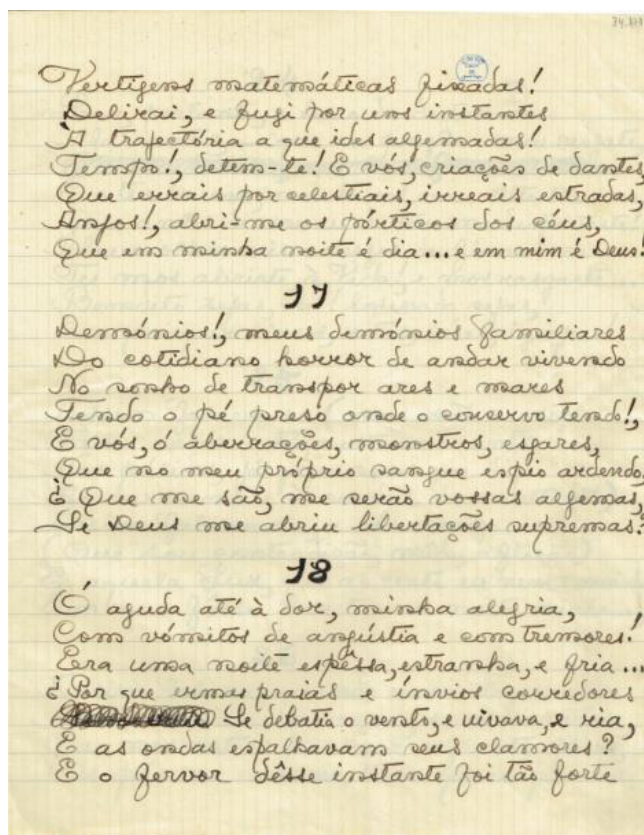


Figura 21 – Manuscrito (pág. 8).

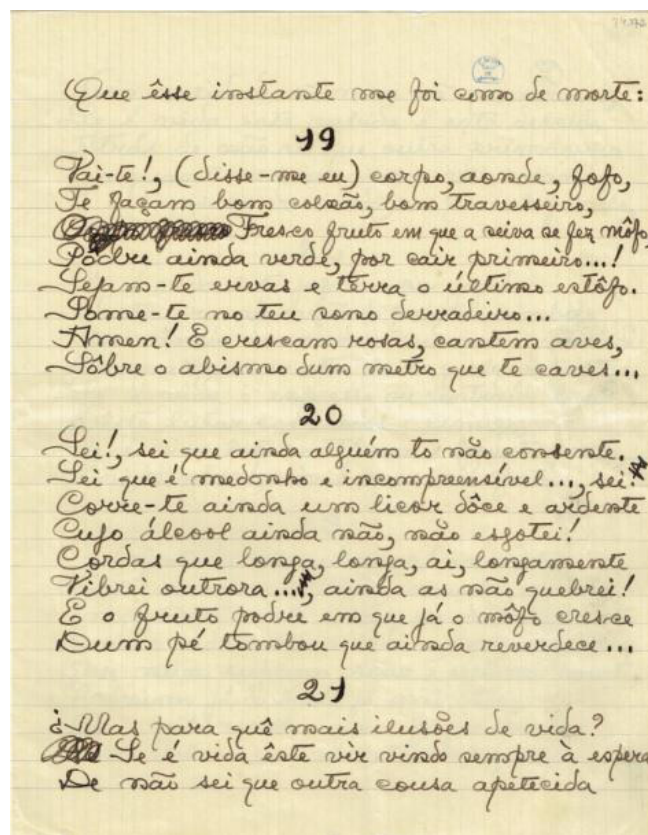


Figura 22 – Manuscrito (pág. 9).



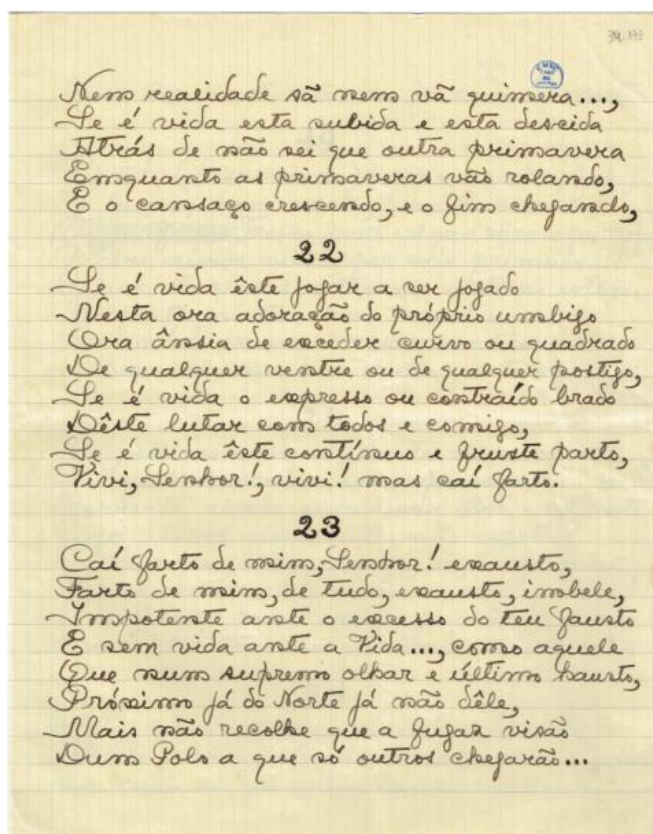


Figura 23 – Manuscrito (pág. 10).

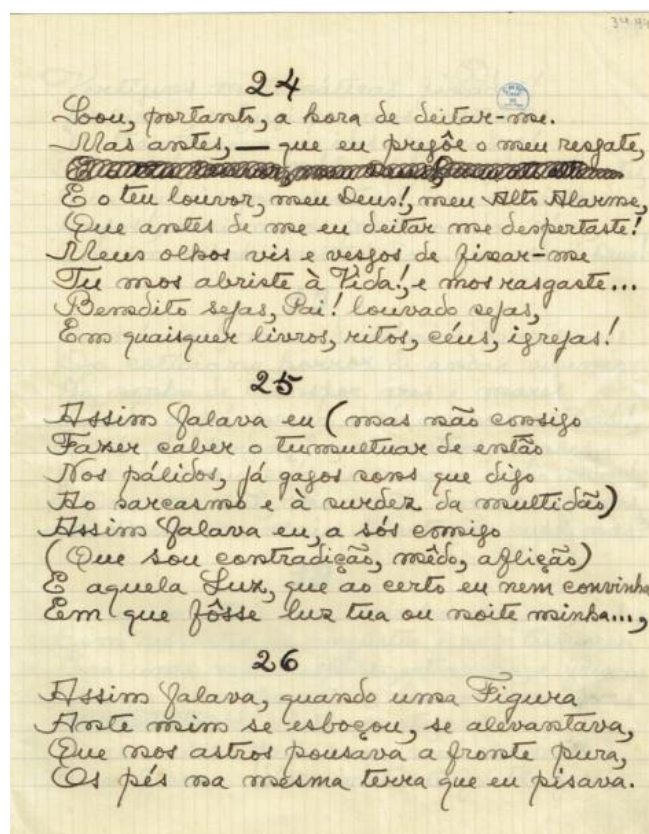


Figura 24 – Manuscrito (pág. 11).

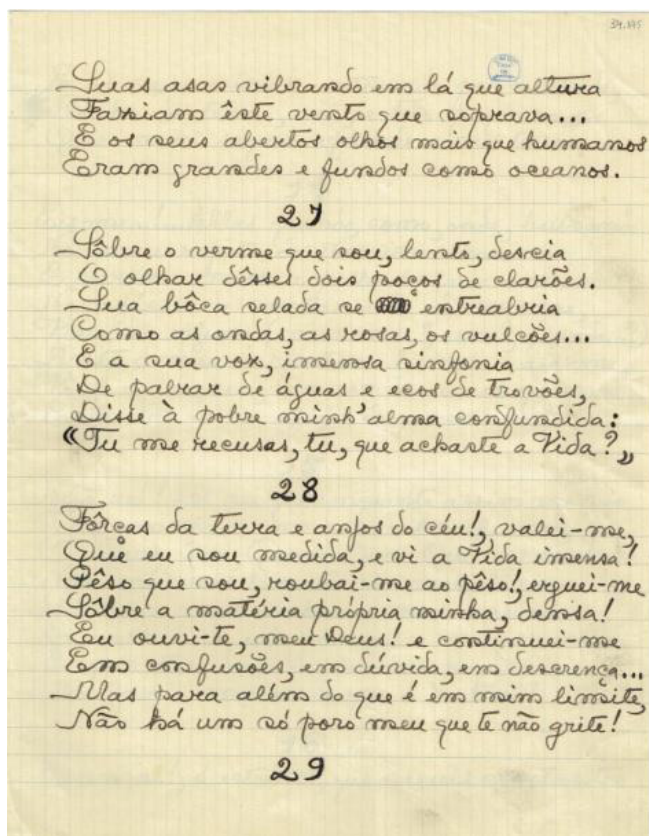


Figura 25 – Manuscrito (pág. 12).

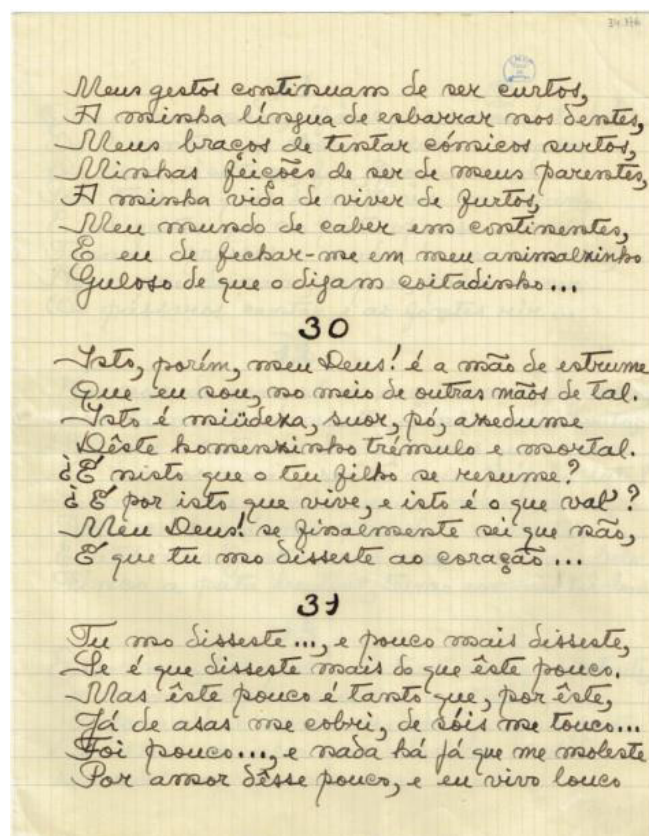


Figura 26 – Manuscrito (pág. 13).



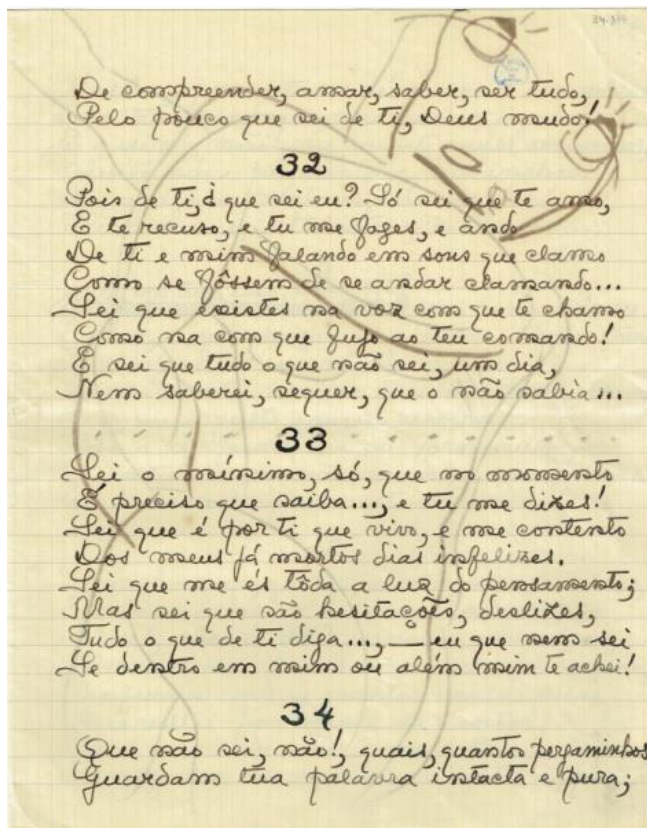


Figura 27 – Manuscrito (pág. 14).

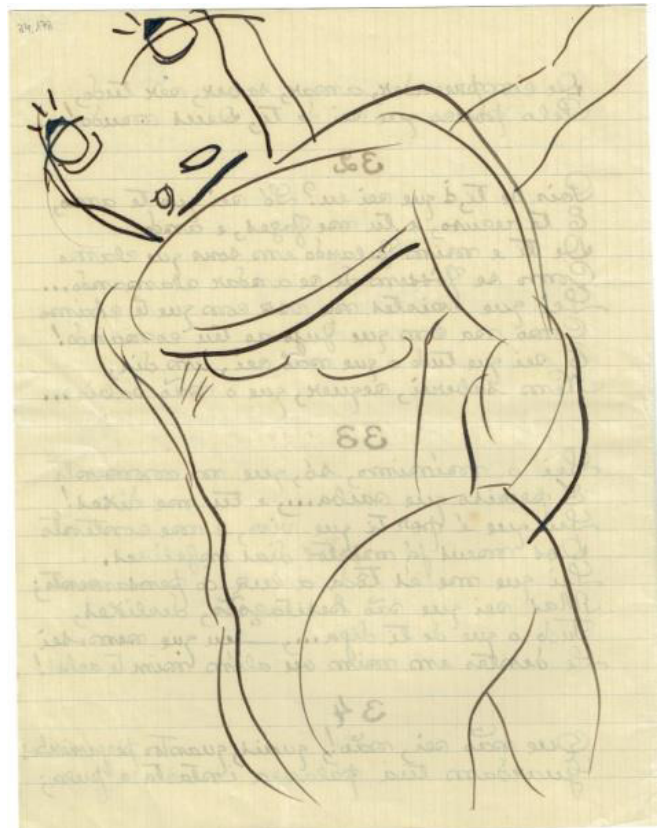


Figura 28 – Manuscrito (pág. 15).

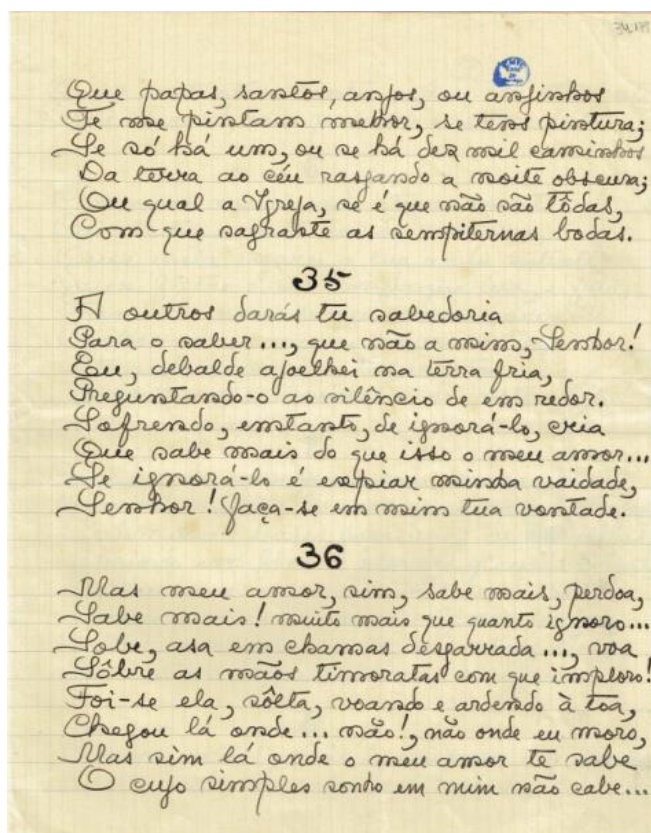


Figura 29 – Manuscrito (pág. 16).

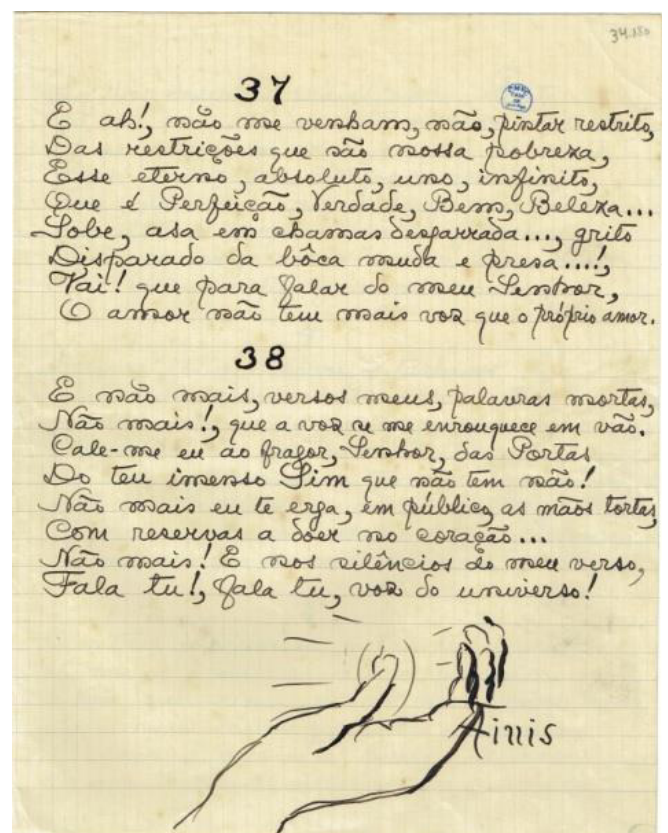
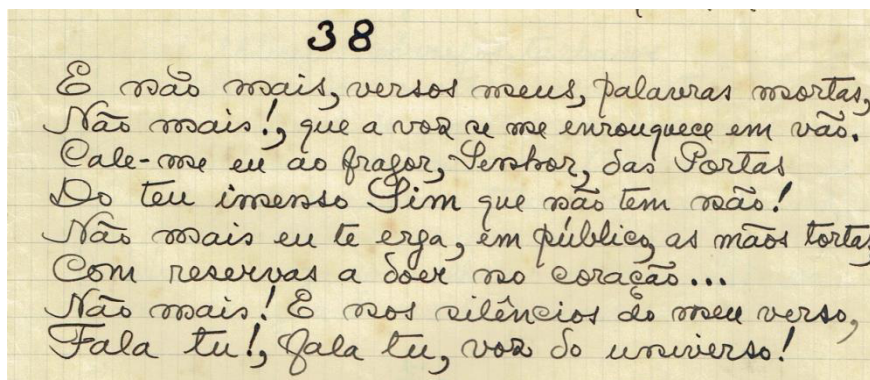


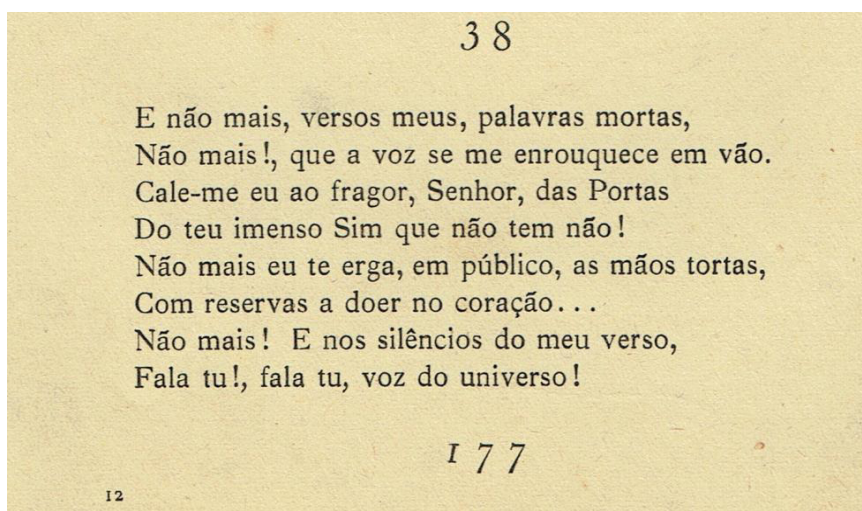
Figura 30 – Manuscrito (pág. 17).



Pertencente ao mesmo espólio, temos uma prova tipográfica, pronta para a Tipografia. Contudo, esta não terá sido a derradeira prova, dado que, comparando com o texto publicado na primeira edição da obra, percebem-se algumas alterações. Atente-se, a título de exemplo, ao último verso do poema:



**Figura 31:** Autógrafo da última estrofe do poema “Sarça ardente”.



**Figura 32:** Prova tipográfica da última estrofe do poema “Sarça ardente”.

38

E não mais, versos meus, palavras mortas,  
 Não mais!, que a voz se me enrouquece em vão.  
 Cale-me eu ao fragor, Senhor, das Portas  
 Do teu imenso Sim que não tem não!  
 Não mais eu te erga, em público, as mãos tortas,  
 Com reservas a doer no coração...  
 Não mais! E nos silêncios do meu verso,  
 Fala tu!, Voz Suprema do Universo.

Última estrofe do poema “Sarça ardente”, na 5.<sup>a</sup> edição da obra, em 1966.

Como já fora referenciado, de acordo com o material genético que temos disponível e localizado, o poeta José Régio terá escrito, primeiramente, o poema “Sarça ardente” com o título de “Ignoto Deo”. No momento de preparar os manuscritos para enviar para a Tipografia, alterou o título. Contudo, não o esqueceu, resolvendo atribuí-lo

a um soneto que integrou a terceira edição de *Biografia*, em 1952. Verifica-se um aproveitamento do título inicialmente atribuído a outra composição. Se o já tivesse escrito, tê-lo-ia incluído na primeira ou mesmo na segunda edição. É natural que o tenha redigido depois de “Sarça ardente”. Deste modo, percebemos que o poeta não se desprendia dos assuntos que o preocupavam. O tema de Deus, da sua existência ou não, do modo como ele se manifestava e dava a conhecer, era algo que o sustentava sempre em estado de reflexão plena, ansiando por obter respostas às suas inquietações e dúvidas permanentes, que lhe causam um grande sofrimento. A ideia mantém-se e é o alimento permanente para a sua indagação.

Os anos 20 e 30 são fecundos em poesia com este tipo de temática, do qual se vai afastando paulatinamente. Em 1941, publica *Fado* e, em 1945, *Mas Deus é Grande*.

Relativamente a *Biografia* e ao poema “IGNOTO DEO”, deste um designado testemunho L (ct. 11 pertencente ao espólio da Câmara Municipal de Vila do Conde) que diz respeito às primeiras provas para a terceira edição.

Temos uma prova tipográfica sem data e sem local. Conjetura-se que corresponda à primeira prova para a terceira edição, de 1952. Fólios impressos a tinta preta. Apresenta correções autógrafas a tinta de caneta de aparo de cor preta.

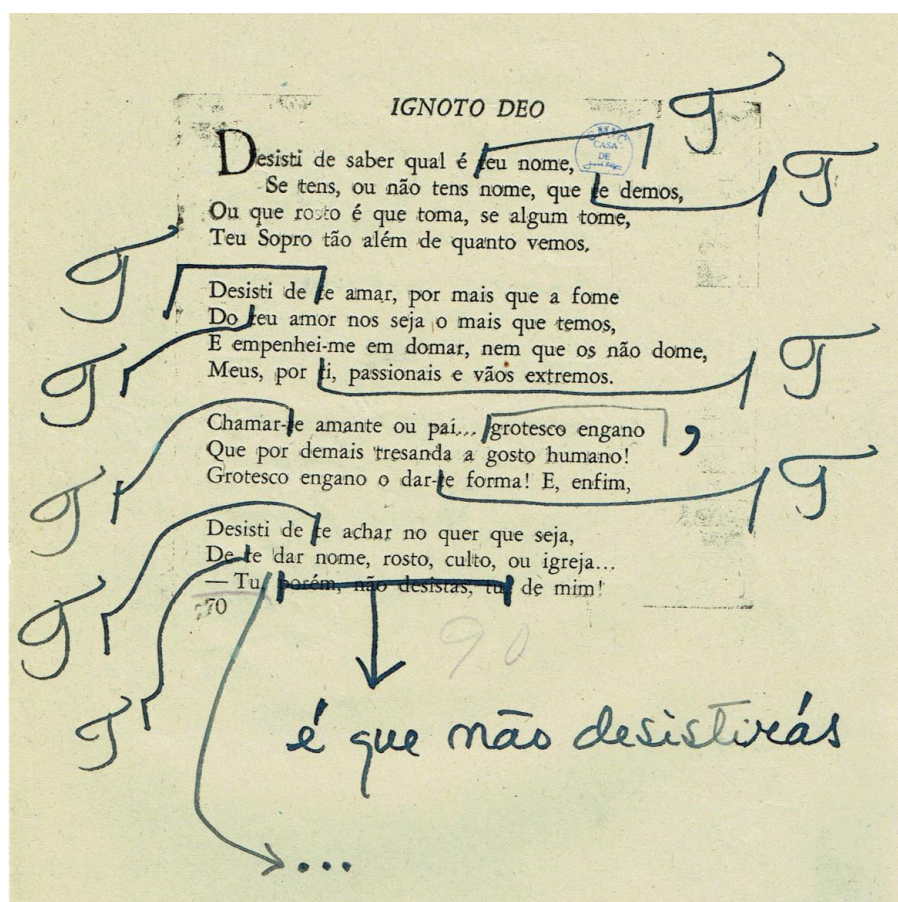


Figura 33: Prova tipográfica do poema “IGNOTO DEO”.

As três primeiras coletâneas<sup>159</sup> de poesia publicadas pelo escritor de Vila do Conde, já mencionadas, constroem, desde logo, os alicerces para a sua obra poética, acentuando os seus aspetos mais originais: uma refinada expressão do humano; o sentido dramático; a discursividade da sua escrita; o uso de construções anafóricas ou do paralelismo; o tom confidencial que envolve o leitor através do uso do vocativo ou de formas de enunciação diretas; o confronto entre o Eu e o Outro, o Bem e o Mal, o Espírito e a Carne, Deus e o Diabo. De facto, a obra de Régio apresenta alguns temas que são repetidos (quase) de forma obsessiva, tal como o isolamento, a solidão, a dificuldade de conviver consigo e com os outros, a monotonia, a morte, o sofrimento redentor, a dificuldade de amar e de viver, a vocação artística, a procura da verdade. Nota-se, de igual modo, a utilização de símbolos e imagens de âmbito religioso, como a sarça ardente, a coroa de espinhos e personagens bíblicas como Lázaro, Job, Cristo ou a Virgem.

“Esta dimensão religiosa é em parte atenuada quando a dramaticidade convocada (...) parece convergir para um centro que coincide com a personalidade do autor, já que o diálogo do Eu lírico com Deus é também uma maneira de se confrontar com uma projeção de si próprio, com esse Homem que Régio idealizou e que gostaria de ser.”<sup>160</sup>

Com *As Encruzilhadas de Deus*, Régio retorna às extensas composições de tom narrativo ou dramático, à problemática religiosa, com um eu poético que se desdobra num diálogo interior tão complexo como o que podemos ler em “Jogo de Espelhos” e que procura ultrapassar os seus próprios limites, atingindo um estado em que o Eu e Deus acabam por confundir-se.

## 5. Os desenhos: um complemento à escrita

José Régio e o seu irmão Julio partilhavam, desde a infância, o gosto pelas artes plásticas, tendo cada um a sua caixa de tintas. Todavia, acabou por se desviar das artes plásticas, concentrando a sua atenção na literatura e, como refere ele próprio, “fiquei um desenhista de domingo que quase só desenha quando não pode escrever; ou que nem desenha durante longos meses e anos.”<sup>161</sup>

---

<sup>159</sup> Relembremos: *Poemas de Deus e do Diabo* (1925), *Biografia* (1929) e *As Encruzilhadas de Deus* (1936).

<sup>160</sup> Enrico Martines, *José Régio: versos esparsos e inacabados* (Vila do Conde: CER - Centro de Estudos Regianos, 2016), 14-15.

<sup>161</sup> José Régio, *Confissão dum Homem Religioso*, 49.

“Mas o autor dos *Poemas de Deus e do Diabo* não foi apenas um artista da palavra. Os inúmeros desenhos com que presenteava os amigos e ilustrava alguns manuscritos são bem reveladores da necessidade que tinha de exteriorizar a força e expressividade dos seus sentimentos e de exibir toda a sua capacidade criadora.”<sup>162</sup>

Foi seu próprio mestre, recebendo influências de Georges Roualt (1871-1958), de Henri Matisse (1869-1954) ou de Marc Chagall (1887-1985).

De realçar, que o desenho era, para Régio, como substituição da escrita; uma forma de exteriorizar o que através da escrita não podia ou não conseguia. Imensas foram as vezes em que era surpreendido a desenhar pela noite dentro, pois era a forma que ele encontrava para se curar dos vários males que o atormentavam.

Os seus desenhos eram feitos a lápis (de carvão ou de cor) com traços grossos, firmes e delicados, que funcionavam como uma espécie de catarse dos seus mais obscuros pensamentos, que se veem traduzidos na expressão violenta, dramática, trágica que as suas figuras carregam nos rostos dolorosos, nos contornos dos corpos. Foi esta a forma, segundo Manuel Poppe, que Régio encontrou para se apresentar ao mundo.<sup>163</sup>

Não obstante a importância de outros desenhos, e na impossibilidade de os analisar a todos, focaremos a nossa atenção no conjunto de desenhos realizados pelo poeta para ilustrar *As Encruzilhadas de Deus*.

Trata-se de um conjunto composto por sete desenhos, que nunca chegaram a integrar uma edição da obra poética, embora tenham sido cuidadosamente concebidos com essa intenção.<sup>164</sup> Numa primeira análise, encontramos algumas semelhanças com outros já existentes, nomeadamente com os desenhos que vieram a ilustrar a edição de *Novos Poemas de Deus e do Diabo*.

Do espólio pertencente à Câmara Municipal de Vila do Conde, com a cota 374, faz parte um conjunto repetido de oito desenhos: um conjunto original, assinado pelo autor e, outro, em reprodução tipográfica. Inclui ainda uma folha<sup>165</sup> com informações sobre o conjunto de sete desenhos destinado a uma edição de *As Encruzilhadas de Deus*.

---


<sup>162</sup> Isabel Cadete Novais, *José Régio: Itinerário Fotobiográfico*, 13.

<sup>163</sup> Cf. Manuel Poppe, *José Régio e a Vocação da Sinceridade* (Vila do Conde: Círculo Católico de Operários de Vila do Conde, 1999), 14.

<sup>164</sup> Como se pode comprovar na correspondência trocada com o seu amigo Alberto de Serpa: “Também, e sobretudo, nas férias de ponto, me vou distrair com as tentativas das ilustrações para ‘As Encruzilhadas’.” (Cf. Carta de José Régio para Alberto de Serpa, Portalegre, 12/6/1952); “Os desenhos para ‘As Encruzilhadas’ já vão em bom andamento!” (Cf. Bilhete-postal de José Régio para Alberto de Serpa, Coimbra, 10/10/1952); “Felizmente, o meu trabalho de ilustrador está acabado, e nas tuas mãos.” (Cf. Carta de José Régio para Alberto de Serpa, Portalegre, 4/12/1952).

<sup>165</sup> As informações contidas nesta folha não são da autoria do poeta José Régio. Desconhece-se o autor daquelas informações. Supõe-se, pelo tipo de letra, que poderá ser do sobrinho José Alberto Reis Pereira, filho do seu irmão Julio. Mas são apenas conjecturas, pelo que não serão tidas em consideração.

São desenhos que nunca chegaram a ser publicados, mas foram feitos pelo poeta para ilustrar uma nova edição da obra.

	<p>Edições em vida do Autor:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- 1.<sup>a</sup> edição, com ilustrações de Julio, 1936;</li> <li>- 2.<sup>a</sup> edição, 1946;</li> <li>- 3.<sup>a</sup> edição, com ilustrações de Manuel Ribeiro de Pavia, 1956;</li> <li>- 4.<sup>a</sup> edição, com as mesmas ilustrações, 1960;</li> <li>- 5.<sup>a</sup> edição, 1966 (edição <i>ne varietur</i><sup>166</sup>).</li> </ul>
---	--

**Tabela 1:** Edições em vida do Autor.

Os sete desenhos estão assinados e datados pelo Poeta (“Régio 1952”). Nunca chegaram a ser publicados, mas de acordo com a correspondência trocada com os amigos mais próximos, constatamos que os desenhos forma bem pensados e realizados ao pormenor e com todo o cuidado, a fim integrar uma nova edição da obra.

“A respeito d’As Encruzilhadas, terei uma primeira alegria quando vir as provas das minhas ilustrações, que tão ansiosamente desejei ver logo ao princípio!”<sup>167</sup>

No entanto, a edição que se seguiu, em 1956, integrou as ilustrações de outro artista, Manuel Ribeiro de Pavia. É uma incógnita o que terá feito Régio mudar de ideias, dado que os desenhos chegaram mesmo a estar na Tipografia e a serem preparadas as litografias.<sup>168</sup>

Não é fácil fazer uma leitura ajustada dos desenhos que iriam ilustrar *As Encruzilhadas de Deus*, uma vez que José Régio não deixou qualquer indicação de interpretação.

No geral, os desenhos não diferem muito entre si. Vejamos:

<sup>166</sup> A edição *ne varietur* constitui a última vontade, em vida, do autor; a forma de redação definitiva.

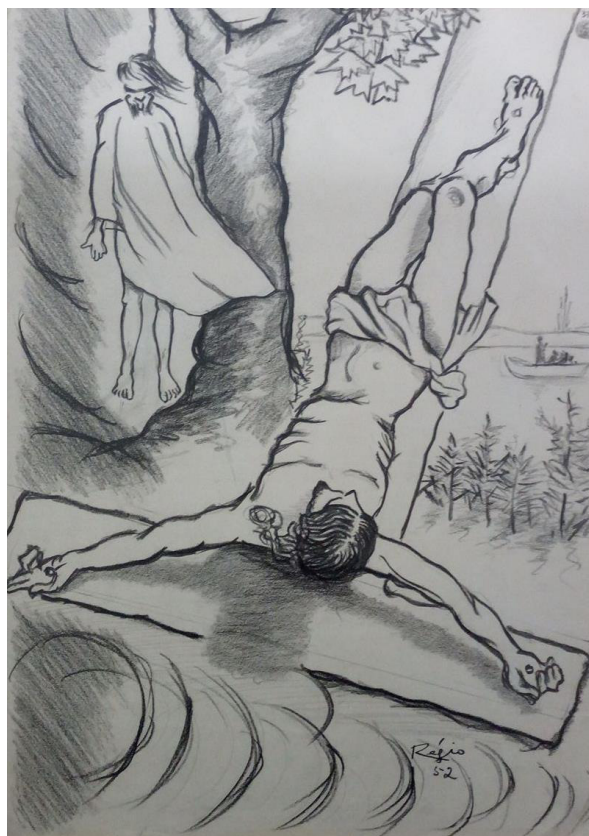
<sup>167</sup> Carta de José Régio a Alberto de Serpa, Portalegre, 20/01/1955.

<sup>168</sup> Numa Carta datada de 28/01/1955, remetida de Portalegre, Régio pede ao seu amigo Alberto de Serpa: “Não descuides as litografias d’As Encruzilhadas!” Para, em Carta de 20/07/1955, referir que a edição d’As Encruzilhadas foi interrompida, deixando o desabafo de que até ele tinha feito as ilustrações. Sobre este assunto, há uma Carta de 29/11/1956, na qual Régio dá conta de que está ocupado com as provas para a última edição d’As Encruzilhadas, que está para breve. Mas sem qualquer referência aos desenhos por ele realizados.

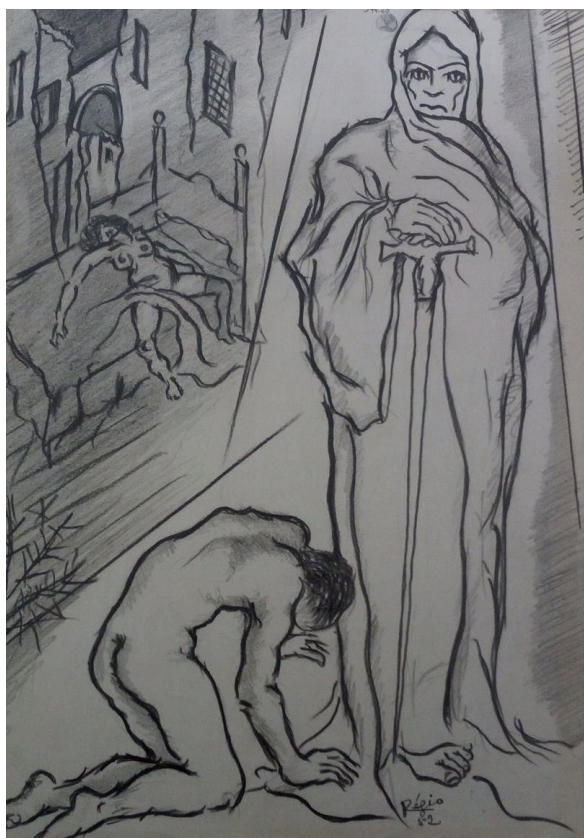




**Figura 34: Desenho 1**



**Figura 35: Desenho 2**



**Figura 36: Desenho 3**



**Figura 37: Desenho 4**





**Figura 38:** Desenho 5



**Figura 39:** Desenho 6



**Figura 40:** Desenho 7



Observando os desenhos, constatamos que há uma dramaticidade na composição dos mesmos. Foram desenhos realizados com o desejo de o Poeta encontrar o seu equilíbrio interior. A forma que ele encontrou de exprimir o mundo que havia dentro de si, e que não conseguia transmitir através da escrita.<sup>169</sup>

Enquanto o traço firme exprime a audácia, mas também a raiva; o traço mais leve e suave traduz a sensibilidade e a timidez do Poeta. O traço bem definido que utiliza, e os contornos sombreados, remetem para a grande ansiedade sentida.

O facto de usar um tom único pode transmitir a angústia e o desespero do Poeta. É a negação da cor.

Além disso, a presença de uma figura protetora é uma constante. No primeiro desenho (Fig. 34), a figura de um Anjo, com longas asas, surge por detrás da figura masculina prostrada no chão, com o rosto escondido com a mão esquerda. Ao fundo, vemos umas grades que transmitem a ideia de um espaço exíguo, no qual a figura masculina se encontra confinada.

No segundo desenho (Fig. 35), temos o Cristo pregado numa cruz, completamente despojado de tudo. Ao fundo, numa árvore de tronco grosso, um corpo oscila, suspenso. Alusão a Judas.

No desenho seguinte (Fig. 36) mostra uma enigmática figura com amplas roupagens e longa espada na mão. Vergado a seus pés, de forma contrita, temos um penitente. Ao fundo, uma mulher nua, deitada numa cama.

A figura de uma mulher nua domina o próximo desenho (Fig. 37). Encontra-se deitada sobre a parte inferior das vestes trazidas pela figura protectora, que vigia, de mãos postas, a tentação da serpente. Ao fundo, o Poeta só.

A figura central do desenho seguinte (Fig. 38) encontra-se nua, provavelmente, entre às árvores; de braços abertos e de pernas enterradas no lodo, enleadas pelo corpo de uma serpente que ameaça atacar. As árvores despidas, remetem-nos para a ideia do lamentável abandono a que o sujeito está voltado.

Um Anjo, no desenho seguinte (Fig. 39), corre ao encontro do Poeta despido, sobre terra, de braços pendentes como ferido por uma angústia, uma dor dilacerante. De notar a presença de um arbusto espinhoso (que podemos associar a uma sarça), como que aludindo ao encontro de Deus e Moisés no Monte Horeb, já trabalhado por nós no primeiro capítulo.

---

<sup>169</sup> Cf. Joaquim Pacheco Neves, *Os desenhos de Régio* (Vila do Conde: Câmara Municipal de Vila do Conde, 1989), 23.

No último desenho (Fig. 40), um Anjo desce de encontro ao Poeta caído no caminho, com vegetação pouco desenvolvida. Caminho que remete para o percurso de vida do ser humano. De olhos cerrados, a figura masculina encontra-se em tronco nu e de costas para o Anjo.

Os dois últimos desenhos (Fig. 39 e Fig. 40) são os que, provavelmente, estariam destinados a ilustrar a “Sarça ardente”, como podemos comprovar pelos versos:

“(…)

Tempo!, detém-te! E vós, criações de dantes,  
Que errais por celestiais, irreais estradas,  
Anjos!, abri-me os pórticos dos céus,  
Que em minha noite é dia... em mim é Deus.”

(est.16)

“Caí farto de mim, Senhor!, exausto,  
Farto de mim, de tudo, exausto, imbele,  
Impotente ante esse excesso do teu fausto  
E sem vida ante a Vida..., (...)”

(est.23)

“(…)

Assim falava eu, a sós comigo  
(Que sou contradição, mêdo, aflição)  
E aquela Luz, que ao certo eu nem convinha  
Em que fôsse luz tua ou noite minha...,”

(est.25)

“Assim falava, quando uma Figura  
Ante mim se esboçou, se alevantava,  
Que nos astros pousava a fronte pura,  
Os pés na humilde terra que eu pisava.  
Suas asas vibrando em lá que altura  
Faziam êste vento que soprava...  
E os seus abertos olhos mais que humanos  
Eram grandes e fundos como oceanos.”

(est.26)

“Sôbre o verme que sou, lento, descia  
O olhar dêsses dois poços de clarões.  
Sua bôca selada se entreabria  
Como as ondas, as rosas, os vulcões...  
E a sua voz, imensa sinfonia  
De palrar de águas e ecos de trovões,  
Disse à pobre minh'alma confundida:  
‘Tu me recusas, tu, que achaste a Vida?’”

(est.27)

“Fôrças da terra e anjos do céu!, valei-me,  
Que eu sou medida, e vi a Vida imensa!  
(...)”

Eu ouvi-te, meu Deus! e continuei-me  
Em confusões, em dúvida, em descrença...  
Mas para além do que é em mim limite,  
Não há um só poro meu que te não grite!”

(est.28)

Ao longo deste capítulo, foi nossa intenção demonstrar a faceta religiosa do escritor José Régio. Ele que sempre apresentou, ao longo da sua vida, uma diversidade de facetas – o que fazia dele um homem plural - ligadas às artes e às letras. Facetas que o ser humano assume, consoante os contextos, as expectativas e os desejos, e que culmina no que cada um é.

Régio foi professor e poeta, desenhista e colecionador de antiguidades. Nos livros, nos desenhos e nas coleções encontram-se as diferentes facetas que ele foi construindo para si e sobre si.

Não podemos esquecer, contudo, a faceta que o seu ego assume perante os outros e perante si próprio. Daí que, descortinar o *eu* de Régio é uma tarefa destinada ao fracasso.

A faceta de escritor é, de facto, a mais conhecida; a de desenhista, nem tanto. Por isso, consideramos ser pertinente a análise da escrita e do desenho, dado que contribuem para um desvelar do interior do Poeta, de como ele se vê e como o veem os outros.

Régio, que se apresentava como “um doido que por acaso nasceu com juízo”<sup>170</sup>, escolheu precisamente o género literário da poesia para expressar o seu pensamento religioso, em cujo percurso podemos encontrar semelhanças com os nossos próprios itinerários de vida.

Ele foi criado no seio de uma família tradicional e religiosa, passando a sua infância e adolescência a aceitar as verdades que lhe eram transmitidas. Depois, já jovem e adulto, começa a tomar consciência e a analisar os conceitos que sempre lhe foram passados e que sempre recebera como certos. Levanta um complexo mundo de dúvidas e indagações que irão povoar as linhas das suas obras. No final da vida, Régio, mais esclarecido das incertezas que o povoam, consolida as bases da sua crença. O Poeta de “Sarça ardente”, que durante anos vivera “numa espécie de labirinto quanto à vida religiosa”<sup>171</sup>, torna-se um ser verdadeiramente consciente de que Deus o perseguia, Deus o marcara e o escolhera. Ele que declarara tantas vezes: “Preciso de Deus! Nasci para Deus!”<sup>172</sup>, prossequindo “consentiria Deus em que eu o conhecesse?”<sup>173</sup>

As dúvidas e interrogações que Régio se colocava sobre, de modo especial, sobre Deus e o papel da religião, são em tudo muito semelhantes às colocadas atualmente pelo ser humano do século XXI.

Toda a sua obra representa o drama cristão: o ser humano que quer chegar a Deus levando consigo todas as misérias, uma vez, para Régio, o humano é o campo de batalha no qual o Bem e o Mal se enfrentam, sem haver qualquer vencedor. Na realidade, é esse “dualismo antagónico” que seria “o ponto de partida do carácter conflituoso (...) em torno de que gravita boa parte da criação artística do Poeta.”<sup>174</sup> É,

---

<sup>170</sup> José Régio, *Páginas do Diário Íntimo* (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000), 36.

<sup>171</sup> José Régio, *Confissão dum Homem Religioso*, 117.

<sup>172</sup> *Ibidem*, 119.

<sup>173</sup> *Ibidem*, 130.

<sup>174</sup> Luiz Piva, *José Régio – o ser conflituoso. Dualismo e Estilo* (Porto: Brasília Editora, 1977), 29.

de facto, um conflito entre o humano e o divino, que leva Régio a dissecar o *eu*, de uma forma aflitiva, angustiante e pungente.<sup>175</sup>

---

<sup>175</sup> Cf. Feliciano Falcão, *Memória Viva* (Portalegre: Edições Calibri/ Câmara Municipal de Portalegre, 2003), 60.

### CAPITULO III – PLANIFICAÇÃO E LECIONAÇÃO DA UNIDADE LETIVA 2 “AS RELIGIÕES”

Depois de caracterizarmos a sociedade contemporânea e de refletirmos com a Igreja sobre as luzes e as sombras que afligem o mundo atual, realçando o papel da virtude da esperança, como uma luz na densa escuridão; depois de fazermos caminho com os profetas Abraão e Moisés, a quem Deus se manifestou, deu a conhecer, colocando-se a caminho, lado a lado com o seu Povo eleito; depois de contactarmos com Jesus, a Revelação máxima do Pai; podemos concluir que todo o percurso na história do Povo de Deus serve para constataremos que o, inicialmente, *ignoto deo*, se foi dando a conhecer, permanecendo como uma chama intensa que não se extingue. O sempre presente. Como a luz perene que indica a presença do Santíssimo Sacramento.

Seguidamente, ousamos observar essa mesma progressão na obra literária de um escritor português do século XX: José Régio. Na impossibilidade de analisar a obra poética na sua totalidade, seleccionámos os poemas que nomeiam este trabalho e descrevem o itinerário dos Profetas e, de certa modo, o do próprio ser humano. Desta forma, e porque o Programa da disciplina de EMRC para o sétimo ano de escolaridade assim se disponibiliza, é nossa intenção fazer o mesmo caminho com os alunos: conhecer este Deus (*ignoto deo*) que se manifesta a cada pessoa de diferentes maneiras:

“Em tudo  
Se adivinhava passar  
O Verbo mudo,  
O Sopro que tudo anima!”<sup>176</sup>

(“Chão Movediço”, *Poemas de Deus e do Diabo*)

Feitas estas considerações que pensamos necessárias, ao longo deste terceiro capítulo, e porque a questão da Educação Moral e Religiosa Católica no âmbito do Ensino Básico constitui uma temática tão abrangente, que serão expostas apenas algumas das suas dimensões, a nosso ver, mais relevantes para o exercício da prática letiva. Assim, num primeiro momento, analisa-se o Programa da disciplina de EMRC para, depois, refletir sobre o papel desta disciplina curricular na Escola, e qual o seu contributo para a formação integral do ser humano. No final, apresenta-se uma proposta de planificação da Unidade Letiva 2 “As Religiões”, destinada ao sétimo ano de

---

<sup>176</sup> José Régio, “Chão Movediço”, in *Poesia I* (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2001), 84.

escolaridade, no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada, com a caracterização do Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio e da turma B do sétimo ano.

## **1. Análise reflexiva sobre o Programa da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica**

Como qualquer disciplina do currículo escolar, a EMRC tem um Programa e um método próprios.

O **Programa de EMRC de 2014**, para os Ensinos Básico e Secundário, aprovado pela Conferência Episcopal Portuguesa, contém as principais orientações que decorrem quer da natureza da disciplina quer das necessidades pedagógico-didáticas. É um Programa aberto, que deixa ao docente a possibilidade de incluir os materiais que considere pertinentes no contexto da sua prática letiva e adequados ao contexto em que o estabelecimento de ensino e os alunos se encontram inseridos.<sup>177</sup>

Apresenta a seguinte estrutura:

- i) domínios de aprendizagem, sobre os quais foram definidas metas curriculares;
- ii) definição de objetivos programáticos que se articulam em torno de um conjunto de conteúdos, direcionados para os três ciclos do Ensino Básico e para o Ensino Secundário, bem como para cada ano de escolaridade.

O Programa de EMRC (de 2014) está organizado sob o conceito de **competência**, pelo que todo o processo de ensino-aprendizagem está orientado para que os alunos desenvolvam um certo número de competências previstas e adequadas à sua faixa etária e desenvolvimento cognitivo. Contribui, assim, o sistema educativo para o desenvolvimento de competências bem como para a ideia, desenvolvida por Jacques Delors, da necessidade do desenvolvimento da educação ao longo de toda a vida.

As competências são operacionalizadas através dos objetivos e da seleção dos conteúdos programáticos<sup>178</sup> a trabalhar, para além da planificação de estratégias ou atividades adequadas, podendo algumas revestir-se de uma caráter interdisciplinar. Não esquecendo a escolha de recursos adequados e pertinentes. O processo de avaliação e a gestão equilibrada são dois elementos a considerar quando da planificação.

---

<sup>177</sup> Cf. Jorge Paulo, “Princípios organizadores e gestão do Programa de Educação Moral e Religiosa Católica”, *Pastoral Catequética* 8 (2007): 89.

<sup>178</sup> Os conteúdos programáticos são elementos essenciais para que se possam trabalhar as competências.

O Programa prevê igualmente um percurso bíblico com textos “criteriosamente escolhidos.”<sup>179</sup>

Portanto, o atual Programa foi preparado tendo em consideração o Despacho 5306/ 2012, de 18 de abril, que prevê que o ensino seja orientado por Metas Curriculares, que se definiram tendo em conta três Domínios de Aprendizagem<sup>180</sup>, facultando uma visão integral daquilo que se pretende abranger na formação dos alunos. Desta forma, este Despacho refere que se devem designar “os conteúdos fundamentais que devem ser ensinados aos alunos; a ordenação sequencial ou hierárquica dos conteúdos ao longo das várias etapas de escolaridade; os conhecimentos e capacidades a adquirir e a desenvolver pelos alunos; os padrões/níveis esperados de desempenho dos alunos que permitam avaliar o cumprimento dos objetivos.”<sup>181</sup> Ponderando as Finalidades do anterior Programa, estabelecidas pela Conferência Episcopal Portuguesa em 2006 e refletindo sobre os manuais, sobre a realidade da Escola e sobre a implementação da EMRC em contexto escolar, foi realizada uma reformulação do Programa introduzindo alterações e aperfeiçoamentos.<sup>182</sup> É da responsabilidade da Igreja Católica, a organização da prática curricular da disciplina.

Infra apresenta-se o quadro resumo com as Metas e Domínios, sendo este fundamental para perceber as finalidades da disciplina assim como a sua importância no âmbito do desenvolvimento integral do aluno:

Domínios	Metas Curriculares
<b>Religião e Experiência Religiosa</b>	A. Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa. B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história. C. Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas. D. Promover o diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e a colaboração entre os povos.
<b>Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida</b>	E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo. F. Conhecer a mensagem e cultura bíblicas. G. Identificar os valores evangélicos. H. Articular uma perspectiva sobre as principais propostas doutrinárias da Igreja Católica. I. Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu

<sup>179</sup> Jorge Paulo, “Princípios organizadores e gestão do Programa de Educação Moral e Religiosa Católica”, 98.

<sup>180</sup> Os três Domínios de Aprendizagem são: a Religião e Experiência Religiosa; a Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida; e Ética e Moral.

<sup>181</sup> Despacho n.º 5306/2012, de 18 de abril, in *Diário da República*, 2.ª série, n.º 77, 2012, 13952-13953.

<sup>182</sup> Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica* (Lisboa: SNEC, 2014), 5.

	contributo para a construção da sociedade. J. Descobrir a simbólica cristã. K. Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso. L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.
<b>Ética e Moral</b>	M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano. N. Promover o bem comum e o cuidado do outro. O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo. P. Identificar o fundamento religioso da moral cristã. Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.

**Tabela 2:** Domínios de Aprendizagem e Metas Curriculares do Programa de Educação Moral e Religiosa Católica<sup>183</sup>

Podemos constatar, através deste quadro, que houve uma preocupação organizativa no que concerne aos temas dos Domínios/Metas, quer com a dimensão cognitiva quer com a dimensão emocional e espiritual do aluno. Realça-se a importância que o mesmo faculta à apreensão de noções essenciais da tradição e cultura religiosa assim como a promoção da relação consigo próprio e com o Outro.

A partir das Metas Curriculares organizam-se os Objetivos Programáticos que permitem “determinar com precisão o comportamento que o aluno deve adquirir e que o professor aceitará como prova de aprendizagem.”<sup>184</sup> Desta forma, para cada Unidade Letiva (UL) foram estabelecidos Objetivos Programáticos que auxiliam a operacionalização dos conteúdos específicos de cada assunto/tema a abordar. Em suma, e relativamente à sua estruturação, constatámos que o novo Programa está organizado da seguinte forma:

- Finalidades;
- Metas Curriculares;
- Domínios de Aprendizagem;
- Objetivos Programáticos;
- Conteúdos.

Hoje, na Escola, a educação aponta para o desenvolvimento de “uma personalidade de uma maneira equilibrada, rica de todas as particularidades congénitas libertas, aperfeiçoada pela criação de novas aptidões e suscetível de se adaptar, de se

<sup>183</sup> Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 8.

<sup>184</sup> *Ibidem*, 9.



transformar, de se aperfeiçoar ao contacto com situações novas encontradas, escolhidas ou sofridas por ela.”<sup>185</sup>

Assim, e recorrendo nomeadamente às palavras proferidas pelo Papa Bento XVI: “... a educação da pessoa humana é a verdadeira receita, direi mesmo, a chave de tudo, e esta é a nossa via (...) É isto o que nós procuramos.”<sup>186</sup> Este “nós” refere-se à Igreja. Mas olhando para ela como símbolo de universalidade, adequa-se também à necessidade que o termo *educação* deverá abarcar nos dias de hoje, pois é necessário englobar todas as áreas de conhecimento e do saber. Assim, a Moral e a Religião não deverão ser negligenciadas.

Neste sentido, a aprendizagem integral proporcionada pela Escola acaba por oferecer ao aluno uma visão multifacetada de diferentes usos, representações e significados para o ser humano na sua ação pessoal e coletiva. O seu ser, o seu agir e o seu pensar estarão imbuídos de diferentes formas do saber humano que ele acolheu, dialogando e criticando.

Se a Escola deve proporcionar a formação integral do aluno, então, a EMRC (e de outras confissões) e, no que se refere especificamente à Escola Pública, é algo que não deve ser descuidado. Geraldo Morujão ao tentar justificar o ensino religioso nas Escolas refere que “na escola é imprescindível que haja uma integração harmónica e coerente de saberes. O ensino religioso facilita não só o diálogo com os restantes saberes, mas sobretudo permite uma síntese equilibrada entre a fé e a cultura, entre a Ciência e a Fé, o pensamento e a vida, de modo a que se evitem nefastas dicotomias e incoerências.”<sup>187</sup>

Atualmente, disciplinas com a abordagem que a EMRC apresenta, tornam-se essenciais, pois uma leitura do contexto da realidade em que nos encontramos afigura-se de tal modo complexo que só o desenvolvimento de determinadas competências e a aquisição de conhecimentos sobre o fenómeno religioso conduzirá a uma visão mais alargada, o que impede determinadas atitudes que demonstram ignorância religiosa e como tal cultural. Lê-se no enquadramento geral do programa de EMRC:

“observando o mundo atual com as suas múltiplas tensões, contradições, avanços e recuos é de notar a importância do conhecimento religioso para compreender os fenómenos sociais. Muitos dos conflitos procuram fundamentar a violência que usa o religioso apenas como pretexto, uma vez que as suas motivações mais profundas são de outra ordem, requer um conhecimento das tradições religiosas que torne o mundo compreensível e

<sup>185</sup> Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 17.

<sup>186</sup> Entrevista radiotelevisiva in preparazione al viaggio in Baviera: Il Regno/Documenti 15 (2006), 481.

<sup>187</sup> Geraldo Morujão, “Justifica-se o Ensino Religioso nas Escolas do Estado?” in *Millenium online*. 6 (março 1997). Disponível em: [http://www.ipv.pt/millenium/Millenium\\_6.htm](http://www.ipv.pt/millenium/Millenium_6.htm).

facilite a superação de situações geradoras de tensões e conflitos. As crianças e jovens precisam, mais do que nunca, de um conhecimento sério do fenómeno religioso, tanto das suas potencialidades conflituais, exploradas por fanatismos radicais, como principalmente das suas potencialidades no sentido da construção de relações baseadas no entendimento e no encontro entre todos os seres humanos. Não é possível compreender muitos dos eventos internacionais sem uma clara referência ao religioso e às suas múltiplas manifestações.”<sup>188</sup>

Em jeito de remate, deixamos a nota de que acreditamos firmemente de que a EMRC contribui para o verdadeiro desafio, ou seja, colocar a educação ao longo de toda a vida no coração da sociedade, aprendendo a viver juntos, despertando a atitude do cuidar. O cuidar<sup>189</sup> do outro, no sentido que o Papa Francisco apresenta na sua Carta Encíclica *Laudato si* sobre o Cuidado da Casa Comum;<sup>190</sup> e no sentido do despertar de uma consciência ecológica.<sup>191</sup>

## **2. O contributo da disciplina de EMRC na formação integral de cada ser humano**

Após termos refletido, ainda que brevemente, sobre o Programa da disciplina de EMRC, nas suas Finalidades, Metas Curriculares e Objetivos Programáticos, que remetem para um desenvolvimento dos alunos que abranja “as áreas intelectual, emocional, social e religiosa,”<sup>192</sup> isto é, que abranja a totalidade do ser humano, nas suas diferentes dimensões, vamos refletir sobre o contributo e o papel da disciplina para o desenvolvimento integral da pessoa do aluno, sem esquecer o contributo das diferentes instâncias, sobre as quais recai a responsabilidade de garantir uma Escola e uma educação de qualidade.

“Apesar da evidente simplicidade da alegoria, a educação é, a meu ver, como a alimentação: quanto mais variada, completa e equilibrada melhor.”<sup>193</sup>

---

<sup>188</sup> Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 13.

<sup>189</sup> Cuidar vem do latim *cogitare*, refletir, pensar. Cuidar, na origem, é pensar criticamente, é refletir. Então o cuidar leva-me ao cuidado. Ao cuidado do outro e do mundo.

<sup>190</sup> A Carta Encíclica *Laudato si* do Papa Francisco, de 24 de maio de 2015, sobre o Cuidado da Casa Comum, desenvolve-se em torno do conceito de ecologia integral como paradigma capaz de articular as relações fundamentais da pessoa: com Deus, consigo mesma, com os outros seres humanos e com a criação.

<sup>191</sup> Ecologia é uma palavra grega que vem de *oikos* que quer dizer “casa”, mais *logos*, discurso, tratado. Assim, temos o “tratado da casa”. E o mundo é a nossa casa, a casa comum. É preciso cuidar dela.

<sup>192</sup> Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 3.

<sup>193</sup> Maria de Fátima Bastos Rocha, “Educação Moral e Religiosa Católica e Ensino Básico”, in Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Forum de Educação Moral e Religiosa Católica* (Lisboa: SNEC, 2005), 141.

A Conferência Episcopal Portuguesa, na sua *Carta Pastoral sobre educação, direito e dever, missão nobre ao serviço de todos*, afirma que "a dignidade irrepetível de cada pessoa fundamenta o seu direito inalienável a uma educação adequada às suas circunstâncias específicas. A pessoa é o sujeito primeiro e o objeto último da educação."<sup>194</sup> De facto, a educação<sup>195</sup> é um "processo, método e ação que permite o desenvolvimento das faculdades físicas, intelectuais e morais do ser humano."<sup>196</sup> Esta é a meta da educação: a construção de uma pessoa consciente, autónoma, autêntica e íntegra. Trata-se de uma educação de um ser humano concreto, único e irrepetível, inserido numa tradição e numa cultura, que necessita de interpretar, de modo crítico, livre e responsável, os valores que a sociedade lhe apresenta.

A educação dirige-se à totalidade do ser, visando o seu desenvolvimento integral. Deve contribuir para o desenvolvimento da identidade pessoal do educando, promovendo a sua responsabilidade, a descoberta de respostas para as questões fundamentais que se lhe colocam sobre si mesmo e sobre a comunidade em que vive. Ao promover o desenvolvimento integral do educando, a Escola deve assentar em valores, que lhe outorgam identidade. No horizonte desses valores universais da civilização ocidental integra-se a tradição cristã, criadora de cultura, portadora de uma mundividência própria, apontando um caminho preciso de realização humana.

Sendo a Escola uma instituição pública que se propõe ministrar uma educação integral, nos termos da *Constituição da República Portuguesa* e da *Lei de Bases do Sistema Educativo*, não pode sonegar aspetos fundamentais da educação, como é, a par da educação social, físico-motora, intelectual, estética e técnica, a educação moral e religiosa. De facto, a Escola Pública está ao serviço dos cidadãos. São estes que contribuem para a sua manutenção. Dessa forma, têm também direito de se pronunciarem como querem a sua Escola.

---

<sup>194</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, *Carta Pastoral sobre a educação, direito e dever, missão nobre ao serviço de todos* (Lisboa: Secretariado Geral do Episcopado, 2002), n.º 8.

<sup>195</sup> A raiz etimológica da palavra educação pode encontrar-se em duas palavras latinas: *educare* (educação do corpo) ou *educere* (educação da alma). Cf. *Diccionario de Ciencias de la Educación* (Madrid: Ediciones Paulinas, 1990), 564.

O conceito de “educação” (de *educare*) apresenta uma dupla origem, que tanto pode ter a ver com *alimentar* como com *tirar para fora de*. O termo “educação” acaba, pois, por acenar a duas metodologias diferentes. Talvez o choque entre estas duas metodologias permitisse ao longo da História o aparecimento de conflitos quando se atribui mais importância a uma do que à outra. Senão vejamos: se nos focarmos no “alimentar”, o educador preocupar-se-á mais com a transmissão de conhecimentos aos alunos; se salientamos mais o “tirar para fora de”, o educador preocupar-se-á então mais em potenciar e estimular nos alunos todas as possibilidades e virtualidades que eles apresentam.

<sup>196</sup> Alain Birou, *Dicionário das Ciências Sociais* (Lisboa: Publicações D. Quixote, 1982).

Cabe ao Estado, que se quer democrático, proporcionar a todos os cidadãos o espaço e os meios indispensáveis para que eles possam prosseguir as suas opções políticas, morais ou religiosas. Não é, por conseguinte, um favor que o Estado faz aos cidadãos permitir que estes tenham a educação política, moral e religiosa que desejam. O Estado democrático deve ser aconfessional, no sentido em que não defende uma confissão própria, mas respeita as opções dos seus cidadãos. É por isso que a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) - e também de outras confissões - não é um privilégio; trata-se, antes, de um direito inalienável daqueles que a pretendem ter.<sup>197</sup> Como é afirmado, no *Relatório para a UNESCO para a Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI*, "a educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa - espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade."<sup>198</sup>

A abertura à dimensão religiosa e, por conseguinte, à transcendência é uma constante no indivíduo de todas as culturas e civilizações. A pessoa transporta consigo essa abertura ao Outro, à Verdade, à Beleza, ao Mistério, onde se justifica e se reconhece portadora de futuro e de sentido. Uma Escola verdadeiramente centrada na pessoa do aluno não pode, como afirmou Jacques Delors, "deixar por explorar nenhum dos talentos que constituem como que tesouros escondidos no interior de cada ser humano."<sup>199</sup>

Numa sociedade que vive marcada por um desencantamento profundo, a disciplina de EMRC, no espaço escolar, promove dois objetivos fundamentais: possibilita a abertura a valores positivos, atitude de integração fundamental para o diálogo entre fé e cultura assim como contribui para o discernimento dos valores que dignificam o ser humano e também para aqueles que o ameaçam.

O ato educativo em EMRC<sup>200</sup> apresenta-se como portador de respostas sobre o sentido último da realidade, visando a formação da consciência num itinerário progressivo e evolutivo de passagem da heteronomia para a autonomia.<sup>201</sup> Em suma, a EMRC é, acima de tudo, o contributo que se oferece ao aluno para a leitura do(s)

---

<sup>197</sup> Cf. *Declaração Universal dos Direitos do Homem*, art.º 26.º; *Constituição da República Portuguesa*, n.º 2 do art.º 16.º.

<sup>198</sup> Jacques Delors (coord.), *Educação, um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO para a Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI*, 1996, 85.

<sup>199</sup> *Ibidem*, 19.

<sup>200</sup> O ato educativo em EMRC tem, segundo Deolinda Serralheiro, três dimensões: a Humana, a Religiosa e a Moral. São três momentos distintos, mas intrinsecamente ligados entre si. Cf. Deolinda Serralheiro, *O Ato Educativo, Religioso e Moral* (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 1996), 45-47.

<sup>201</sup> Pedro Cunha, *Ética e Educação*, UCP, Lisboa, 1996, 55.

significado(s) da existência humana que o capacite para a sua interpretação, à luz da mensagem cristã. Nesta linha, podemos afirmar que:

a educação moral e religiosa presta um valioso contributo na formação da personalidade na medida em que ajuda a descobrir o projeto divino sobre a pessoa, sobre a vida e sobre a sociedade. Longe de prejudicar a liberdade pessoal e a inserção social, propõe aos educandos uma interpretação integral da existência pessoal e do compromisso social e orienta-os na definição de um projeto de vida enriquecido pelos valores do Evangelho que dão conteúdo à liberdade e fundamento à dignidade e à responsabilidade pessoais."<sup>202</sup>

Hodiernamente é comum afirmar-se que a educação está em crise, que a sociedade está em crise, que já não existem valores, que não há ética, culpando esta ou aquela estrutura. Todavia, talvez seja necessário, antes disso, questionar as oportunidades que oferecemos às crianças e aos jovens de desenvolver a dimensão da consciência religiosa, que faz parte integrante do seu ser.<sup>203</sup> A Igreja, reconhecendo a autonomia do Estado, presta um serviço aos pais,<sup>204</sup> únicos responsáveis pela escolha do projeto educativo que deverá fazer desabrochar e amadurecer os seus educandos e, aos alunos, estando presente na Escola através desta disciplina de natureza curricular, com o mesmo rigor e exigência das demais disciplinas; está, também, convicta do seu direito a contribuir, no quadro de uma sociedade democrática, livre e pluralista, para a formação integral da pessoa humana, dado que a EMRC é uma forma de serviço da Igreja à cultura e à própria sociedade.<sup>205</sup>

A Conferência Episcopal Portuguesa partilhou, em 2001, a Nota Pastoral *Crise de Sociedade, Crise de Civilização*, no qual reconhece que se tem verificado, “na sociedade portuguesa, um conjunto de factos e de fenómenos que consideramos sintomas preocupantes de uma alteração cultural que anuncia uma crise de civilização”<sup>206</sup>, visíveis na ausência, essencialmente, “em padrões éticos de valores”, no “exercício da liberdade sem limites”, no fenómeno da corrupção, na crescente marginalização social, na falta de confiança no sistema judicial, a toxicodependência e a delinquência juvenil, a fragmentação do poder político.

Perante este cenário, os Bispos portugueses reconhecem que “é urgente repensar Portugal”, fomentando o diálogo e a tolerância, contribuindo desse modo para a

---

<sup>202</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, *Carta Pastoral sobre a educação, direito e dever, missão nobre ao serviço de todos*, 5.

<sup>203</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, *Nota Pastoral - Crise de Sociedade, Crise de Civilização*, 9.

<sup>204</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, *Carta Pastoral sobre a educação, direito e dever, missão nobre ao serviço de todos*, 16 e 17.

<sup>205</sup> Concílio Vaticano II, Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (7 de dezembro de 1965), in AAS 58 (1966), 15.

<sup>206</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, *Nota Pastoral - Crise de Sociedade, Crise de Civilização*, 3.

construção de uma sociedade plural mais harmónica. Apontam também a importância de cultivar uma cultura da dignidade da pessoa humana, sendo este um dos absolutos da Doutrina Social da Igreja.

O Decreto-Lei n.º 6/2001, de 18 de janeiro, introduziu profundas alterações na organização curricular do Ensino Básico estabelecendo, como se pode ler no seu preâmbulo, os princípios orientadores da organização e gestão curricular do Ensino Básico, bem como da avaliação das aprendizagens e competências, integrando os conhecimentos, as capacidades, as atitudes e os valores, a desenvolver pelos alunos ao longo do Ensino Básico. O suprarreferido diploma define, ainda, a existência de áreas curriculares disciplinares e não disciplinares, visando a realização de aprendizagens significativas e a formação integral dos alunos, através da articulação e da contextualização dos saberes. O n.º 1 do art.º 2.º define o currículo nacional como o conjunto de aprendizagens e competências a desenvolver pelos alunos ao longo do Ensino Básico, de acordo com os objetivos consagrados na *Lei de Bases do Sistema Educativo* para este nível de ensino, expresso em orientações aprovadas pelo Ministério da Educação. O n.º 5 do art.º 5.º determina que as escolas devem oferecer, nos termos da Constituição e da Lei, a Educação Moral e Religiosa, de frequência facultativa. O Departamento da Educação Básica aprovou e publicou o conjunto das Competências Gerais do Ensino Básico bem como a sua operacionalização específica para cada uma das disciplinas constantes do currículo nacional. Nos termos do disposto no Decreto-Lei n.º 323/83, de 5 de julho, a definição das competências específicas bem como dos programas e manuais para a disciplina de EMRC compete à Igreja Católica, através dos seus órgãos competentes.

Desta forma, a Escola é chamada a ser, para além da família, um local de humanização, em que se lhe impõe como que uma capacidade ética de sensibilização e de educação para desenvolver “a aptidão de alguém para ser afetado pelo apelo do outro ser humano, afirmando-se como sujeito de uma resposta no plano do viver em comum onde a incondicionalidade ética sofre, necessariamente, as perversões inerentes ao modo de ser com e para os outros em instituições justas.”<sup>207</sup>

---

<sup>207</sup>Isabel Baptista, *Capacidade ética e desejo metafísico: uma interpelação à razão pedagógica* (Porto: Afrontamento, 2007), 23.

### 3. «As Religiões»: proposta de planificação de uma unidade letiva para o sétimo ano de escolaridade

No âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES), fomos recebidos pela Escola EB 2/3 de Nogueira, do Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio, em Braga.

O **Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio** (AESAS) foi constituído em 29 de abril de 2013 e resultou da fusão entre o Agrupamento de Escolas de Nogueira e a Escola Secundária de Alberto Sampaio.

Integra o Jardim de Infância de Lomar; o Jardim de Infância do Monte (Nogueira); o Jardim de Infância de Carvalho (Trandeiras); a Escola Básica de Lomar (1.º ciclo); a Escola Básica de Morreira (1.º ciclo); a Escola Básica de Trandeiras (1.º ciclo); a Escola Básica de Arcos (pré-escolar e 1º ciclo); a Escola Básica de Esporões (pré-escolar e 1º ciclo); a Escola Básica de Fraião (pré-escolar e 1.º ciclo); a Escola Básica de Nogueira da Silva (pré-escolar e 1.º ciclo); a Escola Básica n.º 1 de Nogueira (pré-escolar e 1.º ciclo); a Escola EB 2/3 de Nogueira (2.º e 3.º ciclos); e a Escola Secundária de Alberto Sampaio, sede do Agrupamento.<sup>208</sup>

O seu contexto é urbano/semiurbano e rural, nas cinco freguesias que abrange.

“fazer pensar é tudo; e a agitação a única alavanca que pode deslocar esse mundo: pois que agitar quer dizer - instruir, ensinar, convencer e acordar”

Alberto Sampaio  
(patrono do AESAS)

O AESAS é uma unidade organizacional, dotada de órgãos próprios de administração e gestão, que procura dar resposta à implementação de um projeto pedagógico comum, favorecendo um percurso sequencial e articulado dos alunos abrangidos pela escolaridade obrigatória. De acordo com os princípios organizativos e os objetivos da Educação Pré-Escolar e do Ensino Básico e Secundário definidos na *Lei de Bases do Sistema Educativo*, a Escola deve proporcionar condições equitativas para a formação integral dos jovens, criando as condições para o desenvolvimento harmonioso das diferentes dimensões do ser humano, quer sejam éticas, estéticas, políticas, físicas, cognitivas, afetivas, sociais ou de cidadania. A realização destes princípios implica a intervenção de um número alargado de intervenientes, entendendo o conceito de comunidade educativa como o conjunto de alunos, professores e pessoal não docente, os Pais e Encarregados de Educação (EE), respetivas associações, e organizações

---

<sup>208</sup> Cf. Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio, *Regulamento Interno*, consultado em 10 de maio, 2018. Disponível em: [http://www.esas.pt/images/fichs/1617/docs/2016\\_RI\\_AESAS\\_vfinal.pdf](http://www.esas.pt/images/fichs/1617/docs/2016_RI_AESAS_vfinal.pdf).

económicas, culturais e científicas, abrindo-se a escola ao meio, nomeadamente à comunidade local que pode contribuir para o enriquecimento do processo educativo. Por outro lado, exige-se que a Escola esteja aberta à inovação, a processos educativos e formativos que motivem os alunos e desenvolvam neles o espírito crítico, a autonomia e a capacidade interventiva. Assim, o AESAS pretende ser um espaço promotor do sentido de responsabilidade, pautado pela elevada qualidade das suas realizações; um espaço privilegiado de formação da sociabilidade do homem, um espaço aberto à realidade envolvente, ao meio onde se insere, fonte promotora de troca de experiências e de realizações, e um espaço privilegiado de convívio entre alunos, entre professores e alunos, entre estes e o restante pessoal que nela trabalha.<sup>209</sup>

Nesse sentido, é seu objetivo cumprir a missão educativa de serviço público, centrando a sua atenção “na construção de uma educação integral, antes de tudo para a cidadania, promovendo o desenvolvimento da autonomia pessoal”<sup>210</sup> e contribuindo para a interpretação crítica e fundamentada do mundo atual.

A **turma B do 7.º ano** da Escola EB 2/3 de Nogueira, do ano letivo 2017/2018, é constituída por um total de 29 alunos, 16 discentes do sexo feminino e 13 do sexo masculino. A média de idades dos alunos que completam este grupo situa-se nos doze anos de idade.

Vários são oriundos de Nogueira, mas há também alunos das freguesias de Lomar, Real, Palmeira, S. Vítor, Sta. Tecla, Maximinos, Arcos, Esporões, Fraião, Lamações e Trandeiras.

Trata-se de uma turma que não inclui nenhum discente repetente, sendo que vinte e um alunos transitaram do 6.º B e oito alunos do 6.º C.

Quatro alunos beneficiaram, no ano anterior, de Plano de Apoio Pedagógico Individual.

A profissão dos pais enquadra-se maioritariamente na prestação de serviços.

Treze alunos beneficiam do subsídio de ação escolar (escalão A – três; escalão B - dez).

Ao nível do comportamento é uma turma conversadora, irrequieta, mas que compensa com o trabalho e estudo, revelando um aproveitamento na globalidade bastante satisfatório.

---

<sup>209</sup> Cf. Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio, *Regulamento Interno*, consultado em 10 de maio, 2018. Disponível em: [http://www.esas.pt/images/fichs/1617/docs/2016\\_RI\\_AESAS\\_vfinal.pdf](http://www.esas.pt/images/fichs/1617/docs/2016_RI_AESAS_vfinal.pdf).

<sup>210</sup> Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio, *Projeto Educativo* – Triénio 2016-2018 (Braga: AESAS, 2015), 3.



A maioria dos alunos apresenta um bom apoio familiar e frequenta centros de estudo, o que contribui para o nível de aproveitamento, mas que também se reflete no comportamento menos responsável.

Vinte e três dos alunos da turma encontram-se inscritos na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica.

### *3.1. Apresentação da Unidade Letiva*

O Programa da disciplina de EMRC para o sétimo ano de escolaridade contempla as seguintes Unidades Letivas:

Unidade Letiva 1 – As Origens;

Unidade Letiva 2 – As Religiões;

Unidade Letiva 3 – Riqueza e sentido dos Afetos;

Unidade Letiva 4 – A Paz universal.

Propusemo-nos a trabalhar a UL 2 dedicada às Religiões com a turma B do sétimo ano, por ser um tema sobre o qual os alunos têm sempre muitas dúvidas e curiosidades para serem satisfeitas, pelo que se apresenta como um desafio pedagógico enriquecedor. Pois não podemos esquecer que a EMRC prevê a formação global do discente, sendo uma disciplina cujos conteúdos são transversais a outras áreas do saber e que se desenvolvem a partir do diálogo e partilha de outras disciplinas.

Em continuidade, apresentamos os objetivos e conteúdos da Unidade Letiva para o sétimo ano de escolaridade, a fim de perceber de que forma estes possibilitam o desenvolvimento da formação integral do aluno, nas suas distintas dimensões.

Para esta Unidade foram estipuladas sete, das dezassete Metas Curriculares (as Metas A, B, C, D, E, F e K)<sup>211</sup> que abrangem os três Domínios supramencionados, assim como foram estabelecidos seis Objetivos fundamentais.

Assim, os Objetivos estabelecidos para esta Unidade são:

- questionar a dimensão religiosa do ser humano;
- perceber qual a função da religião na vida das pessoas;
- identificar várias manifestações religiosas;
- identificar o núcleo central constitutivo da identidade das religiões abraâmicas;
- reconhecer a mensagem essencial do cristianismo através da interpretação dos textos bíblicos;
- identificar os princípios éticos comuns das várias religiões reconhecendo as suas implicações na vida quotidiana.<sup>212</sup>

---

<sup>211</sup> Cf. **Tabela 2**, 79-80.

Foram, igualmente, selecionados relevantes conteúdos para serem explorados, conteúdos estes que permitem aferir a importância da disciplina de EMRC no âmbito desta temática:

- o que é “ser religioso”;
- ser religioso faz sentido;
- função da religião na vida pessoal e coletiva;
- símbolos, construções e comportamentos religiosos;
- a questão do politeísmo e do monoteísmo;
- as religiões e a sua relação com a magia, os fenómenos naturais, o desejo de eternidade e a busca da felicidade;
- tradições religiosas orientais: Hinduísmo, Budismo e Confucionismo;
- Abraão e o monoteísmo absoluto;
- as religiões abraâmicas: Judaísmo, Cristianismo e Islão, marcos essenciais da história das religiões, textos sagrados e princípios básicos da fé, calendários, rituais, espiritualidade e festas religiosas, “cidades santas” e locais de culto, a diversidade no contexto da mesma fé;
- o Deus de Jesus Cristo: Pai (Mc 14, 36; Lc 11, 2-4); Deus de salvação, misericórdia, inequivocamente bom (Rm 3, 25-26. 29-30; Lc 23, 34); Deus que ama todo o ser humano de forma incondicional (Lc 7, 36-50); Deus convida à conversão pela via do amor (Rm 5, 5);
- todos temos origem em Deus; a fraternidade universal;
- o diálogo inter-religioso na construção da paz e do bem comum;
- máximas elementares da humanidade, comuns às grandes tradições religiosas;
- atitudes no diálogo inter-religioso;
- o relativismo e o fundamentalismo religioso: dois extremos a recusar;
- o conhecimento sobre as tradições religiosas cria as condições necessárias para a tomada de posição pessoal e o diálogo.<sup>213</sup>

Considerando e reconhecendo “o insubstituível papel da religião e da educação religiosa na formação integral”<sup>214</sup> do ser humano, a Unidade Letiva “As Religiões” pretende ajudar os alunos, considerando as suas características próprias e estágio de

---

<sup>212</sup> Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 74-76.

<sup>213</sup> *Ibidem*, 74-77.

<sup>214</sup> *Ibidem*, I.

desenvolvimento físico e psicológico em que se encontram, a problematizar e a abordar diretamente as grandes questões da vida humana, numa perspectiva crítica e reflexiva.

Na verdade, a EMRC propõe-se “a ajudar os alunos a fazer o percurso do seu crescimento e da sua formação pessoal”<sup>215</sup>, um caminho de indagação e busca. Para tal intento, contribuem as Finalidades (já referidas no ponto 3.1.), um dos elementos essenciais do currículo escolar, que ajudam a formular as metas curriculares que, por sua vez, organizam os conteúdos programáticos previstos para o respetivo ano escolar.

Sendo que a UL 1 levou o discente a questionar a origem, o destino e o sentido do universo e do ser humano, esta UL vem dar continuidade ao ato interrogativo, convidando o aluno a indagar sobre a dimensão religiosa do ser humano e se ser religioso faz sentido na sociedade atual. Depois, chama-o a refletir sobre a função da religião na vida das pessoas e nas diferentes formas de manifestação religiosa, com os seus símbolos, construções e comportamentos. Além das religiões politeístas, o programa integra o estudo das religiões monoteístas, sem esquecer a figura de Abraão, a base das três grandes religiões que têm a crença num só Deus. A pessoa de Jesus Cristo é também considerada, bem como a sua mensagem. A UL termina convidando à promoção de um verdadeiro e autêntico diálogo inter-religioso entre os povos. Desta forma, introduz a abordagem dos conteúdos previstos na UL 4.

### *3.2. As Religiões: o inquérito por questionário*

De salientar que, a fim de melhor preparar a planificação da Unidade Letiva (UL) a que nos propomos, foi aplicado aos discentes um pequeno inquérito por questionário, de modo a aferir dos conhecimentos, dúvidas, problemáticas vividos pelos adolescentes.

O inquérito por questionário é um instrumento de recolha de dados, de carácter flexível e aberto, que deverá ter em vista o objetivo que se propõe alcançar.

O questionário é constituído por dez questões, de resposta aberta, que os alunos têm de responder, individual e anonimamente. Optou-se por manter o anonimato, de modo a não ser um motivo de confrangimento para os discentes. Por isso não estão contempladas questões mais pessoais como nome ou idade. Inclui o número de questões necessárias e pertinentes, percorrendo uma sequência de pensamento.

---

<sup>215</sup> Juan Francisco Ambrosio, “A Educação Moral e Religiosa Católica na Escola Pública”, *Communio* 5, Ano XVIII (2001): 449.

A opção por este instrumento de recolha de dados justifica-se pelo facto de o mesmo garantir a recolha de informação sobre os pontos mais relevantes da investigação.

Neste exercício, participaram 21 alunos (de ambos os sexos, com uma média de idade de doze anos) dos 23 inscritos na disciplina de EMRC, uma vez que dois alunos faltaram à aula na qual se deu este inquérito a preencher.

As questões são as seguintes:

Q1- Quem criou a religião?

Q 2- Tens alguma religião? Qual é a tua religião?

Q 3- O que significa, para ti, a palavra religião?

Q 4- Tens amigos de outras religiões? Se sim, de quais? (Se “sim”, responde à questão 5; se “não”, passa para a questão 6)

Q 5- Considera-los diferentes de ti de alguma maneira?

Q 6- Consideras as pessoas de outras religiões diferentes de ti?

Q 7- Por que existe a religião? Qual é o seu propósito?

Q 8- Como seria o mundo sem religião?

Q 9- Consideras que a religião é algo necessário ao ser humano? Justifica.

Q 10- De que modo vives a religião que indicaste na pergunta 2? Dá exemplos concretos.

Não se pretendendo fazer uma análise exaustiva aos dados recolhidos, faremos apenas uma interpretação dos dados obtidos, que possam contribuir para uma planificação da UL mais ajustada às dúvidas e vivências dos discentes.

Relativamente à primeira questão colocada (Q1):

Q1	N.º de Alunos	Responde	Não responde	Não sabe
<b>Quem criou a religião?</b>	4	---	x	---
	5	---	---	X
	7	Deus	---	---
	1	Pessoas	---	---
	2	Antepassados	---	---
	1	Jesus	---	---
	1	deuses	---	---

**Tabela 3: Q1**

Quatro alunos não responderam; cinco responderam “Não sei”; sete alunos responderam que foi Deus quem criou a religião; um aluno respondeu que foram as

peessoas, dois alunos que foram os “nossos antepassados”; um aluno disse que foi Jesus e outro que foram os deuses.

Quanto à segunda questão (Q2):

Q2	N.º de Alunos	Responde	Não responde	Não sabe
Tens alguma religião?	2	---	x	---
Qual é a tua religião?	1	Católica	---	---
	18	Cristã	---	---

**Tabela 4: Q2**

Os alunos, em número de dezoito, responderam maioritariamente “cristã”; um disse “católico” e dois alunos não responderam.

Na terceira questão (Q3) colocada:

Q3	N.º de Alunos	Responde	Não responde	Não sabe
O que significa, para ti, a palavra religião?	5	---	x	---
	2	---	---	X
	1	poder	---	---
	1	respeito, fé, paz, amizade	---	---
	1	espécie de explicação	---	---
	2	conjunto de crenças	---	---
	3	acreditar em Deus e ter fé	---	---
	6	em quem acreditamos	---	---

**Tabela 5: Q3**

Os discentes não foram unânimes na resposta. Cinco não responderam; dois disseram que “não sei”; para um aluno “significa poder”; para outro, “respeito, fé, paz, amizade”; e ainda para um outro aluno, “espécie de explicação”; para dois alunos corresponde a “conjunto de crenças que as pessoas têm em torno do seu deus ou deuses”; três alunos responderam “acreditar em Deus e ter fé”; seis alunos, disseram “em quem acreditamos”.

Na quarta questão (Q4):

Q4	N.º de Alunos	Responde	Não responde	Não sabe
Tens amigos de outras religiões?	1	---	x	---
Se sim, de quais?	1	---	---	X
(Se “sim”, responde à questão 5; se “não”, passa para a questão 6)	15	Não	---	---
	1	Sim	---	---
	2	Adventista	---	---
	1	Testemunha de Jeová	---	---

**Tabela 6: Q4**

Um aluno não respondeu e outro respondeu “não sei”; quinze alunos responderam que “não” têm amigos de outras religiões; um aluno disse simplesmente que sim, sem indicar qual ou quais; dois alunos referiam que têm amigos “adventistas” e, um, referiu “jeová”.

Na questão seguinte (Q5):

Q5	N.º de Alunos	Responde	Não responde	Não sabe
<b>Considera-los diferentes de ti de alguma maneira?</b>	2	Não consideram os amigos de outras religiões diferentes de si	---	---
	1	Algumas pequenas diferenças	---	---
	1	Sim	---	---

Tabela 7: Q5

Apenas quatro alunos responderam, os quais disseram “sim” na questão anterior. Dois alunos consideram que não consideram os amigos de outras religiões diferentes de si; um salientou que “há algumas pequenas diferenças”, mas sem pormenores; e um aluno disse simplesmente que sim.

Na questão seis (Q6):

Q6	N.º de Alunos	Responde	Não responde	Não sabe
<b>Consideras as pessoas de outras religiões diferentes de ti?</b>	1	Algumas pequenas diferenças	---	---
	20	Não	---	---

Tabela 8: Q6

Vinte alunos disseram “não”, e um referiu “algumas pequenas diferenças”.

Na questão sete (Q7):

Q7	N.º de Alunos	Responde	Não responde	Não sabe
<b>Por que existe a religião? Qual é o seu propósito?</b>	7		x	---
	2		---	X
	4	Para acreditar em algo	---	---
	2	Para saber a origem de tudo	---	---
	2	Para acreditar e respeitar	---	---
	1	Para ser livre de escolher	---	---
	1	Para acreditar numa só religião/ num só Deus	---	---
	1	Para indicar um caminho	---	---
	1	Para perceber a nossa história	---	---

Tabela9: Q7

Sete alunos não respondera e dois disseram “não sei”. Quatro alunos referiram que a religião existe porque o ser humano “precisa de acreditar em algo”; dois, “para saber a origem de tudo”; e outros dois, “porque o ser humano precisa de acreditar e respeitar”; e depois as seguintes repostas foram apresentadas por diferentes alunos, “para cada um ser livre de escolher”, “para acreditar numa só religião/ num só Deus”, “serve para indicar um caminho” e “para perceber a nossa história”.

À pergunta “como seria o mundo sem religião?” (Q8):

Q8	N.º de Alunos	Responde	Não responde	Não sabe
<b>Como seria o mundo sem religião?</b>	3	---	x	---
	3	---	---	x
	4	Sem diferença	---	---
	3	Sem respeito e sem fé	---	---
	2	Acreditar na ciência	---	---
	2	Mundo apático	---	---
	1	Sem fé	---	---
	1	Uma só teoria sobre a criação do mundo	---	---
	1	Sem saber a origem de tudo	---	---
	1	Perguntas sem respostas	---	---

**Tabela 10: Q8**

Três alunos não responderam e outros três referiram que “não sei”. Quatro discentes consideram que não haveria diferença alguma; três, pensam que seria um “mundo em que ninguém respeitava, ninguém tinha fé”; dois, são da opinião de que se teria de “acreditar nas provas científicas sobre a criação do mundo”; outros dois alunos responderam que seria um mundo “sem força de vontade para nada”; um aluno considera que seria um mundo sem fé; outro, que “teríamos uma só teoria sobre a criação do mundo”; outro referiu que o mundo ficaria “sem hipótese de saber a origem de tudo” e, um outro aluno, salientou que seria um mundo com “perguntas sem respostas.”

No que respeita à questão nove (Q9):

Q9	N.º de Alunos	Responde	Não responde	Não sabe
<b>Consideras que a religião é algo necessário ao ser humano? Justifica.</b>	5	---	x	---
	1	---	---	x
	10	Sim	---	---
	4	Não	---	---
	1	Indiferente	---	---

**Tabela 11: Q9**

Cinco alunos não responderam à nona questão colocada e um disse que não sabia responder. Dos alunos que responderam à questão, nenhum apresentou a respetiva justificação, como solicitado. Assim, dez alunos, limitaram-se a responder que sim, consideram a religião como algo necessário ao ser humano; quatro, consideram que não é necessária e um apresenta-se indiferente.

Na última questão (Q10):

Q10	N.º de Alunos	Responde	Não responde	Não sabe
<b>De que modo</b>	8	---	x	---
<b>vives a religião</b>	2	---	---	x
<b>que indicaste na</b>	4	Catequese e Missa	---	---
<b>pergunta 2?</b>	2	Bem	---	---
<b>Dá exemplos</b>	2	Celebrar Natal e Páscoa	---	---
<b>concretos.</b>	2	Oração/ Rezar	---	---
	1	Normal	---	---

**Tabela 12:** Q10

A esta última questão, oito alunos não responderam e dois responderam “não sei”. De salientar que todas as respostas fornecidas pelos alunos foram pouco extensas e pouco claras. Assim, quatro discentes referiram que frequentam a catequese e vão à Igreja, participar na missa; dois alunos referiram que “vivo bem”; dois, celebrando o Natal e a Páscoa; outros dois, mencionaram que vivem a religião através da oração, rezando; e um, “normal”.

Concretizada esta breve análise dos dados recolhidos, resta-nos recordar que Deus, na faixa etária em que se encontram estes alunos, torna-se Alguém, uma Pessoa que pode fazer alguma coisa pelos seres humanos, pelo que tendem a procurar apoio em Deus perante as tensões do dia-a-dia, além de que é nesta idade que emerge a consciência de uma identidade religiosa.<sup>216</sup> As respostas que foram apresentando, mostra essa realidade.

“A religião é uma das dimensões mais importantes, senão a mais importante, da pessoa humana”<sup>217</sup>, mas como lembra Martin Buber disse, em dado momento, que Deus

<sup>216</sup> Cf. James Fowler, *Estágios da fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido* (São Leopoldo: Sinodal, 1992), 16-17: “Na adolescência, a relação com Deus torna-se profunda e Ele é um Amigo onde se busca o sentido da vida e a felicidade absoluta. É agora que os valores se tornam cruciais pois os jovens estão a construir a sua identidade e a tornarem-se autónomos. O desenvolvimento da religiosidade também é crucial nesta fase para o adolescente continuar na sua comunidade de fé ou identificar-se com outras comunidades, tendo a possibilidade de conhecer e escolher o melhor caminho religioso e axiológico.”

<sup>217</sup> Cristina Sá Carvalho, “Uma certa fé – como creem os adolescentes”, *Pastoral Catequética* 21-22 (2011/2012), 209.



é um, mas fazem falta dois para o encontrar,<sup>218</sup> além de que ninguém procura o que não conhece, e ninguém conhece o que não lhe for dado a conhecer. Nesse sentido, a proposta de planificação da Unidade Letiva 2, que a seguir se apresenta, foi pensada de forma a introduzir os alunos, de modo gradual, na questão do fenómeno religioso e da experiência religiosa.

### 3.3. Proposta de planificação e descrição das aulas

A planificação da Unidade Letiva 2 “As Religiões”, que apresentamos, constitui uma proposta de lecionação para esta turma em concreto.

Considerando que, o número de aulas previstas para o ano letivo, são de 33 aulas. Distribuímos, do seguinte modo, pelos três períodos letivos:

	1.º Período	2.º Período	3.º Período
<b>Número de Aulas</b>	13 aulas	9 aulas	11 aulas
<b>Distribuição das UL's</b>	Apresentação: 1 aula UL 1: 8 aulas UL 2: 3 aulas Avaliação: 1 aula	UL 2: 4 aulas UL 4: 4 aulas Avaliação: 1 aula	UL 4: 2 aulas UL 3: 8 aulas Avaliação: 1 aula

**Tabela 13:** Distribuição Aulas/ UL

A presente distribuição do número de aulas por cada uma das Unidades Letivas que compõem o Programa da disciplina de EMRC para o sétimo ano de escolaridade, deve-se à complexidade dos conteúdos a serem trabalhados em cada uma delas e às necessidades dos alunos demonstradas pelas diversas áreas temáticas. Contudo, é suscetível de alterações e adaptações ao longo do ano, dependendo das necessidades manifestadas pelos alunos, bem como das atividades de âmbito escolar.

Assim, esta UL, inserida na planificação anual, será lecionada entre o primeiro e o segundo períodos letivos, num total de sete aulas, de quarenta e cinco minutos. É uma proposta. Todavia, e de acordo com as respostas ao questionário, os alunos demonstram muitas dúvidas e incertezas que querem ver respondidas, pelo que parece coerente a divisão apresentada.

Como já fora referido, o questionário realizado a montante, permitiu à docente melhor preparar as aulas, bem como os materiais e recursos pedagógico-didáticos

<sup>218</sup> Cristina Sá Carvalho, “Uma certa fé – como creem os adolescentes”, 223.

necessários. O jogo de apresentação realizado na primeira aula, também contribui para conhecer um pouco melhor os alunos, bem como desenvolver uma relação de empatia com eles.

Considerando que, a disciplina e a aula de EMRC se insere “na estrutura escolar para se tornar o lugar da procura existencial próprio ao crescimento humano, em ordem ao desenvolvimento harmonioso e integral da pessoa”<sup>219</sup>, deve abrir horizontes e novas possibilidades de manifestação das ideias e opiniões; considerando que a faixa etária dos alunos (adolescência) é rica em tomadas de posição, dúvidas existenciais; considerando o nível escolar dos alunos e considerando os dados recolhidos através do questionário; considerando que as religiões são imensamente ricas ao nível artísticos (consideramos aqui todas as manifestações artísticas), então vamos apelar aos alunos a busca de novos conhecimentos.

A religião deve ser a referência moral para os adolescentes de modo a conferir-lhes um sentido ao agir e uma orientação que contribua para a construção da identidade do adolescente.

Considerando a dificuldade que os alunos demonstraram, particularmente, em apresentar uma definição de religião, assim propomos:

Aula 1 – “Crianças falam o que pensam sobre...”

Aula 2 – “Que Deus”

Aula 3 – “Quem és tu? Onde estás? Não sei...”

Aula 4 – Tradições religiosas orientais

Aula 5 – As religiões abraâmicas: núcleo central

Aula 6 – As religiões abraâmicas: judaísmo, cristianismo, islão

Aula 7 – Diálogo inter-religioso

A planificação desta Unidade Letiva tem como objetivo a reflexão do fenómeno religioso, incidindo na análise nas principais tradições religiosas.

O ser humano sempre se questionou sobre a existência quotidiana e sobre o que está para lá do universo, bem como sobre a vida e sobre a morte, a fertilidade dos solos e dos animais, a harmonia dos astros ou a força da natureza.

Onde quer que se encontrem marcas de atividade humana, aí se encontram manifestações do religioso. Em todos os tempos e lugares, a humanidade procurou encontrar-se com o divino, construindo templos, celebrando festas e rituais, integrando as crenças no quotidiano. A procura do Transcendente por parte do ser humano denota

---

<sup>219</sup> Deolinda Serralheiro, *O Acto Educativo, Religioso e Moral*, 53.

que a religiosidade é um elemento comum a todos os povos, para quem a existência do Sagrado é uma realidade próxima e imprescindível.

Independentemente da opinião que cada um tem sobre a religião, temos de admitir e aceitar que ela é uma realidade estruturante das sociedades, manifestada na literatura, na arte, na filosofia, na organização das povoações e do espaço urbano, não sendo possível compreender a história da humanidade sem ter em consideração a dimensão religiosa.

O ser humano é um ser religioso, nesse sentido a religião é a resposta do humano à interpelação do Transcendente e traduz-se num conjunto de doutrinas, de rituais e de práticas que pretendem estabelecer a ligação entre o humano e o divino.<sup>220</sup>

Conhecer as várias religiões é abrir-se à fascinante descoberta do mistério e contactar com manifestações diferentes, mas cujo objetivo é o mesmo, ou seja, ligar-se ao Transcendente. Assim, temos as tradições religiosas orientais, que se caracterizam pela valorização do interior da pessoa, sendo voltada para a contemplação e para a meditação. Nesse sentido, o Programa destaca três tradições: o Hinduísmo, o Budismo e o Confucionismo.

As três grandes religiões monoteístas têm a mesma base, daí a pertinência da figura de Abraão, a quem Deus se revelou e cujos descendentes originaram as três religiões com a crença num Deus único: o Judaísmo, o Cristianismo e o Islão.

De acordo com as três religiões abraâmicas, temos todos a mesma origem e o mesmo fim: Deus. Deus é o Pai universal, isto é, Pai de todos. É este Pai que Jesus nos apresenta nos Evangelhos. Perante esta unidade que se deseja que exista entre todos, o diálogo e a colaboração mútua são imprescindíveis. O diálogo inter-religioso é fundamental para a construção da paz e da harmonia, com vista ao bem comum.

A planificação foi proposta a pensar nos alunos. Porém, temos de considerar a faixa etária em que se encontram e, sobretudo, a fase que estão a ultrapassar: a **adolescência**. É uma etapa que faz parte do processo de crescimento e de desenvolvimento, no qual o adolescente define a sua personalidade e a sua identidade. É uma fase de descoberta, de profundas transformações quer a nível físico, como psicológico, social, intelectual, pulsional e afetivo. É uma fase de passagem da infância para a adultez.

---

<sup>220</sup> António Cordeiro et al, *Manual do Aluno de Educação Moral e Religiosa Católica – 7.º ano do Ensino Básico* (Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação cristã, 2015), 41.

A adolescência é marcada por transformações e descobertas, que se refletem, por vezes no comportamento e na forma de estar e pensar. O adolescente começa a tomar consciência das suas limitações, das suas fraquezas, sentindo-se indefeso perante elas; experimenta o desequilíbrio das emoções, que oscilam entre a sensibilidade desmedida ou a irritabilidade excessiva; sente que não vive na mesma sintonia que os adultos, pelo que a convivência pode tornar-se complicada e difícil. Logo, tem tendência a refugiar-se nos amigos e nos grupos a que pertence ou a passar longos momentos em solidão.

O adolescente questiona-se e questiona a realidade. Começa a ter raciocínios mais elaborados e pensamentos abstratos. Assume responsabilidades, mostrando-se capaz de fazer escolhas e decidir o próprio sentido da vida. É capaz de discutir e analisar acontecimentos, factos e ideias. É nesta fase que começa a construir a sua consciência e autonomia moral, ou seja, a capacidade de discernir o de fazer o bem a si próprio e aos outros.

O sentimento de pertença a um sistema religioso é posto em causa nesta fase da vida, o que leva o adolescente a questionar-se sobre o sentido das crenças e da sua participação na comunidade religiosa. Pelo que é comum questionar-se sobre a existência de Deus, ou se faz sentido ser religioso ou sobre qual será a melhor religião. Surgem as perguntas sobre o sentido da vida, sobre a vocação e o futuro.

Crescer é, de facto, um desafio constante e permanente.

Considerando estes elementos e as características da turma, na **planificação** desta UL, o acolhimento é algo a que se disponibiliza algum cuidado e tempo.

Assim, na fase inicial de cada aula, no sentido de criar uma maior empatia com os alunos, será solicitada a colaboração dos discentes na construção do sumário, servindo, de igual modo, para que os alunos saibam o que nos irá ocupar naquela aula, bem como o de fazer memória dos conteúdos abordados na aula anterior.

Uma vez que as características da turma assim o permitem, a estratégia privilegiada baseia-se numa constante interação entre a professora e os alunos, num diálogo aberto, envolto num ambiente de cumplicidade e boa-disposição e prazer pelo processo de ensino-aprendizagem.

Será dada uma particular atenção àqueles alunos menos participativos ou com mais dificuldades, para que sintam que podem ser capazes de as ultrapassar, incentivando-os e motivando-os a expressar a sua opinião. Nesse sentido, e no âmbito

do jogo de apresentação “O meu nome é... e sou...”<sup>221</sup>, foram criados cartões com a fotografia e o nome de cada aluno. Foram utilizados para dar alguma ordem na apresentação dos alunos, mas também serviram para dar a oportunidade a que todos participassem nas aulas, uma vez que a chamada de um aluno à participação era aleatória. Esta estratégia contribui que os alunos não dispersem e estejam focados nos conteúdos abordados.

Realizadas estas considerações, apresentam-se, de seguida, cada uma das aulas que compõem esta proposta de planificação, bem como as respetivas grelhas. Escusamo-nos de descrever pormenorizadamente cada momento da aula, focando a nossa atenção apenas nas estratégias mais significativas e que vão alternando de aula para aula a par dos conteúdos a abordar. Remetemos, como referido, para as respetivas grelhas, que contêm todos os momentos devidamente discriminados.

O estudo do sentido religioso e da dimensão religiosa do ser humano surge na sequência da abordagem da Unidade Letiva.

No final desta unidade didática, os alunos terão uma perspetiva mais refletida e consciencializada da Religião, entendida como um conjunto de crenças, que apresenta uma estrutura muito particular.

### **Aula 1 – “Crianças falam o que pensam sobre...”**

O vídeo “Crianças falam o que pensam sobre... religião” é o ponto de partida para responder a algumas questões, sendo a primeira delas, o que é a religião? E ainda, quem criou a religião?

A religião, sendo um fenómeno universal no tempo e no espaço, está na base das culturas, da vida familiar e da vida social. Pode ser definida como “um conjunto de doutrinas, de rituais e de práticas que pretendem estabelecer o contacto entre o humano e o divino.”<sup>222</sup>

As questões que surgem no vídeo são, em geral, as mesmas a que os alunos responderam no questionário.

Com o recurso à técnica do “brainstorming” (“chuva de ideias”), realiza-se a exploração do conteúdo do vídeo, bem como o esclarecimento de alguns conceitos que serão fundamentais ao longo de toda a UL. Proporcionando, desta forma uma partilha de ideias e um debate bastante rico.

---

<sup>221</sup> Jogo de apresentação “O meu nome é... e sou...”, os alunos apresentam-se dizendo “O meu nome é (nome do aluno) e sou...”, acrescentando uma característica pessoal que inicie pela mesma letra do nome.

<sup>222</sup> Jorge Augusto Paulo Pereira (coord.), *Desafios* - Manual do Aluno 7.º Ano – EMRC (Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2010), 57.

No final, a sistematização dos conhecimentos é feita através da resposta a uma ficha de trabalho.

## **Aula 2 – “Que Deus”<sup>223</sup>**

Após os momentos iniciais, recordam-se, através de uma interação dialogal, os conceitos abordados na aula anterior, sendo lançada uma questão aos discentes: “Consideras que a religião é algo necessário ao ser humano?” Consiste numa das perguntas que surgiram no vídeo.

A procura do Transcendente manifesta-se das mais diversas maneiras, sendo a Arte, um desses caminhos. Os alunos são convidados a escutar a música “Que Deus” de Boss AC.

Esta estratégia, que será apoiada pela ficha informativa, que contém a letra da música, bem como um exercício de ordenação da letra, cuja análise, permitirá aos alunos fazerem a antecipação dos conteúdos que serão objeto de estudo nesta aula, dando oportunidade a que os discentes participem ativa e livremente, o que vai ao encontro das suas características.

A escolha desta música, em especial, deve-se ao facto de transmitir na sua letra os sentimentos de dúvida e que interrogação constante, de dor e de sofrimento silencioso, sem esquecer os receios e incertezas sobre a existência de um Deus. A melodia e o estilo da música (rap) também foram considerados.

É lançado um desafio de escrita criativa, ou outra manifestação artística, aos alunos: o que pensam sobre este assunto? Inspirados na música que acabaram de escutar, que coloquem no papel sentimentos, dúvidas, que os inquietam e que gostariam de ver respondidas.

A ficha informativa fornecida aos alunos faz parte de um dossiê que será construído aula a aula. No final do estudo desta UL, os discentes terão no dossiê as informações mais relevantes.

## **Aula 3 – “Quem és tu? Onde estás? Não sei...”<sup>224</sup>**

Apreciando o conteúdo da letra da música “Que Deus” e dada a complexidade dos conteúdos trabalhados, esta aula dará continuidade à exploração da letrada música de Boss AC. Para criar alguma dinâmica, utiliza-se a técnica “O que tenho a dizer

---

<sup>223</sup> “Que Deus” corresponde ao título de uma música de Boss AC, cuja letra será analisada pelos alunos.

<sup>224</sup> “Quem és tu? Onde estás? Não sei...” corresponde a uma das estrofes da música “Que Deus” de Boss AC.

sobre...”, sendo distribuído de forma aleatória, a cada aluno, uma tira de papel com um verso ou estrofe da música. Cada aluno apresenta a sua opinião sobre o conteúdo que se encontra na tira de papel que lhe coube.

Haverá o cuidado de percorrer o texto com os alunos, verso a verso, com o objetivo de que nenhum aspeto fique por esclarecer.

No final da aula, é conveniente recordar o exercício de escrita criativa que lhes foi proposto na aula anterior.

#### **Aula 4 – Tradições religiosas orientais**

Esta aula é orientada para o estudo das três principais tradições religiosas orientais, a saber: o Hinduísmo, o Budismo e o Confucionismo.

Com o recurso ao *software* de criação de apresentações *prezi*, os alunos exploram os principais aspetos das três tradições referidas.

Para sistematização dos conhecimentos, os alunos, em trabalhos de pares, preenchem os espaços em branco de um quadro síntese sobre as tradições religiosas orientais em estudo.

#### **Aula 5 – As religiões abraâmicas: núcleo central**

A figura de Abraão é fundamental para compreender o nascimento das três grandes religiões monoteístas: Judaísmo, Cristianismo e Islão.

Explicado a linha de descendência de Abraão, ficamos a conhecer como surgiram as três religiões, com tantos elementos em comum. Para explorar as particularidades de cada uma das religiões, numa abordagem inicial, através da apresentação “Religiões Abraâmicas” são apresentadas algumas imagens e devidamente exploradas. Este é o momento para que os alunos expressem a opinião sobre o que pensam destas religiões.

#### **Aula 6 – As religiões abraâmicas: judaísmo, cristianismo, islão**

Esta aula será orientada para a exploração de alguns aspetos particulares de cada uma das religiões, realçando o papel dos Templos Sagrados (através do recurso de uma apresentação de uma ferramenta do *office*, o *powerpoint*).

A professora terá uma particular preocupação em conduzir os discentes para a constatação da originalidade de certos aspetos relacionados com a arquitetura dos diferentes espaços sagrados.

Com a viagem feita pelo universo das religiões, os alunos tomam consciência da diversidade existente e das diferentes perspectivas que o ser humano tem para com Deus. No sentido de abrir horizontes e dar a conhecer as diferentes manifestações artísticas, é declamado o pela “IGNOTO DEO” de José Régio. Apesar de não ser um poema de leitura e compreensão fáceis, é sempre positivo dar a conhecer a nossa literatura.

A arte, em geral, e a arte sacra, em particular, tem um profundo sentido espiritual, uma vez que revela o sentido oculto da vida e do universo.

### **Aula 7 – Diálogo inter-religioso**

Esta é a última aula para a Unidade Letiva 2, que propomos.

Através da passagem bíblica Lc 7, 36-50, Jesus apresenta-nos, não só, o Pai, mas também, as atitudes a considerar para a promoção de um diálogo inter-religioso. Estabelece-se, desta forma, a ligação com a primeira aula, ao recordar o que as crianças disseram sobre este assunto, não esquecendo a música escutada na segunda aula.

A presença de Deus na Bíblia é descrita como uma presença pessoal, em que se pode confiar. É um Deus presente e atuante.

O dossiê encontra-se completo. Este recurso permite fazer uma sistematização dos conhecimentos mais completa.

Com os textos, poemas, desenhos, que os alunos foram produzindo, no âmbito da escrita criativa, sugere-se que se façam marcadores de livros. É uma recordação que fica.

De seguida, apresentam-se as grelhas<sup>225</sup> com a respetiva planificação de cada uma das aulas.

Apesar da pertinência e interesse dos recursos preparados para a proposta de lecionação da Unidade Letiva que apresentamos, abstemo-nos de integrá-los como anexos neste Relatório. Podem ser consultados no Dossiê de Estágio.

---

<sup>225</sup> Cf. Tabelas 14 a 20, 105-111.



Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
<b>SUMÁRIO:</b> Introdução à unidade letiva 2 - “As Religiões”. Visionamento e exploração do conteúdo do vídeo “Crianças falam o que pensam sobre...”.			Acolhimento. Breve apresentação dos alunos e da professora, através da dinâmica “O meu nome é... e sou...”. Registo do sumário no caderno diário, pelos alunos	Cartões de apresentação. Caderno diário. Quadro e giz.	10 min.	Assiduidade. Pontualidade.
<b>B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.</b>  <b>A. Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa.</b>	Questionar a dimensão religiosa do ser humano.	O que é «ser religioso».  Ser religioso faz sentido.	Introdução à temática da unidade letiva - “As Religiões”. Contextualização com a unidade letiva anterior  Visionamento do vídeo “Crianças falam o que pensam sobre...”.	Quadro e giz;	5 min.	Observação direta: - Cumprimento das regras da sala de aula; - Respeito pelo grupo; - Atenção e concentração;
	Perceber qual é a função da religião na vida das pessoas.	Função da religião na vida pessoal e coletiva: - A aspiração do ser humano à relação com a transcendência; - A necessidade da salvação e da plenitude humana; - A resposta do ser humano à interpelação d Absoluto.	Através da técnica do “brainstorming” (“chuva de ideias”), realiza-se a exploração do conteúdo e de alguns conceitos que serão fundamentais ao longo da unidade letiva. A saber: - religião - religiosidade - ateísmo - ritos e símbolos - livros e espaços sagrados - religião monoteísta - religião politeísta - ...	Vídeo “Crianças falam o que o que pensam sobre...”;	5 min.	- Participação; - Comportamento; - Empenho; - Interesse; - Iniciativa; - Execução das atividades propostas.
			Sistematização dos conhecimentos através da realização de uma ficha de trabalho, oralmente.	Manual de EMRC do 7.º ano - “Quero Saber!”.	15 min.	Reforço positivo.
				Ficha de trabalho.	10 min.	Ficha de trabalho.

**Tabela 14:** Grelha com planificação da Aula 1

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
<b>SUMÁRIO:</b> A religião no quotidiano humano. Exploração da música “Que Deus” do Boss AC.			Acolhimento. Registo do sumário no caderno diário, pelos alunos.	Caderno diário. Quadro e giz.	10 min.	Assiduidade. Pontualidade.
<b>B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.</b>  <b>A. Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa.</b> <b>B.</b>	Questionar a dimensão religiosa do ser humano.	O que é «ser religioso».  Ser religioso faz sentido.	Através do diálogo interativo entre professora e alunos, recordam-se os conteúdos abordados na aula anterior.  Exploração de uma ficha informativa.  Sistematização dos conhecimentos através da realização de uma ficha de trabalho, oralmente.	Cartões de apresentação/participação;  Quadro e giz;  Ficha informativa;  Ficha de trabalho;  Computador; Colunas de som; Projetor;	5 min.  5 min.  5 min.	Observação direta: - Cumprimento das regras da sala de aula; - Respeito pelo grupo; - Atenção e concentração; - Participação; - Comportamento; - Empenho; - Interesse; - Iniciativa; - Execução das atividades propostas.  Reforço positivo.  Ficha de trabalho.
	Perceber qual é a função da religião na vida das pessoas.	Função da religião na vida pessoal e coletiva: - A aspiração do ser humano à relação com a transcendência; - A necessidade da salvação e da plenitude humana; - A resposta do ser humano à interpelação do Absoluto.	A seguinte questão é colocada aos alunos: “Consideras que a religião é algo necessário ao ser humano?”. Recordando uma das perguntas colocadas no vídeo visionado na aula anterior, os discentes são convidados a expressarem a sua opinião sobre o assunto veiculado pela questão. A busca/ procura do Transcendente manifesta-se de diversas maneiras, sendo a Arte um desses caminhos. Nesse sentido, na ficha informativa, temos uma música, que será escutada pelos alunos.  Escuta da música “Que Deus”, de Boss AC. - Exercício de ordenação da letra da música; - Exploração do conteúdo; - Exercício de escrita criativa, inspirado na música. Tarefa a realizar pelos alunos, em casa.	Manual de EMRC do 7.º ano - “Quero Saber!”;  Música “Que Deus”, de Boss AC.	5 min.  15 min.	

**Tabela 15:** Grelha com planificação da Aula 2

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
<b>SUMÁRIO:</b> Continuação da exploração da música “Que Deus” do Boss AC. Sistematização de conceitos. Exercício de escrita criativa.			Acolhimento. Registo do sumário no caderno diário, pelos alunos.	Caderno diário. Quadro e giz.	10 min.	Assiduidade. Pontualidade.
<b>B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.</b>	Questionar a dimensão religiosa do ser humano.	O que é «ser religioso».  Ser religioso faz sentido.	Dada a complexidade dos conteúdos desta Unidade Letiva, apresenta-se como fundamental que os alunos vejam esclarecidas algumas dúvidas que têm acerca de certos conceitos de base.  Assim, dando continuidade à aula anterior, continua-se a explorar o conteúdo da música “Que Deus”, de Boss AC.	Cartões de apresentação/participação;  Quadro e giz;  Ficha informativa;	10 min.	Observação direta: - Cumprimento das regras da sala de aula; - Respeito pelo grupo; - Atenção e concentração; - Participação; - Comportamento; - Empenho; - Interesse; - Iniciativa; - Execução das atividades propostas.
<b>C. Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa.</b>	Perceber qual é a função da religião na vida das pessoas.	Função da religião na vida pessoal e coletiva: - A aspiração do ser humano à relação com a transcendência; - A necessidade da salvação e da plenitude humana; - A resposta do ser humano à interpelação do Absoluto.	Escuta da música “Que Deus”, de Boss AC e exploração do conteúdo através da técnica “O que tenho a dizer sobre...”. - cada aluno recebe, aleatoriamente, um verso ou estrofe da música; - apresenta a sua opinião sobre o conteúdo da tira de papel que lhe tocou.  Desta forma, sistematiza-se alguns conceitos fundamentais, desenvolve-se o espírito crítico dos alunos e considera-se as finalidades da disciplina de EMRC.  Realização de um exercício de escrita criativa: interrogando o título da música – “Que Deus”? – os discentes são motivados a responder a essa interrogação e, incentivando a criatividade, construir um texto.	Computador; Colunas de som; Projektor;  Manual de EMRC do 7.º ano - “Quero Saber!”;  Música “Que Deus”, de Boss AC;  Tiras de papel com a letra da música.	10 min.  10 min.  15 min.	Reforço positivo.  Ficha de trabalho.

Tabela 16: Grelha com planificação da Aula 3

Unidade Letiva: As Religiões  
Aula n.º 4/7

Ano: 7.º | Turma: B  
Tempo previsto: 45'

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
<b>SUMÁRIO:</b> As tradições religiosas orientais: características. Aspetos fundamentais do Hinduísmo, do Budismo e do Confucionismo.			Acolhimento. Registo do sumário no caderno diário, pelos alunos.	Caderno diário. Quadro e giz.	10 min.	Assiduidade. Pontualidade.
<b>C. Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas.</b>	Identificar as várias manifestações religiosas.	Símbolos, construções e comportamentos religiosos.  A questão do politeísmo e do monoteísmo.  Tradições religiosas orientais: Hinduísmo, Budismo e Confucionismo.	Contextualização dos conteúdos a abordar, em sequência da aula anterior.  Apresentação das tradições religiosas orientais, com recurso ao <i>software</i> de criação de apresentações, <b>prezi</b> .  Exploração do conteúdo e de alguns aspetos fundamentais das principais tradições religiosas orientais: Hinduísmo, Budismo e Confucionismo. A saber: - Origem; - Fundador; - Deus; - Texto de Referência; - Templo; - Símbolo; - Princípios fundamentais. Realização de trabalho de pares para sistematização dos conhecimentos. Os alunos preenchem os espaços em branco de um quadro síntese sobre as principais tradições religiosas orientais.	Cartões de apresentação/ participação;  Quadro e giz;  Computador; Colunas de som; Projetor;  Apresentação “Tradições religiosas orientais” ( <a href="https://prezi.com/0y2nyxw_yqch/tradi-coes-religiosas-orientais_emrc_7o-ano/">https://prezi.com/0y2nyxw_yqch/tradi-coes-religiosas-orientais_emrc_7o-ano/</a> )  Manual de EMRC do 7.º ano - “Quero Saber!”.  Ficha de trabalho – Quadro síntese.	5 min.  20 min.  10 min.	Observação direta: - Cumprimento das regras da sala de aula; - Respeito pelo grupo; - Atenção e concentração; - Participação; - Comportamento; - Empenho; - Interesse; - Iniciativa; - Execução das atividades propostas.  Reforço positivo.  Ficha de trabalho.

**Tabela 17:** Grelha com planificação da Aula 4

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
<b>SUMÁRIO:</b> As Religiões Abraâmicas: núcleo central. Introdução geral ao Judaísmo, Cristianismo e Islão.			Acolhimento. Registo do sumário no caderno diário, pelos alunos.	Caderno diário. Quadro e giz.	10 min.	Assiduidade. Pontualidade.
<b>C. Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas.</b>  <b>K. Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso.</b>	Identificar o núcleo central constitutivo da identidade das Religiões Abraâmicas.	Abraão e o monoteísmo absoluto.  As Religiões Abraâmicas: - Judaísmo, Cristianismo e Islão; - Marcos essenciais da história das religiões; - Textos sagrados e princípios básicos da fé; - Calendário, rituais, espiritualidade e festas religiosas; - “Cidades santas” e locais de culto; - A diversidade no contexto da mesma fé.	Breve síntese dos conteúdos da aula anterior através do quadro síntese sobre as principais tradições religiosas orientais  Contextualização das Religiões Abraâmicas: a figura central de Abraão, o pai dos crentes; a descendência de Abraão que originou as três religiões monoteístas (Judaísmo, Cristianismo e Islão).  Recorrendo a uma apresentação intitulada “Religiões Abraâmicas”, serão mostradas aos alunos algumas imagens relativas às três religiões monoteístas em estudo.  Exploração dos conteúdos de cada uma das imagens, através de um diálogo interativo entre professora e alunos.  Exercício oral: “Os alunos falam o que pensam sobre...”. Recuperando a temática do vídeo visionado na primeira aula desta unidade letiva, os alunos são convidados a expressarem a sua opinião sobre as religiões monoteístas.	Cartões de apresentação/participação;  Quadro e giz;  Computador; Colunas de som; Projetor;  Apresentação “Religiões Abraâmicas”  Manual de EMRC do 7.º ano - “Quero Saber!”;  Exercício oral.	5 min.  10 min.  15 min.  5 min.	Observação direta: - Cumprimento das regras da sala de aula; - Respeito pelo grupo; - Atenção e concentração; - Participação; - Comportamento; - Empenho; - Interesse; - Iniciativa; - Execução das atividades propostas.  Reforço positivo.

Tabela 18: Grelha com planificação da Aula 5

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
<b>SUMÁRIO:</b> Continuação do estudo das Religiões Abraâmicas: Judaísmo, Cristianismo e Islão. Principais semelhanças e diferenças.			Acolhimento. Registo do sumário no caderno diário, pelos alunos.	Caderno diário. Quadro e giz.	10 min.	Assiduidade. Pontualidade.
<b>C. Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas.</b>	Identificar o núcleo central constitutivo da identidade das Religiões Abraâmicas.	As Religiões Abraâmicas: - Judaísmo, Cristianismo e Islão; - Marcos essenciais da história das religiões; - Textos sagrados e princípios básicos da fé; - Calendário, rituais, espiritualidade e festas religiosas; - “Cidades santas” e locais de culto;	Síntese dos conteúdos da aula anterior através do preenchimento do quadro sinótico sobre as Religiões Abraâmicas: Judaísmo, Cristianismo e Islão. Através deste exercício, pretende-se sistematizar alguns conceitos relevantes no âmbito do estudo das Religiões Abraâmicas, nomeadamente: - Origem; Fundador; - Texto Sagrado; - Templo; -Cidade Sagrada; - Dia Sagrado; - Princípios de fé; - Espiritualidade e Festas; - Símbolo.	Cartões de apresentação/participação;  Quadro e giz;  Computador; Colunas de som; Projetor;	15 min.	Observação direta: - Cumprimento das regras da sala de aula; - Respeito pelo grupo; - Atenção e concentração; - Participação; - Comportamento; - Empenho;
<b>K. Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso.</b>		- A diversidade no contexto da mesma fé.	Utilizando o recurso “Religiões Abraâmicas-Templos Sagrados”, exploram-se as principais semelhanças e diferenças entre as três religiões monoteístas no que concerne aos templos sagrados e à vivência da religiosidade.  Exercício oral: “O que nos dizem a poesia sobre...”. Exploração do poema “Ignoto Deo” de José Régio. No estudo desta unidade letiva, apresentaram-se as diferentes perspetivas que o ser humano tem relativamente ao Ser Transcendente. Este poema é um exemplo e uma forma de dar a conhecer aos alunos o património artístico acessível a todos.	Ficha de Trabalho – Quadro sinótico;  Apresentação “Religiões Abraâmicas-Templos Sagrados”  Manual de EMRC do 7.º ano - “Quero Saber!”;  Poema “Ignoto Deos”, de José Régio.	10 min.       10 min	- Interesse; - Iniciativa; - Execução das atividades propostas.  Reforço positivo.

**Tabela 19:** Grelha com planificação da Aula 6

Metas de aprendizagem	Objetivos a atingir	Conteúdos a desenvolver	Estratégias de Ensino	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
<b>SUMÁRIO:</b> O Deus de Jesus Cristo. Atitudes para um diálogo inter-religioso.			Acolhimento. Registo do sumário no caderno diário, pelos alunos.	Caderno diário. Quadro e giz.	10 min.	Assiduidade. Pontualidade.
<b>K. Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso.</b>			Exercício oral: “O que no diz a poesia sobre...”. Exploração do poema “Ignoto Deo” de José Régio. No estudo desta unidade letiva, apresentaram-se as diferentes perspetivas que o ser humano tem relativamente ao Ser Transcendente. Este poema é um exemplo e uma forma de dar a conhecer aos alunos o património artístico acessível a todos.	Cartões de apresentação/participação;  Quadro e giz;	10 min.	Observação direta: - Cumprimento das regras da sala de aula; - Respeito pelo grupo;
<b>E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.</b>	Reconhecer a mensagem essencial do cristianismo através da interpretação de textos bíblicos.	Deus que ama todo o ser humano de forma incondicional: Lc 7, 36-50.	Como é que Jesus Cristo nos apresenta o Pai? Através da passagem bíblica do Evangelho de São Lucas, capítulo 7, versículos 36 a 50, Jesus apresenta-nos o Pai, como <i>Abbá</i> (papá, paizinho), o cheio de misericórdia e de amor. Os alunos são convidados a acompanhar a postura e comportamento das personagens, nomeadamente do fariseu, da mulher e de Jesus; e a refletir com qual, nas atitudes, se identificam.	Computador; Colunas de som; Projeto;	15 min.	- Atenção e concentração; - Participação; - Comportamento
<b>D. Promover o diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e a colaboração entre os povos.</b>	Identificar os princípios éticos comuns das várias religiões reconhecendo as suas implicações na vida quotidiana.	O diálogo inter-religioso na construção da paz e do bem comum.	Deste modo Jesus diz-nos quais as atitudes a considerar para a promoção de um diálogo inter-religioso. Através de um diálogo interativo e recordando o vídeo visionado na primeira aula desta unidade letiva, os alunos identificam essas atitudes, que registam na Ficha Informativa e de Trabalho previamente distribuída. (Nota: Com esta Ficha, os alunos completam o Livro que começou a ser construído na primeira aula.)	Ficha Informativa e de Trabalho;  Manual de EMRC do 7.º ano - “Quero Saber!”;	8 min.	- Empenho; - Interesse; - Iniciativa; - Execução das atividades propostas.
			Dando por concluída esta unidade letiva, a docente distribui um marcador de livro pelos alunos, com desenho de uma aluna da turma.	Poema “Ignoto Deos”, de José Régio;  Marcador de livro.	2 min.	Reforço positivo.

**Tabela 20:** Grelha com planificação da Aula 7



## CONCLUSÃO

As relações humanas para serem autênticas e verdadeiras têm de ser procuradas, acolhidas, cultivadas e cuidadas. A pessoa humana tem que estar disponível para receber em si a alegria de uma nova amizade. Se assim acontece nas relações entre os indivíduos, observamos que acontece de igual modo com a relação entre o ser humano e o Transcendente. Para encurtar distâncias e possibilitar um diálogo mais próximo da divindade, o ser humano criou a religião, a especial ligação entre o humano e o divino. Porém, não só o indivíduo tem necessidade de Deus, mas também Ele tem necessidade do ser humano. E o modo como Deus se veio revelando ao longo da história, e como se manifesta ainda hoje, faz com que o possamos sentir sempre demasiado próximo. Dado o contexto, parece-nos adequado relembrar um trecho de um cântico, daqueles que se aprendem na infância e nos invadem a mente em dias mais turbulentos: “Não é um Deus desconhecido que afinal habita em nós, ele é um Deus presente em cada Homem. Não procures longe o que está bem junto a ti.” A reflexão, que desenvolvemos ao longo deste modesto trabalho, está concentrada na letra deste simples cântico, que ainda hoje escutamos nas celebrações da Eucaristia.

Foi nossa intenção fazer caminho, lado a lado com Deus, que paulatinamente se vai dando a conhecer. É um percurso de diálogo, de acolhimento e de descoberta. Não funciona também assim nas relações humanas? Começa por ser um Deus desconhecido (*ignoto deo*), que se apresenta, cria intimidade, alimenta uma relação de amizade com o Homem. É um pouco como a história do *Príncipezinho* de Antoine de Saint Exupéry e a relação que estabeleceu com a rosa. Do mesmo modo, cuida Deus da sua relação com o ser humano, permanecendo como uma sarça ardente, para que possamos sentir a sua constante presença, como um fogo que não se extingue, como um amor que não se consome, consumindo-se.

Por isso, escolhemos os profetas Abraão e Moisés. O primeiro, exemplo de fé, acreditou nesse Deus desconhecido e avançou sem medo; com Moisés veio a confirmação de que Deus está sempre connosco, sendo que a sarça ardente simboliza essa ideia: a presença de Deus que não se extingue, porque “Tu é que não desistirás de mim!”

Dando seguimento à nossa linha de pensamento, seleccionámos José Régio com a sua obra literária. Régio, em vida, sempre viveu em conflito permanente consigo próprio e com o Outro, transpondo todos esses sentimentos e emoções para o papel, originando uma obra cuja leitura se recomenda.

A obra literária de José Régio assenta, essencialmente, numa reflexão profunda do ser humano, da sua existência e constantes indagações e problemáticas que o povoam. Mas não

podemos deixar de referir a sua enorme sensibilidade e o gosto peculiar que tinha por colecionar peças de arte sacra, nomeadamente Cristos. Deixamos, nesse sentido, como sugestão de leitura, a obra póstuma *Confissão dum Homem Religioso*.

Aliando todos estes aspetos, considerámos José Régio um autor pertinente para a abordagem que nos propusemos realizar, além de que, o estudo da génese textual, é um mundo de informação ignorado por quem tem apenas conhecimento do autor através da obra publicada.

No âmbito da Prática de Ensino Supervisionada, apresentamos uma proposta de lecionação para a Unidade Letiva subordinada ao tema “As Religiões”, para o sétimo ano de escolaridade.

A primeira preocupação foi, naturalmente, como desenvolver o processo de ensino-aprendizagem de uma forma rigorosa e significativa, nunca perdendo de vista o dever e a vontade de tornar, os alunos, indivíduos capazes de refletir criticamente sobre as questões existenciais do ser humano e sobre a dimensão religiosa que é parte integrante do ser pessoa. Para esta tarefa, muito contribuíram as orientações do Programa de EMRC, as leituras concretizadas, as partilhas realizadas.

O dispositivo pedagógico-didático desenvolvido foi pensado de modo a fomentar o espírito crítico, desenvolver a criatividade. As atividades propostas são variadas no conteúdo e na dificuldade, com base nas necessidades, na recetividade e nos interesses dos alunos. Infelizmente, o tempo letivo destinado a esta disciplina é manifestamente pouco. Contudo, deixamos um desafio: fazer com os alunos a experiência de apresentar, através da manifestação artística que preferirem (texto, desenho ou outra), o que pensam sobre o que é esse Deus para si; e acompanhar todo o processo criativo de construção do projeto.

No âmbito da lecionação, aproveitamos para relembrar que, a fim de não aumentar demasiado o volume deste trabalho, e porque há outras opções, escusamo-nos de incluir anexos. Todos os materiais estão disponíveis para consulta, sendo parte integrante do Dossiê de Estágio.

Rematamos, deixando o pensamento de que acreditamos que o docente deve saber fazer a diferença, mas o professor de EMRC é, sem dúvida alguma, a verdadeira diferença quer no espaço escolar quer junto dos seus alunos. Nesse sentido, partilhamos o conselho do Papa Francisco, quando referiu que nos devemos pôr a caminho, pois Deus já está em caminho para me encontrar. E quando nos encontramos, deparamo-nos com uma grande surpresa: Ele já me procurava, antes mesmo de eu o procurar. É sempre Ele que toma a iniciativa. Ele percorre o seu caminho para nos encontrar. Façamos o nosso.

## ÍNDICE GERAL

<b>INTRODUÇÃO</b>	8
<b>CAPITULO I – A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA</b>	12
<b>1. Crise de Sociedade, Crise de Civilização?</b>	12
1. 1. «A fé em Deus já não é axiomática»	13
1. 2. A Igreja no mundo atual: Há possibilidade de Deus nesta sociedade?	19
1.3. Um Deus desconhecido, mas demasiado próximo	26
<b>2. Do ignoto deo à sarça ardente nas Escrituras</b>	28
2.1. Um Deus que se dá a conhecer (de Abraão) a Moisés	28
2.2. Um Deus que se manifesta em Jesus Cristo	34
<b>CAPITULO II – DO “IGNOTO DEO” À “SARÇA ARDENTE” DE JOSÉ RÉGIO</b>	37
<b>1. José Régio: as facetas de um homem plural</b>	38
<b>2. “desisti de saber qual é teu nome”</b>	47
2.1. Contextualização literária: Biografia: um livro de sonetos de José Régio	48
2.2. “IGNOTO DEO”: soneto da busca	49
<b>3. “Sei que existes na voz com que te chamo”</b>	50
3.1. Contextualização literária: As Encruzilhas de Deus e o “Último Livro” de José	50
3.2. “Sarça ardente”: complexo jogo de encontros e desencontros com Deus Régio	51
<b>4. In statu nascendi: génese textual</b>	59
<b>5. Os desenhos: um complemento à escrita</b>	68
<b>CAPITULO III – PLANIFICAÇÃO E LECIONAÇÃO DA UNIDADE LETIVA 2 “AS RELIGIÕES”</b>	77
<b>1. Análise reflexiva sobre o Programa da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica no contexto da Educação Cristã</b>	78
<b>2. O contributo da disciplina de EMRC na formação integral de cada ser humano</b>	82
<b>3. “As Religiões”: proposta de planificação de uma unidade letiva para o sétimo ano de escolaridade</b>	87
3.1. Apresentação da Unidade Letiva	89
	114

<i>3.2. As Religiões: o inquérito por questionário</i>	91
<i>3.3. Proposta de planificação e descrição das aulas</i>	97
<b>CONCLUSÃO</b>	112
<b>ÍNDICE DE FIGURAS</b>	116
<b>ÍNDICE DE TABELAS</b>	118
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	119

## ÍNDICE DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> José Régio: “Dados auto-biográficos” (Vila do Conde, setembro de 1958) ...	38
<b>Figura 2:</b> José Maria dos Reis Pereira com cinco meses de idade .....	39
<b>Figura 3:</b> Autógrafo do Poeta, com o poema “O Menino sem Tempo” .....	39
<b>Figura 4:</b> Capa da 1. <sup>a</sup> edição de <i>Poemas de Deus e do Diabo</i> .....	40
<b>Tabela 5:</b> Dedicatória à Mãe, no livro a ela oferecido por ocasião do seu aniversário ...	40
<b>Figura 6:</b> À mesa de trabalho no seu quarto de Coimbra .....	42
<b>Figura 7:</b> Caloiro em Coimbra, maio de 1921 .....	42
<b>Figura 8:</b> Pensão 21 .....	43
<b>Figura 9:</b> Atual Casa-Museu José Régio em Portalegre .....	43
<b>Figura 10:</b> Casa de José Régio, em Vila do Conde (foto atual) .....	44
<b>Figura 11:</b> Régio, no seu gabinete de trabalho, em Portalegre (Anos 40) .....	45
<b>Figura 12:</b> Capa da 1. <sup>a</sup> edição de <i>Biografia</i> , de 1929 .....	48
<b>Figura 13:</b> Capa da 1. <sup>a</sup> edição de <i>As Encruzilhadas de Deus</i> , de 1936 .....	50
<b>Figura 14:</b> Manuscrito do poema “Sarça ardente” (1. <sup>a</sup> página) .....	60
<b>Figura 15:</b> Manuscrito do poema “Sarça ardente” (2. <sup>a</sup> página) .....	62
<b>Figura 16:</b> Manuscrito do poema “Sarça ardente” (3. <sup>a</sup> página) .....	62
<b>Figura 17:</b> Manuscrito do poema “Sarça ardente” (4. <sup>a</sup> página) .....	62
<b>Figura 18:</b> Manuscrito do poema “Sarça ardente” (5. <sup>a</sup> página) .....	62
<b>Figura 19:</b> Manuscrito do poema “Sarça ardente” (6. <sup>a</sup> página) .....	63
<b>Figura 20:</b> Manuscrito do poema “Sarça ardente” (7. <sup>a</sup> página) .....	63
<b>Figura 21:</b> Manuscrito do poema “Sarça ardente” (8. <sup>a</sup> página) .....	63
<b>Figura 22:</b> Manuscrito do poema “Sarça ardente” (9. <sup>a</sup> página) .....	63
<b>Figura 23:</b> Manuscrito do poema “Sarça ardente” (10. <sup>a</sup> página) .....	64
<b>Figura 24:</b> Manuscrito do poema “Sarça ardente” (11. <sup>a</sup> página) .....	64
<b>Figura 25:</b> Manuscrito do poema “Sarça ardente” (12. <sup>a</sup> página) .....	64
<b>Figura 26:</b> Manuscrito do poema “Sarça ardente” (13. <sup>a</sup> página) .....	64
<b>Figura 27:</b> Manuscrito do poema “Sarça ardente” (14. <sup>a</sup> página) .....	65
<b>Figura 28:</b> Manuscrito do poema “Sarça ardente” (15. <sup>a</sup> página) .....	65
<b>Figura 29:</b> Manuscrito do poema “Sarça ardente” (16. <sup>a</sup> página) .....	65
<b>Figura 30:</b> Manuscrito do poema “Sarça ardente” (17. <sup>a</sup> página) .....	65
<b>Figura 31:</b> Autógrafo da última estrofe do poema “Sarça ardente” .....	66
<b>Figura 32:</b> Prova tipográfica da última estrofe do poema “Sarça ardente” .....	66

<b>Figura 33:</b> Prova tipográfica do poema “IGNOTO DEO” .....	67
<b>Figura 34:</b> Desenho 1 .....	71
<b>Figura 35:</b> Desenho 2 .....	71
<b>Figura 36:</b> Desenho 3 .....	71
<b>Figura 37:</b> Desenho 4 .....	71
<b>Figura 38:</b> Desenho 5 .....	72
<b>Figura 39:</b> Desenho 6 .....	72
<b>Figura 40:</b> Desenho 7 .....	72

## ÍNDICE DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Edições em vida do Autor .....	70
<b>Tabela 2:</b> Domínios de Aprendizagem e Metas Curriculares de Programa de Educação Moral e Religiosa Católica .....	80
<b>Tabela 3:</b> Q1 .....	92
<b>Tabela 4:</b> Q2 .....	93
<b>Tabela 5:</b> Q3 .....	93
<b>Tabela 6:</b> Q4 .....	93
<b>Tabela 7:</b> Q5 .....	94
<b>Tabela 8:</b> Q6 .....	94
<b>Tabela 9:</b> Q7 .....	94
<b>Tabela 10:</b> Q8 .....	95
<b>Tabela 11:</b> Q9 .....	95
<b>Tabela 12:</b> Q10 .....	96
<b>Tabela 13:</b> Distribuição Aulas/ UL .....	97
<b>Tabela 14:</b> Grelha com planificação da Aula 1 .....	105
<b>Tabela 15:</b> Grelha com planificação da Aula 2 .....	106
<b>Tabela 16:</b> Grelha com planificação da Aula 3 .....	107
<b>Tabela 17:</b> Grelha com planificação da Aula 4 .....	108
<b>Tabela 18:</b> Grelha com planificação da Aula 5 .....	109
<b>Tabela 19:</b> Grelha com planificação da Aula 6 .....	110
<b>Tabela 20:</b> Grelha com planificação da Aula 7 .....	111



## BIBLIOGRAFIA

*Bíblia Sagrada*. Lisboa/ Fátima: Difusora Bíblica, 2003.

### 1. Documentos do Magistério da Igreja

Bento XVI, Papa. Carta Encíclica *Deus caritas est.*, sobre o Amor Cristão (dado em Roma, no dia 25 de dezembro de 2005). Prior Velho: Editora Paulinas, 2006.

\_\_\_\_\_. *Mensagem do Papa Bento XVI para a XXI Jornada Mundial da Juventude* (Vaticano, 22 de fevereiro de 2006). Disponível em: [https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/youth/documents/hf\\_ben-xvi\\_mes\\_20060222\\_youth.pdf](https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/youth/documents/hf_ben-xvi_mes_20060222_youth.pdf). Consultado em 20 de abril de 2018.

\_\_\_\_\_. Carta Encíclica *Spe Salvi*, sobre a esperança cristã (dado em Roma, no dia 30 de novembro de 2007). Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf\\_ben-xvi\\_enc\\_20071130\\_spe-salvi.pdf](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20071130_spe-salvi.pdf). Consultado em 9 de março de 2018.

\_\_\_\_\_. *Mensagem do Papa Bento XVI para a XXIV Jornada Mundial da Juventude* (Vaticano, 22 de fevereiro de 2009). Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/youth/documents/hf\\_ben-xvi\\_mes\\_20090222\\_youth.pdf](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/youth/documents/hf_ben-xvi_mes_20090222_youth.pdf). Consultado em 20 de abril de 2018.

Francisco, Papa. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* ao episcopado, ao clero às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual (dado em Roma, no dia 24 de novembro de 2013).

Disponível em: [https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20131124\\_evangelii-gaudium.pdf](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.pdf). Consultado em 9 de março de 2018.

\_\_\_\_\_. Carta Encíclica *Laudato si*, sobre o cuidado da casa comum (Roma, 24 de maio de 2015). Braga: Editorial A.O., 2015.

\_\_\_\_\_. Sínodo do Bispos, Documento Preparatório *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional* (Vaticano, 13 de janeiro de 2017). Disponível em: [http://www.vatican.va/roman\\_curia/synod/documents/rc\\_synod\\_doc\\_20170113\\_documento-preparatorio-xv\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20170113_documento-preparatorio-xv_po.html). Consultado em 20 de janeiro de 2018.

\_\_\_\_\_. Carta aos Jovens para a apresentação do Documento Preparatório do Sínodo dos Bispos. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2017/documents/papa-francesco\\_20170113\\_lettera-giovani-doc-sinodo.pdf](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2017/documents/papa-francesco_20170113_lettera-giovani-doc-sinodo.pdf). Consultado em 9 de março de 2018.

João Paulo II, Papa. Carta Encíclica *Veritatis Splendor*, sobre algumas questões fundamentais do ensinamento moral da Igreja (dado em Roma, no dia 6 de agosto de 1993).

Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_06081993\\_veritatis-splendor.pdf](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_06081993_veritatis-splendor.pdf). Consultado em 9 de março de 2018.

\_\_\_\_\_. Carta Encíclica *Fides et Ratio*, sobre as relações entre fé e razão (dado em Roma, no dia 14 de setembro de 1998. Braga: Editorial A. O., 1998.

\_\_\_\_\_. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Ecclesia in Europa* sobre Jesus Cristo, vivo na sua Igreja, fonte de esperança para a Europa (dado em Roma, no dia 28 de junho de 2003). Disponível em:

[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_jp-ii\\_exh\\_20030628\\_ecclesia-in-europa.pdf](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_20030628_ecclesia-in-europa.pdf). Consultado em 12 de janeiro de 2018.

Paulo VI, Papa. Carta Encíclica *Ecclesiam Suam*, sobre os caminhos da Igreja (dado em Roma, no dia 6 de agosto de 1964). Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-vi\\_enc\\_06081964\\_ecclesiam.pdf](http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_06081964_ecclesiam.pdf). Consultado em 12 de janeiro de 2018.

\_\_\_\_\_. Constituição Dogmática *Dei Verbum*, sobre a Revelação Divina (dado em Roma, no dia 18 de novembro de 1965). Disponível em:

[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651118\\_dei-verbum\\_po.html#](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html#). Consultado em 9 de março de 2018.

\_\_\_\_\_. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (7 de dezembro de 1965), in AAS 58 (1966), 15.

\_\_\_\_\_. Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, sobre a evangelização no mundo contemporâneo (dado em Roma, no dia 8 de dezembro de 1975). Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_p-vi\\_exh\\_19751208\\_evangelii-nuntiandi.pdf](http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.pdf). Consultado em 20 de abril de 2018.

## **2. Conferência Episcopal Portuguesa**

Conferência Episcopal Portuguesa. Nota Pastoral - *Crise de Sociedade, Crise de Civilização*. Lisboa: Secretariado Geral do Episcopado, 2001.

\_\_\_\_\_. *Carta Pastoral sobre a educação, direito e dever, missão nobre ao serviço de todos*. Lisboa: Secretariado Geral do Episcopado, 2002.

\_\_\_\_\_. “A Educação Moral e Religiosa Católica: um contributo para a formação da personalidade.” Disponível em: <http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/documentos/educacao-moral-e-religiosa-catolica-um-valioso-contributo-para-a-formacao-da-personalidade/>.

Consultado em 27 de abril de 2018.

\_\_\_\_\_. “A Escola em Portugal - Educação Integral da Pessoa.” Disponível em: <http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/documentos/a-escola-em-portugal-educacao-integral-da-pessoa/>. Consultado em 27 de abril de 2018.

Conselho Pontifício “Justiça e Paz”. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. Cascais: Principia, 2005.

### **3. Legislação**

Assembleia da República. "Declaração Universal dos Direitos do Homem de 10 de dezembro de 1948." *Diário da República*, nº 57/78, I Série A, de 9 de março de 1978, 489-493.

\_\_\_\_\_. “Resolução da Assembleia da República n.º 74/2004 ‘Concordata entre a República Portuguesa e a Santa Sé’.” *Diário da República*, nº 269/2004, I Série A, de 16 de novembro de 2004, 6741-6750.

Ministério da Educação e Ciência. "Despacho n.º 16034/2010." *Diário da República*, nº 206, II Série, de 22 de outubro de 2010, 52300-52302.

Direção Geral da Educação. “Despacho n.º 5306/2012”, de 18 de abril, in *Diário da República*, 2.ª série, n.º 77, 2012, 13952-13953.

### **4. Dicionários**

Biedermann, Hans. *Dicionário Ilustrado de Símbolos*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1993.

Birou, Alain. *Dicionário das Ciências Sociais*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1982.

Chevalier, Jean e Gheerbrant, Alain. *Dicionário dos Símbolos*. Lisboa: Editorial Teorema, Lda, 1994.

Houaiss, Antônio e Villar, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Lisboa: Temas e Debates, 2003.

### **5. Bibliografia Geral**

Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio, *Regulamento Interno*. Disponível em: [http://www.esas.pt/images/fichs/1617/docs/2016\\_RI\\_AESAS\\_vfinal.pdf](http://www.esas.pt/images/fichs/1617/docs/2016_RI_AESAS_vfinal.pdf). Consultado em 10 de maio de 2018.

- Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio, *Projeto Educativo – Triénio 2016-2018*. Braga: AESAS, 2015.
- Alegre, Manuel. “Quarto Poema do Pescador.” In Alegre, Manuel. *Senhora das Tempestades*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Sonetos do Obscuro Quê*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993.
- Ambrosio, Gianni (coord.). *Christos*. Enciclopédia do Cristianismo. Lisboa: Edições Verbo, 2004.
- Ambrósio, Juan Francisco. “A Educação Moral e Religiosa Católica na Escola Pública”, *Communio* 5, Ano XVIII (2001): 437-449.
- \_\_\_\_\_. Juan Francisco. “As religiões na escola.” *Revista Portuguesa de Ciência das Religiões* 2 (2002): 59-63.
- Amorim, João Martinho Rodrigues. “Deus e Sociedade: do presente para o futuro.” *Cenáculo* 209, 2.ª série, vol. 56 (2017): 11-17.
- Baptista, Isabel. *Capacidade ética e desejo metafísico: uma interpelação à razão pedagógica*. Porto: Afrontamento, 2007.
- Bingemer, Maria Clara Lucchetti. “Deus Mistérios de Graça e Vulnerabilidade.”, *Cenáculo* 209, 2.ª série, vol. 56 (2017): 21-45.
- \_\_\_\_\_. “Um Deus para ser amado. Algumas reflexões sobre a doutrina trinitária em Karl Rahner.” *Perspetiva Teológica* 36 (2004): 125-141.
- Carvalho, Cristina Sá. “Uma certa fé – como creem os adolescentes.” *Pastoral Catequética* 21/22 (2011/2012): 169-234.
- \_\_\_\_\_. “A experiência religiosa dos adolescentes”. *THEOLOGICA* 45, 2.ª série, 2 (2010), 411-433.
- Conferência de Imprensa de apresentação do Documento Preparatório *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional* (Vaticano, 13 de janeiro de 2017).
- Cordeiro, António et al, *Um Sentido para a Vida*. Manual do Aluno – EMRC – Ensino Secundário. Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2015.
- Correia, João Alberto Sousa. *Os Livros da Bíblia*, Volume I: Antigo Testamento. Braga: Empresa do Diário do Minho, Lta, 2009.
- Coutinho, Jorge. *Caminhos da razão no horizonte de Deus. Sobre as razões de crer*. Coimbra: Edições Tenacitas, 2010.
- Couto, António. “Deus-Pai no Antigo Testamento, nos escritos judaicos e no Novo Testamento.” In Couto, António. *Como uma Dádiva. Caminhos de Antropologia Bíblica*. Lisboa: UCE, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Pentateuco. Caminho da Vida agraciada*. Lisboa: UCP, 2003.

Cunha, Pedro. *Ética e Educação*. Lisboa: UCP, 1996.

Delors, Jacques (coord.). *Educação, um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO para a Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI*. São Paulo: Cortez, 1996.

*Diálogo do Papa Francisco com um Grupo de Jovens da Bélgica*, 31 de março de 2014. Disponível em:  
[https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/march/documents/papa-francesco\\_20140331\\_intervista-giovani-belgio.pdf](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/march/documents/papa-francesco_20140331_intervista-giovani-belgio.pdf).

Diocese de Braga. Programa Pastoral *Despertar Esperança*. Ano Pastoral 2017/ 2018.

Duque, Eduardo. *Os Jovens e a Religião na sociedade actual. Comportamentos, Crenças, Atitudes e Valores no Distrito de Braga*. Braga: Council of Europe/ Secretaria de estado da Juventude/ Instituto Português da Juventude, 2007.

Duque, João Manuel. “Pós-modernidade e Religião. A questão da violência.” In Duque, João Manuel. *Dizer Deus na Pós-modernidade*. Lisboa: Alcalá, 2003.

\_\_\_\_\_. “Religião na pós-modernidade.” In Duque, João Manuel. *Dizer Deus na Pós-modernidade* Lisboa: Alcalá, 2003, 163-206.

\_\_\_\_\_. “Sobre a educação integral do ser humano.” *Pastoral Catequética* 26 (2013): 11-21.

Eleutério, P. João. “Religioso e moral no mundo contemporâneo: perspectivas sobre o ensino da EMRC.” *Pastoral Catequética* 8 (2007): 27-44.

Elíade, Mircea. *O Sagrado e o profano. A essência das religiões*. Lisboa: Grávida, 2010.

Fowler, James. *Estágios da fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido*. São Leopoldo: Sinodal, 1992.

Fromm, Erich. *A Arte de Amar*. Cascais: Pergaminho, 2002.

Gesché, Adolphe. *JesuCristo*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2013.

Halík, Tomás. *Paciência com Deus*. Prior Velho: Paulinas Editora, 4.<sup>a</sup> ed., 2016.

Entrevista radiotelevisiva in preparazione al viaggio. *Baviera: Il Regno/Documenti* 15 (2006), 481. Disponível em: <http://www.ilregno.it/documenti/archivio>. Consultado em 20 de janeiro de 2018.

Larrabe, José Luís. “La Exhortación Apostólica *Ecclesia in Europa*. Análisis y dimensión pastoral”, *Studium – Revista Cuatrimestral de Filosofía y Teología*, vol. XLIV, fasc. 3 (2004): 383-404.

Lourenço, Eduardo. *Nós e a Europa ou as duas razões*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988.

Mendonça, José Tolentino. *As Estratégias do Desejo. Corpo e identidades um discurso bíblico*. Lisboa: Cotovia, 2.<sup>a</sup>ed. acrescida, 2003.

- Mesters, Carlos. *Com Jesus na Contramão*. Lisboa: Editora Paulinas, 1996.
- Morujão, Geraldo. “Justifica-se o Ensino Religioso nas Escolas do Estado?” *Millenium online* 6 (março 1997). Disponível em: [http://www.ipv.pt/millenium/Millenium\\_6.htm](http://www.ipv.pt/millenium/Millenium_6.htm). Consultado em 20 de abril de 2018.
- Paulo, Jorge. “Princípios organizadores e gestão do Programa de Educação Moral e Religiosa Católica.” *Pastoral Catequética* 8 (2007): 89-110.
- Pereira, Jorge Paulo. “Intencionalidade e Pedagogia no Programa.” *Pastoral Catequética* 21/22 (2011/2012): 37-48.
- Rahner, Karl, *Curso Fundamental da Fé. Introdução ao conceito de Cristianismo*. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.
- Ricoeur, Paul. *Entre filosofia e teologia II: nomear Deus*. São Paulo: Loyola, 1996.
- Rocha, Maria de Fátima Bastos. “Educação Moral e Religiosa Católica e Ensino Básico”. In Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Forum de Educação Moral e Religiosa Católica*. Lisboa: SNEC, 2005, 141-146.
- Secretariado Nacional da Educação Cristã. *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2014.
- Serralheiro, Deolinda. *O Acto Educativo, Religioso e Moral*. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 1996.
- Taylor, Charles. *A Era Secular*. Lisboa: Instituto Piaget, 2012.
- Varanda, Isabel. “Questões sociais do nosso tempo.” *THEOLOGICA* 40, 2.<sup>a</sup> série, 1 (2005): 71-88.
- Velasco, Juan Martín. *El malestar religioso de nuestra cultura*. Madrid: San Pablo, 3.<sup>a</sup> ed., 1993.

## 6. Bibliografia sobre José Régio

### Ativa

- Régio, José. *Poemas de Deus e do Diabo*. Coimbra, s.d. [1926: edição privada].
- \_\_\_\_\_. *Biografia*. Coimbra: Edições Presença, 1929.
- \_\_\_\_\_. *As Encruzilhadas de Deus*. Coimbra: Tip. Atlântida, 1936.
- \_\_\_\_\_. *Fado*. Coimbra: Arménio Amado, 1941.
- \_\_\_\_\_. Excerto da entrevista dada à RTP, em 1968.
- \_\_\_\_\_. *Confissão dum Homem Religioso*. Porto: Editora Brasília, 1971.
- \_\_\_\_\_. *Páginas do Diário Íntimo*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Correspondência*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1994.

\_\_\_\_\_. *Correspondência Familiar. Cartas a seus Pais*. Portalegre: Câmara Municipal de Portalegre/ Centro de Estudos José Régio, 1997.

\_\_\_\_\_. *Páginas do Diário Íntimo*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2.<sup>a</sup> ed., 2000.

\_\_\_\_\_. *Confissão dum Homem Religioso*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2001.

\_\_\_\_\_. *Poesia* – vol. I. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2001.

\_\_\_\_\_. *As Encruzilhadas de Deus*. Vila do Conde: CER – Centro de Estudos Regianos, Edição Fac-similada, 2006.

### **Epistolografia**

Carta de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões, de 3 de dezembro de 1931.

Carta de José Régio para Alberto de Serpa, Portalegre, 12/6/1952.

Bilhete-postal de José Régio para Alberto de Serpa, Coimbra, 10/10/1952.

Carta de José Régio para Alberto de Serpa, Portalegre, 4/12/1952.

Carta de José Régio a Alberto de Serpa, Portalegre, 20/01/1955.

Carta de José Régio a Alberto de Serpa, Portalegre, 28/01/1955.

Carta de José Régio a Alberto de Serpa, Portalegre, 20/07/1955.

Carta de José Régio a Alberto de Serpa, Portalegre, 29/11/1955.

### **Espólios literários**

*Correspondência*. CER - Centro de Estudos Regianos/ Câmara Municipal de Vila do Conde.

*Desenhos*. CER - Centro de Estudos Regianos/ Câmara Municipal de Vila do Conde.

*Manuscritos e Correspondência*. CER - Centro de Estudos Regianos/ Câmara Municipal de Vila do Conde.

### **Passiva**

Carvalho, Alberto Martins de. “O meu amigo Reis Pereira”. In J. Silva Couto (org.), *In Memoriam de José Régio*. Porto: Brasília Editora, 1.<sup>a</sup> ed., 1970, 27-39.

Falcão, Feliciano. *Memória Viva*. Portalegre: Edições Calibri/ Câmara Municipal de Portalegre, 2003.

Lapa, Rodrigues. *O Diabo*, 26-4-1936.

Lisboa, Eugénio. *José Régio: a obra e o homem*. Viseu: Editora Arcádia, 1.<sup>a</sup> ed., 1976.

\_\_\_\_\_. “O Mundo de Régio” (Prefácio). In Novais, Isabel Cadete. *José Régio: Itinerário Fotobiográfico*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda/ Câmara Municipal de Vila do Conde, 2002.

Lourenço, Eduardo. “As confissões incompletas ou a religião de RÉGIO.” *Revista Estudos Regianos* 22-23 (janeiro 2016-dezembro 2017): 41-49.

Marques, João Francisco. “José Régio e a Paixão pelas Antiguidades – A Sensibilidade de um Artista e um Místico.” *Boletim Estudos Regianos* 6-7 (2000): 40-43.

\_\_\_\_\_. *Raízes e Percurso de José Régio (1901-1969)*. Vila do Conde: Centro de Estudos Regianos, 2001.

\_\_\_\_\_. “Para uma reflexão sobre Régio, homem religioso.” *Revista Estudos Regianos* 8-9 (junho-dezembro 2001): 75-90.

Martines, Enrico. *José Régio: versos esparsos e inacabados*. Vila do Conde: CER - Centro de Estudos Regianos, 2016.

Martinho, Fernando J. B. “Oitava e Sarça: José Régio e Camões.” *Boletim Estudos Regianos* 12-13 (junho-dezembro 2004): 185-192.

Neves, Joaquim Pacheco. *Os desenhos de Régio*. Vila do Conde: Câmara Municipal de Vila do Conde, 1989.

Novais, Isabel Cadete. *José Régio: Itinerário Fotobiográfico*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda/ Câmara Municipal de Vila do Conde, 2002.

\_\_\_\_\_. *José Régio: Percursos e Discursos de uma Vida. Itinerário Fotobiográfico*. Vila do Conde: CER - Centro de Estudos Regianos, 2017.

Pimentel, Diana. “Biografia: ausente de si.” *Boletim Estudos Regianos* 2 (junho 1998): 70-71.

Piva, Luiz. *José Régio – o ser conflituoso. Dualismo e Estilo*. Porto: Brasília Editora, 1977.

Poppe, Manuel. *José Régio e a Vocação da Sinceridade*. Vila do Conde: Círculo Católico de Operários de Vila do Conde, 1999.

Real, Miguel. “Régio – O Grande Solitário” (Prefácio). In Novais, Isabel Cadete. *José Régio: Percursos e Discursos de uma Vida. Itinerário Fotobiográfico*. Vila do Conde: CER - Centro de Estudos Regianos, 2017.

Teixeira, António Braz. “A ideia de Deus e a religião em José Régio.” *Revista Estudos Regianos* 12-13 (junho-dezembro 2004): 45-52.

## **7. Bibliografia consultada sobre as Religiões**

Battistini, Matilde (coord.). *Dicionários das Religiões: Cristianismo I*, vol. 1. Lisboa: Público, Comunicação Social, SA, 2011.



\_\_\_\_\_. Dicionários das Religiões: Cristianismo II, vol. 2. Lisboa: Público, Comunicação Social, SA, 2011.

\_\_\_\_\_. Dicionários das Religiões: Budismo I, vol. 3. Lisboa: Público, Comunicação Social, SA, 2011.

\_\_\_\_\_. Dicionários das Religiões: Budismo II, vol. 4. Lisboa: Público, Comunicação Social, SA, 2011.

\_\_\_\_\_. Dicionários das Religiões: Islão I, vol. 5. Lisboa: Público, Comunicação Social, SA, 2011.

\_\_\_\_\_. Dicionários das Religiões: Islão II, vol. 6. Lisboa: Público, Comunicação Social, SA, 2011.

\_\_\_\_\_. Dicionários das Religiões: Judaísmo I, vol. 7. Lisboa: Público, Comunicação Social, SA, 2011.

\_\_\_\_\_. Dicionários das Religiões: Judaísmo II, vol. 8. Lisboa: Público, Comunicação Social, SA, 2011.

\_\_\_\_\_. Dicionários das Religiões: Hinduísmo I, vol. 9. Lisboa: Público, Comunicação Social, SA, 2011.

\_\_\_\_\_. Dicionários das Religiões: Hinduísmo II, vol. 10. Lisboa: Público, Comunicação Social, SA, 2011.

Borau, José Luís Vásquez. *El Hecho Religioso*. Madrid: San Pablo, 2003.

Delumeau, Jean (dir.). *As Grandes Religiões do Mundo*. Lisboa: Editorial Presença, 1997.

Dhavamony, Mariasusai. *Teología de las Religiones*. Madrid: San Pablo, 1998.

Gaer, Joseph. *As Grandes Religiões*. Alfragide: Publicações Dom Quixote, 1973.

Hatzfeld, Henri. *As Raízes da Religião*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

Holm, Jean e Bowker, Jonh (coord.). *Lugares Sagrados*. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1999.

Letria, José Jorge. *As Religiões explicadas aos Jovens... e aos Outros*. Lisboa: Terramar, 2005.